

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS
CURSO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

DANIEL SCHEREN DA CRUZ

**ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL AUTÔNOMA E VEÍCULOS DE
COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO NAS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE 2015 E 2016**

ERECHIM
2023

DANIEL SCHEREN DA CRUZ

**ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL AUTÔNOMA E VEÍCULOS DE
COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO NAS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE 2015 E 2016**

Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para a obtenção do título de mestre sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Muller.

ERECHIM
2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cruz, Daniel Scheren da

Estratégia Comunicacional Autônoma e veículos de comunicação: uma análise comparativa das estratégias de comunicação nas ocupações escolares de 2015 e 2016 / Daniel Scheren da Cruz. -- 2023.

115 f.:il.

Orientador: Doutor Paulo Ricardo Müller

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim,RS, 2023.

1. Movimento estudantil. 2. Veículos comunicacionais. I. Müller, Paulo Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

DANIEL SCHEREN DA CRUZ

**ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL AUTÔNOMA E VEÍCULOS DE
COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO NAS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE 2015 E 2016**

Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para a obtenção do título de mestre, defendido em banca examinadora em 05/12/2023

Aprovado em: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Ricardo Müller – UFFS
Presidente da banca/orientador

Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari –
UFFS
Membro titular externo

Prof. Dr. Fernando Vojniak – UFFS
Membro titular interno

ERECHIM
2023

RESUMO

Esta dissertação investiga as ocupações escolares secundaristas de 2015 e 2016, por meio de uma análise comparativa entre as abordagens de noticiamento adotadas por estudantes e veículos de comunicação hegemônicos e contra-hegemônicos. Inserida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, com ênfase na linha de pesquisa sobre sujeito e linguagem, a pesquisa explora o contexto histórico e social que desencadeou essas ocupações, especialmente as manifestações de 2015, inicialmente motivadas pela reorganização escolar em São Paulo. Inspiradas pela Revolta dos Pinguins no Chile em 2006 e pelas manifestações de rua de 2013 no Brasil, as ocupações estudantis tornaram-se um fenômeno de impacto em todo o país em 2016. A análise comparativa entre diferentes veículos de comunicação é fundamental para entender o impacto dessa escolha comunicacional autônoma dos secundaristas. Logo, entende-se melhor a estratégia comunicacional autônoma adotada pelos estudantes, enfatizando o papel do Coletivo O Mal Educado, especialmente através do Facebook. Conclui-se avaliando a diferença entre os modos de comunicar entre os veículos comparados e como os meios criados pelos próprios estudantes foram importantes para a construção de uma narrativa favorável às ocupações, vindos de dentro e fora da comunidade escolar.

Palavras Chaves: Ocupações Secundaristas; Veículos de comunicação; Hegemonia; Plataformas Digitais.

ABSTRACT

This thesis investigates the secondary school occupations of 2015 and 2016 through a comparative analysis of the reporting approaches adopted by students and hegemonic and counter-hegemonic media outlets. Embedded within the Interdisciplinary Postgraduate Program in Human Sciences, focusing specifically on the subject and language research line, the study explores the historical and social context that triggered these occupations, particularly the 2015 protests initially sparked by the school reorganization in São Paulo. Inspired by the Chilean Penguin Revolution in 2006 and the street protests in Brazil in 2013, student occupations became a nationwide impactful phenomenon in 2016. The comparative analysis among different media outlets is crucial for understanding the impact of the autonomous communication choice made by secondary school students. Consequently, a better comprehension of the independent communication strategy employed by students is possible, emphasizing the role of the Coletivo O Mal Educado, particularly through Facebook. The conclusion assesses the differences in communication methods among the compared outlets and highlights how the channels created by the students themselves were essential for shaping public opinion and garnering support for the occupations, both within and beyond the school community.

Keywords: Secondary School Occupations; Media Outlets; Hegemony; Digital Platforms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A vida em uma escola - El País.....	42
Figura 2 -	Reforma do Ensino Médio - El País.....	43
Figura 3 -	Sem acordo, estudantes decidem... - UOL.....	44
Figura 4 -	Secundaristas são pressionados - El País.....	44
Figura 5 -	MP vê “excessos” de diretora - UOL.....	45
Figura 6 -	Ocupações do IFC de Rio do Sul - G1.....	45
Figura 7 -	Adolescente é encontrado morto - G1.....	47
Figura 8 -	Estudantes de São Lourenço do Oeste - Desacato.....	47
Figura 9 -	Juiz determina decisão favorável - Desacato.....	48
Figura 10 -	Ocupar e resistir - Desacato.....	48
Figura 11 -	Carta dos estudantes - Desacato.....	49
Figura 12 -	Secundaristas são arrastados - Jornalistas Livres.....	50
Figura 13 -	Secundaristas são perseguidos - Jornalistas Livres.....	51
Figura 14 -	Contra o extermínio da educação - Portal Vermelho.....	51
Figura 15 -	Com mais de mil escolas ocupadas - Brasil de Fato.....	52
Figura 16 -	Laudo da polícia aponta - G1.....	53
Figura 17 -	Adolescente é morto por colega - Folha de São Paulo.....	54
Figura 18 -	Polícia do Paraná diz que estudante - UOL.....	55
Figura 19 -	Após morte em escola ocupada - El País.....	55
Figura 20 -	Jovem é encontrado morto em escola - Rede Brasil Atual.....	56
Figura 21 -	Morte de adolescente no Paraná - Brasil de Fato.....	59
Figura 22 -	Publicação sobre manifestação de estudantes.....	60
Figura 23 -	Publicação informativa sobre ato em São Paulo.....	61
Figura 24 -	Publicação informativa sobre o apoio dos pais às ocupações.	61
Figura 25 -	Publicação sobre Rádio Comunitária na Universidade Federal de Goiás.....	62
Figura 26 -	Exemplo de publicação de caráter informativo e	62

	denunciativo.....	
Figura 27 -	Post de denúncia sobre invasão da Polícia Militar.....	63
Figura 28 -	Publicação denunciativa sobre agressões da PM contra estudantes.....	64
Figura 29 -	Publicação de denúncia sobre repressão do Estado.....	64
Figura 30 -	Publicação denunciativa sobre atuação da PM.....	65
Figura 31 -	Publicação denunciativa sobre o golpe da UNIESP.....	66
Figura 32 -	Publicação de caráter denunciativo e mobilizatório.....	67
Figura 33 -	Publicação mobilizatória para ato presencial.....	68
Figura 34 -	Uso da ferramenta Evento para divulgação de atividades.....	68
Figura 35 -	Utilização da ferramenta Eventos para mobilização para Assembleia Geral.....	69
Figura 36 -	Publicação com caráter mobilizatório para doações.....	70
Figura 37 -	Publicação de mobilização entre professores.....	70
Figura 38 -	Publicação de mobilização para reunião de professores.....	71
Figura 39 -	Publicação de caráter mobilizatório para atividade regional.....	72
Figura 40 -	Publicação de caráter opinativo.....	72
Figura 41 -	Publicação divulgando texto opinativo de jornal.....	73
Figura 42 -	Repost de uma publicação divulgando texto opinativo de jornal.....	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Período, Estado e Pautas das ocupações escolares.....	26
Quadro 2 - Relação de referências.....	30
Quadro 3 - Fontes dos dados coletados.....	36

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Unidades federativas conforme os períodos com ocupações escolares.....	28
Mapa 2 -	Unidades federativas conforme as pautas das ocupações escolares.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DOS PINGUINS NO CHILE AO FORA TEMER NO BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NECESSÁRIA.....	19
3 METODOLOGIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	35
3.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	36
3.2 REVISÃO TEÓRICA.....	38
4 DADOS E DISCUSSÃO.....	45
4.1 VEÍCULOS HEGEMÔNICOS DE COMUNICAÇÃO.....	45
4.2 VEÍCULOS NÃO-HEGEMÔNICOS DE COMUNICAÇÃO.....	49
4.3 HEGEMÔNICOS E NÃO-HEGEMÔNICOS: VÁRIOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, DIVERSOS OLHARES.....	55
4.4 UMA COMUNICAÇÃO “MAL EDUCADA”: UM OLHAR SOBRE AS POSTAGENS REALIZADAS PELO COLETIVO O MAL EDUCADO DURANTE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE 2016.....	62
5 ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL AUTÔNOMA: ALTERNATIVAS NECESSÁRIAS DE RESISTÊNCIA.....	78
5.1 A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE AS OCUPAÇÕES.....	79
5.2 O FACEBOOK COMO UM INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO.....	81
5.3 PAPEL INFORMATIVO E EDUCACIONAL DO COLETIVO.....	83
5.4 A ATUAÇÃO DOS VEÍCULOS NÃO-HEGEMÔNICOS NAS OCUPAÇÕES..	85
5.5 A ATUAÇÃO MUDIÁTICA DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO HEGEMÔNICOS.....	87
5.6 REDES SOLIDÁRIAS AUTÔNOMAS E DE AFETO.....	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	102

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação discorre sobre as ocupações estudantis do final de 2016, mais especificamente sobre os modos de divulgação de eventos e episódios da mobilização por parte de estudantes e outros veículos de mídia. Tal pesquisa se insere no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, na linha de pesquisa referente a sujeito e linguagem.

No decorrer desta introdução, será apresentado as especificidades e a estruturação deste trabalho. Contudo, em um primeiro momento, relatarei um pouco sobre o percurso da pesquisa que me trouxe até aqui. Para tal, gentilmente peço licença aos leitores para que eu possa me comunicar em primeira pessoa nos próximos parágrafos da introdução. Retornando a usar uma forma impessoal no restante da escrita.

Irei realizar a referida apresentação do percurso da pesquisa, pois considero importante que seja descrito como ocorreu o processo de investigação. Processo o qual, de alguma maneira, acaba influenciando no presente trabalho de dissertação.

Durante os anos de 2016 e 2018, o autor desta pesquisa, ingressou na EIEF Fen'nó como professor de Sociologia e Filosofia. Mesmo que não tenha sido o primeiro contato, visto que já havia participado como bolsista de extensão em um projeto intitulado Cinema na Aldeia. Projeto no qual, algumas escolas eram visitadas para debatermos com professores e estudantes sobre protagonismo indígena.

Uma dessas escolas visitadas foi a escola Fen'nó, localizada na Terra Indígena Toldo Chimbanguê. Na qual, como citado, tive a oportunidade de regressar como educador. Durante estes três anos de experiência como professor na educação indígena, alguns desafios se apresentaram. Posso citar dois: a adequação da transposição pedagógica, o que contribuiu com a minha formação prática enquanto educador; e a necessidade de realizar conexões entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Uma experiência importante de ser relatada durante este período, é sobre a capacidade de articulação e mobilização desta comunidade. Durante os três anos presenciei, e experienciei, vários momentos com manifestações trancando rodovias por conta de pautas diversas, trabalhos de resgate e/ou manutenção da memória dos anciões, encontros com debates sobre a manutenção de seus direitos enquanto povos originários, entre outros.

Um desses momentos ocorreu logo ao final de 2016, quando um grupo de estudantes do ensino fundamental ocupou a escola na esteira das ocupações que estavam acontecendo em outras escolas da cidade, do estado, e até do país. No caso, aqui se refere às ocupações de final de 2016. Aquelas que foram articuladas a partir de pautas como a contrariedade que se tinha à proposta do Novo Ensino Médio.

Nesta ocasião os estudantes chegaram na escola mais cedo do que habitual, entrando no prédio junto com as servidoras que faziam a limpeza e a merenda, para ocupar a escola em protesto. Quando a direção, professores e outros estudantes chegaram na escola, os ocupantes deixaram bem claro que naquele dia não haveria aula.

No decorrer daquela manhã, o cacique e outras lideranças da comunidade compareceram na escola para acompanhar o que estava rolando. Os estudantes realizaram uma assembleia para deliberar sobre a ocupação, o que foi feito de forma unânime. Em seguida, organizaram-se em questões referentes à autogestão do espaço, sobre as atividades que seriam desenvolvidas, estratégias utilizadas, sobre os grupos de trabalho, entre outras coisas.

Observei, mas não somente isso. Também fui agente ativo, participativo, dentro daquilo que me cabia como educador. Inclusive, chegando a estabelecer contato com algumas pessoas que poderiam auxiliar com as atividades pedagógicas extracurriculares, além de acompanhar um pequeno grupo até Florianópolis onde ocorreu uma audiência pública sobre o Novo Ensino Médio.

Na época não se tinha a pretensão de estudar o fato que estava vivenciando. Contudo, anos mais tarde, diante da oportunidade de ingressar no mestrado, resolvi estudar as ocupações a partir do caso da escola Fen'nó. Sendo assim, a ideia inicial seria compreender a ocupação da referida escola indígena a partir da noção de territorialidade na formação e/ou afirmação de um perfil político ideológico.

Já na sequência da pesquisa, observamos a necessidade de substituir a ideia de território e disputa política. Desta forma, o recorte teórico passaria a ser feito pela noção de conceitos como rebeldia e autonomia. Principalmente, o conceito de autonomia em autores como Cornelius Castoriadis. Sem deixar de passar por discussões referente às juventudes e, especificamente, juventude indígena.

Entretanto, houveram alguns percalços pelo caminho. Dentre eles, cito a dificuldade metodológica. Como já havia transcorrido algum tempo entre a ocupação

e o desenvolvimento da pesquisa, algumas questões acabaram se tornando um empecilho para a continuidade do trabalho.

A princípio, a ideia era realizar um trabalho a partir de um resgate de memórias do próprio autor e de outras pessoas envolvidas no processo. Mas como não havia uma intenção, durante a realização da ocupação, de desenvolver um trabalho de pesquisa sobre o ocorrido, o registro da memória não foi devidamente realizado para servir como material referencial de pesquisa.

Da mesma forma, houve uma dispersão dos estudantes mais ativos na ocupação. Incluindo, principalmente, aqueles que foram até Florianópolis para participar da audiência pública sobre o Novo Ensino Médio. Tal dispersão, tornou-se um obstáculo na obtenção dos contatos para a realização do registro da memória destes educandos.

Para evitar com que a pesquisa seguisse sem uma fundamentação metodológica mais consistente, resolvi mudar o rumo do trabalho. Como um dos poucos registros sobre a ocupação da escola Fen'nó estava no portal Desacato, decidi seguir esse fio para chegar em um novo recorte para a presente dissertação.

Desta maneira, chegamos a ideia de observar a forma como os veículos hegemônicos e não-hegemônicos de comunicação noticiaram as ocupações secundaristas. Desta ideia, ainda, observamos a necessidade de olhar para os ocupantes como agentes autônomos e portadores de sua própria narrativa, buscando compreender esta dinâmica na lógica rizomática de Deleuze e Guattari. De tal forma chegamos à ideia da estratégia comunicacional autônoma. Assim, destacando a importância do movimento utilizar-se de ferramentas para poder comunicar a sua própria visão dos fatos sem depender de terceiros. Nos anexos deste trabalho, pode ser encontrado um relato feito por mim que seria parte de um dos capítulos da ideia original da pesquisa.

A partir desse relato, convido os leitores a seguirem nesta introdução que pretende conduzi-los por um breve contexto social e histórico que de alguma forma engrossa o caldo social que se insere a realização das ocupações escolares por boa parte do país.

Ainda em 2015, ocorreram vários movimentos de ocupação das escolas em diferentes locais e por diferentes motivos. Talvez, neste momento, o que mais tenha tido visibilidade nacional tenha sido a ocupação das escolas públicas no Estado de São Paulo. Na época, o Governo de Geraldo Alckmin pretendia fazer uma dita

reorganização escolar, a qual acabaria por fechar várias unidades escolares. Segundo Paes e Pipano (2017), esta foi uma medida vertical sem consulta às gestões de ensino e mudava a dinâmica do cotidiano escolar. Os autores explicam que,

A proposta de reorganização do modelo escolar definia a separação dos ciclos escolares – ensino fundamental I, ensino fundamental II ou ensino médio – em cada unidade de ensino, a partir de 2016. Até então, as escolas poderiam compreender diferentes ciclos, integrando alunos de idades distintas em séries simultâneas, permitindo o convívio entre crianças e jovens, maiores e menores, e estimulando o intercâmbio sociocultural e intelectual. Com a nova mudança, cada escola deveria compreender apenas um dos ciclos de ensino, o que afetaria cerca de 1.000 unidades das 5.108 que compõem a rede estadual de educação, abarcando um total de 3,8 milhões de alunos regularmente matriculados” (PAES e PIPANO, 2017, p. 9).

Os estudantes se mobilizaram na tentativa de barrar tal projeto. Na escalada dos protestos, em um determinado momento, os estudantes optaram pela ocupação das escolas como um último recurso utilizado para conquistar o objetivo do movimento.

Entretanto, para abordar esta situação é interessante olhar para um momento anterior. Para David e Martins (2021) pode-se perceber a inspiração organizacional que outros dois acontecimentos exercem, de alguma forma, sobre as ocupações de 2015. Para as autoras, um dos primeiros acontecimentos é a Revolta dos Pinguins ocorrida no Chile em 2006. A Revolta dos Pinguins consistiu na mobilização dos estudantes chilenos, principalmente por causa do passe livre escolar. Mas conforme o movimento ia escalando a repressão também ia crescendo. Isto acabou desencadeando uma série de ocupações que pediam a reformulação estrutural da educação pública no Chile. Essa experiência chilena seria, mais tarde, uma das inspirações para o movimento estudantil brasileiro (DAVID e MARTINS, 2021; RIBEIRO e PULINO, 2019).

Todavia, além do caso chileno, também pode ser citado as várias manifestações de rua ocorridas em 2013, como uma influência para o movimento das ocupações escolares. Tais manifestações, que alguns autores convencionaram chamar de “Jornada de Junho” (MEDEIROS, 2014; VOMMARO, 2015; TATAGIBA e GALVÃO, 2019) ou “Revolta dos Governados” (MORAES, 2018; JOURDAN, 2018; FRANÇA, 2022), ocorreram inicialmente por conta da mobilização contrária ao aumento da tarifa de ônibus em São Paulo. Neste contexto, o Movimento Passe

Livre iniciou sua mobilização, que por mais que sofresse fortes repreensões pelo Estado, conseguiu ser impulsionado a nível nacional, englobando um conjunto variado de pautas.

Como mencionado, essas duas experiências de alguma maneira impactaram na organização dos estudantes que optaram pela ocupação dos espaços escolares como seu mecanismo de luta reivindicatória. Mas como já supracitado, essa sequência de acontecimentos não são compreendidos como causa e efeitos onde todos estão intimamente conectados. Este trabalho entende os dois fenômenos anteriores como inspirações de organização (outros, como o movimento Occupy, também poderiam ser elencados aqui).

Esse caldo mobilizacional acabou influenciando nas ocupações estudantis de 2016, as quais também ocorreram em diversos locais e com diversas pautas. Contudo, destaca-se o período final de 2016. Nesta ocasião, as ocupações ganharam contornos nacionais, quando ocorreu uma unificação da pauta que orbitava em torno de três bandeiras principais, as quais podem ser resumidas como um posicionamento contrário ao congelamento dos gastos da união, à reforma do ensino médio, e ao projeto do Escola Sem Partido. Lembrando que esta nacionalização da pauta não necessariamente significou uma articulação nacional.

No caso das ocupações escolares de 2016, destaca-se ainda a utilização das mídias sociais como forma de comunicação desses estudantes. A criação do Coletivo O Mal Educado foi um meio para isso. Este coletivo foi uma organização autônoma secundarista, não ligada a partidos, movimentos ou instituições, que tinha como objetivo divulgar a luta dos estudantes, além de intermediar e disponibilizar materiais e recursos para articulação entre as escolas ocupadas. Este movimento estudantil era composto por integrantes de algumas escolas como a Escola Estadual de Diadema. Foi este coletivo que traduziu do espanhol para o português a cartilha argentina “Como ocupar um colégio” (RIBEIRO e PULINO, 2019).

Considera-se importante olhar para isso pois, embora tenha-se algumas experiências de utilização das mídias sociais por parte de movimentos populares de cunho progressista, isto só teve maior destaque a partir da década de 2010, e mais fortemente, com as ocupações secundaristas. Em contrapartida, pode-se observar uma presença mais marcante de movimentações do espectro político mais à direita também se utilizando das mídias sociais para difundir sua visão de mundo e

arrebanhar adeptos. Situação que pode ter tido certa contribuição no resultado das eleições presidenciais de 2018 (PINHEIRO MACHADO, 2019; CESARINO, 2020).

É neste contexto que se pretende estudar sobre a escolha comunicacional desses estudantes, através do uso de mídias online e canais autônomos, em comparação com veículos de mídia tradicionais (oriundos de canais de rádio, TV e jornais) e veículos de mídia contra-hegemônicos, nas definições de Andrade e Nunes (2021). Desta forma, pergunta-se: Qual a contribuição da estratégia comunicacional autônoma das ocupações escolares de 2016 para os movimentos populares e quais as diferenças basais para outros veículos de mídia? A partir deste problema inicial, outras questões podem ser levantadas como: Que contexto social e histórico nos leva a pensar sobre esse tema? Quais as diferenças nos discursos comunicados pelas diferentes fontes? Existem diferenças de comunicação ao comparar os diferentes veículos de mídia e se sim, quais os impactos dessas diferenças? Como a página no Facebook se tornou uma importante estratégia comunicacional utilizada pelo coletivo O Mal Educado durante as ocupações de 2016?

Para responder ao problema principal supracitado, esta dissertação busca realizar uma análise comparativa entre diferentes veículos de comunicação, entre eles a página do Coletivo Mal Educado no Facebook, veículos de comunicação hegemônicos e veículos de comunicação contra-hegemônicos (ANDRADE; NUNES, 2021). Para chegar em tal objetivo, torna-se importante outros pontos como: considerar o contexto social e histórico anterior e posterior as ocupações de 2016; entender a importância da estratégia comunicacional autônoma por parte dos secundaristas; relatar o uso da página do Facebook do coletivo O Mal Educado e averiguar as particularidades comunicacionais por meio desta ferramenta; apurar o uso de uma estratégia comunicacional autônoma como forma de dar viabilidade de organização das ocupações.

Cada um dos objetivos citados no parágrafo anterior contribui de algum jeito para a devida estruturação deste trabalho. Ao entender a conjuntura social e histórica anterior e posterior as ocupações escolares de 2016 e a comunicação de tal ocupação, em comparação com a divulgação dos mesmos acontecimentos por parte de outros veículos de comunicação, pode-se compreender de forma mais substancial a importância da utilização de uma estratégia comunicacional autônoma por parte dos movimentos populares.

Ao se deparar com as informações relatadas até este momento, percebe-se que o tema possui relevância ao estudar sobre como os estudantes conseguiram se organizar a partir do uso das plataformas digitais como o Facebook. Isto é relevante, pois nos apresenta uma alternativa de organização, mobilização e difusão de ideias na disputa política travada entre diferentes espectros políticos.

A estruturação da pesquisa foi realizada de maneira que a mesma fosse apresentada de uma forma clara e objetiva. Assim sendo, separou-se todo este intento em três capítulos. Os quais seguem minimamente descritos nos próximos parágrafos.

No capítulo 1, encontra-se a introdução deste trabalho, seguido do capítulo 2, onde será contextualizado o cenário social e político das ocupações estudantis ocorridas em 2016, assim como o cenário que as antecedeu. Para isso será abordado alguns pontos já citados nesta introdução como o fenômeno chileno conhecido como Revolta dos Pinguins, e as grandes manifestações de rua ocorridas por quase todo o Brasil em meados de 2013, assim como a influência que estes dois momentos históricos podem ter desempenhado sobre as ocupações escolares de 2015, e conseqüentemente de 2016.

No capítulo 3 apresenta-se a metodologia empregada para desenvolver esta pesquisa comparativa. Ainda no mesmo capítulo, também será apresentado o referencial teórico utilizado para interpretar os dados e o fenômeno descritos no decorrer do texto. Resumidamente, o processo metodológico consiste na coleta manual de dados em plataformas online, submetidos posteriormente as análises comparativas e qualitativas pertinentes para cumprir com o objetivo da presente pesquisa. Já a base teórica da pesquisa se sustenta nos conceitos de Máquina e Rizoma, de Deleuze e Guattari, em diálogo com autores de áreas interdisciplinares que também refletiram sobre os movimentos secundaristas no Brasil.

No capítulo 4 do presente trabalho, será abordada a questão referente à divulgação das ocupações nos diferentes veículos de comunicação. Desta forma, pretende-se desenvolver as análises comparativas entre notícias sobre os mesmos acontecimentos referentes às ocupações. Assim, espera-se encontrar diferenças entre os modos de noticiar e compreender os prováveis efeitos de cada abordagem. Não obstante essa discussão, o capítulo também apresentará o uso da página do Facebook do coletivo O Mal Educado, para compreender como esta ferramenta

contribuiu para estabelecer uma estratégia comunicacional autônoma dos estudantes perante os outros veículos de comunicação.

No Capítulo 5, após a apresentação dos dados e a análise, é realizada a discussão dos mesmos. Neste capítulo, são apresentados os elementos e argumentos relacionados à disputa de narrativa sobre as ocupações, dependendo da fonte acompanhada. Discute-se também a diferença nos modos de comunicação entre veículos hegemônicos e contra-hegemônicos, bem como a importância da criação de uma página no Facebook como uma alternativa autônoma para que os estudantes pudessem divulgar e informar sobre seus próprios atos e eventos.

E para concluir esta dissertação, no capítulo 6, elaboram-se as considerações finais sobre a presente pesquisa. Entre os pontos elencados, está o destaque para as diferentes abordagens de cada veículo de comunicação analisado, considerando como os diferentes fatores podem contribuir para noticiar os mesmos acontecimentos de forma distinta. Apesar disso, entende-se que as diferentes fontes analisadas contribuíram para a formação da opinião pública sobre as ocupações secundaristas. Tendo isso em conta, compreende-se mais a importância do uso de ferramentas e estratégias de comunicação autônomas, como foi a página do Facebook do Coletivo O Mal Educado, para ocasião das ocupações de 2015 e 2016.

Realizada toda esta explanação, fica aqui o convite para que o leitor possa prosseguir na leitura. Sendo conduzido, gentilmente, pelas reflexões que serão humildemente apresentadas no decorrer do texto.

2 DOS PINGUINS NO CHILE AO FORA TEMER NO BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NECESSÁRIA

Como descrito anteriormente, este trabalho busca fazer uma análise comparativa e compreender a importância de estratégias comunicacionais autônomas das ocupações escolares de 2016. Entretanto, teve um conjunto de acontecimentos anteriores e posteriores na esteira da história que são interessantes para se pensar as ocupações escolares do final de 2016. Dentre os acontecimentos, destaca-se as ocupações secundaristas de 2015 e sua inspiração vinda da Revolta dos Pinguins, assim como as manifestações massivas de rua ocorridas em meados de 2013 em todo Brasil.

Logo, ao olhar para estes dois momentos como inspirações e não como causa e consequência continuísta, pode-se começar pela ordem cronológica mesmo. Sendo assim, aborda-se inicialmente a Revolta dos Pinguins ocorrida no Chile em 2006, sendo esta uma experiência muito significativa no escopo do movimento estudantil. Para Azevedo (2016), os próprios estudantes envolvidos com a ocupação estudantil paulista de 2015 assumem que a Revolta dos Pinguins foi uma inspiração para eles. Mas afinal, o que foi a Revolta dos Pinguins?

Primeiramente, pode-se relatar o motivo do apelido “pinguim” aos estudantes chilenos. Isto por conta dos uniformes que os deixariam com uma aparência de pinguim por causa da distribuição de cores no traje. Daí o nome Revolta dos Pinguins. As manifestações iniciaram pela reivindicação do passe livre escolar. Contudo, conforme a manifestação ia crescendo, as práticas repressivas do Estado chileno também cresciam em igual proporção. Obrigando, assim, com que os manifestantes passassem a ocupar as instituições de ensino de todo o país como estratégia para conter a repressão policial. Neste momento a pauta do movimento cresce e passa a ser direcionada para pensar uma reformulação no sistema público de ensino do país.

O impacto midiático e o novo pacto educacional chileno indicaram uma nova forma de mobilização que impactou a organização secundarista em outros países (ZIBAS, 2008). Países como Argentina, Uruguai e Brasil, também viram seus estudantes se articularem em movimentos de ocupação de instituições de ensino como forma de reivindicação (SANTANA, 2021). No caso brasileiro, este repertório de mobilização dentre os secundaristas foi popularizado pelos estudantes paulistas

ainda em 2015. Diante deste cenário interno, percebe-se que além dos chilenos, nossos estudantes tiveram inspiração dos argentinos. A ocupação como estratégia mobilizadora foi operacionalizada pelos argentinos da Frente de Estudantes Libertarios. Estes, inspirados na própria vivência de luta além da influência vinda da Revolta dos Pinguins, criaram uma cartilha onde davam um passo a passo de como realizar a ocupação de uma escola.

Todavia, nesta altura da escrita, importa também entender um pouco sobre a conjuntura das Jornadas de Junho de 2013, ou Revolta dos Governados, no contexto político da juventude brasileira. É evidenciado por alguns trabalhos realizados sobre estas jornadas, que a mesma foi impulsionada inicialmente pela articulação do Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo contra o aumento da tarifa do ônibus (MEDEIROS, 2014; TATAGIBA, 2014). Segundo Medeiros (2014), foi a primeira grande mobilização social no Brasil depois do impeachment de Fernando Collor, reunindo milhões de jovens em mais de mil cidades distribuídas pelo território nacional.

Tatagiba (2014) compreende as Jornadas de Junho como parte integrante de um ciclo, onde a autora também busca analisar o próprio Fora Collor e as Diretas Já. Ela entende que “o vínculo entre mobilização coletiva e política institucional é a chave para a compreensão dos ciclos de protestos” (TATAGIBA, 2014, p. 38). Neste sentido, procura enxergar como esse processo se coloca nos três ciclos estudados por ela.

Contudo, o que nos interessa aqui é uma contextualização mais breve e factual das Jornadas de Junho. Sendo assim, é utilizado como referência o trabalho de Medeiros (2014). O mesmo busca compreender as Jornadas a partir da relação de três hipóteses: os eventos ocorridos; o aspecto estrutural; e a nova formação coletiva. Lê-se agora os fatos apresentados por Medeiros.

De forma mais geral, Medeiros (2014) aponta as jornadas de junho como uma consequência de dez anos de governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Pelo menos, quando se fala da questão estrutural e de uma nova classe social criada neste processo. Entretanto, de maneira mais pontual, apresenta o início das jornadas na luta do MPL contra o aumento da tarifa. Mas não somente isto. Outro fato importante para Medeiros (2014), e para Tatagiba (2014), foi a forte repressão policial que catapultou as manifestações. A partir daí as manifestações cresceram cada vez mais, junto com o aumento da repressão, e a Jornada foi ganhando corpo

com reivindicações em várias partes do país e com pautas bem diversificadas (MEDEIROS, 2014; TATAGIBA 2014).

Medeiros (2014) apresenta alguns dados pertinentes para esta dissertação. Alguns são referentes à utilização das plataformas digitais, como o Facebook, para a articulação dos atos de rua, assim como a utilização da internet como um todo para buscar informações sobre as manifestações. Outro apontamento importante realizado pelo autor é sobre a organicidade do MPL. Segundo ele, o MPL se organiza em rede de forma federalista e tendo sua democracia interna pautada pela dinâmica do consenso. Estes dois levantamentos feitos por Medeiros podem nos ajudar mais tarde na compreensão de algumas nuances das ocupações escolares.

Também pode-se compreender as mobilizações ocorridas em 2013 a partir de uma perspectiva do socialismo libertário. Neste sentido, Moraes (2018, p. 30) se recusa a chamar os atos de 2013 de “Jornadas de Junho”. O autor assume esta postura por dois motivos: as manifestações, no caso carioca observado por ele, vão muito além do que somente o mês de junho de 2013; o termo jornada não representaria uma insurgência, enquanto para o autor os atos tiveram a configuração de uma revolta. Desta forma, refere-se às manifestações como a Revolta dos Governados. A partir deste entendimento, o autor assume que tal revolta foi um acontecimento de extrema importância para a história política do Brasil.

Segundo Moraes (2018), tal revolta trouxe para o cenário político brasileiro um conjunto de novidades que podem ser resumidos em algumas características como: a capacidade de luta popular; novas formas de protesto; ampla solidariedade nos protestos; postura antagônica aos oligopólios de comunicação de massa; expressou a crise da representação política; defesa da horizontalidade; entre outros. Estas características apontadas pelo autor acabam contribuindo para a formação das ocupações escolares de 2015 e 2016, como herdeiras políticas deste processo histórico.

Jourdan (2018), corrobora com Moraes ao considerar os atos de 2013 uma forma legítima de insurgência da população. Aponta que “o alvo da revolta popular eram os agentes da sua opressão diária: ônibus; agências de bancos; palácios dos poderes; assembleias legislativas; veículos do monopólio da mídia manipuladora; viaturas policiais” (JOURDAN, 2018, p. 111). O que engrossou esse caldo insurgente, segundo a autora, foi a própria chegada do PT ao poder. Segundo ela,

isto causou certa descrença na via democrática representativa, causando uma crise de representatividade, visto que muitos depositavam uma esperança de avanço nas pautas consideradas de esquerda, o que não teria ocorrido mesmo com um governo de esquerda. A autora relata que este fato levou a certo crescimento de uma alternativa à esquerda institucional (que é aquela representada por partidos políticos e instituições), que tem base em noções defendidas por anarquistas como a ação direta. A interpretação que Jourdan faz das manifestações de 2013, em conjunto com a ideia de Revolta dos Governados de Moraes (2018), traz um outro olhar sobre este momento histórico e que nos possibilita uma maior compreensão dos atos políticos posteriores, em especial, as ocupações secundaristas no Brasil.

Ambos momentos se constituem em uma dinâmica rizomática que os aproximam das ocupações escolares. Destacando-se aqui, alguns pontos. Primeiro, a Revolta dos Pinguins servindo como inspiração no que tange a utilização da ocupação do espaço escolar como uma importante ferramenta de mobilização. Segundo, as grandes manifestações de rua ocorridas em 2013 como possível inspiração organizacional da ocupação e da utilização das mídias digitais para repercutir e organizar as suas pautas.

É aí que entram na história os estudantes pertencentes ao coletivo O Mal Educado. É este coletivo que traduz a cartilha de orientações vindas do material argentino. Além da tradução, realizaram uma adaptação do documento aplicado ao contexto brasileiro. Este documento intitulado “Como ocupar um colégio?”¹, foi importante para o amadurecimento da tomada de decisão dos estudantes que optaram por realizar a ocupação. Nesta cartilha, estudantes argentinos organizaram um manual de como ocupar escolas e pressionar as autoridades estatais para atender demandas estudantis. A cartilha chegou ao conhecimento dos manifestantes ao ser distribuída pelo coletivo durante as manifestações de rua, e compartilhada através de contas dentro das diferentes plataformas digitais disponíveis, principalmente o Facebook (CAMPOS; MEDEIROS & RIBEIRO, 2016).

O referido documento não tinha mais de oito páginas, mas nelas haviam sugestões de organização de assembleias para deliberar sobre as decisões, de como lidar com a imprensa, a realização de atividades de integração e educacionais, além de questões de limpeza e relações externas. Também trazia em seu conteúdo

¹ Versão online da cartilha disponibilizada por meio da plataforma Wordpress: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>

alguns pontos como: o entendimento que a ocupação era um meio necessário para atingir a finalidade almejada pela reivindicação; o entendimento de que a ocupação é uma tática de difícil articulação e sustentação, sendo compreendida como último recurso mobilizatório; a utilização do princípio da democracia direta como orientação para organizar a ocupação em torno de grupos de trabalho e assembleias; a importância da integração entre a comunidade escolar mobilizada e demais apoiadores a partir de momentos articulados de formação e lazer; e a demonstração de um exemplo prático de ocupação escolar ocorrido em solo brasileiro (CAMPOS; MEDEIROS & RIBEIRO, 2016).

A demonstração do caso prático é de uma ocupação no estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente na cidade de Nova Andradina. Na ocasião, os estudantes buscavam barrar a iniciativa de municipalização da escola por parte do governo estadual que acabou acatando a pauta da comunidade escolar. Inclusive, os autores (2016) apontam que isto serviu de combustível aos estudantes que passaram a enxergar a ocupação escolar como uma tática que poderia trazer o resultado desejado pelo movimento. Neste cenário referente a 2015, para barrar a intenção do governo de São Paulo em sua investida de “reorganização escolar”, os estudantes da Escola Estadual de Diadema colocaram um primeiro ponto no mapa de escolas ocupadas no estado paulista, sendo seguidos por um pouco mais de 200 escolas daquela rede pública (AZEVEDO, 2016; LACERDA, 2016).

Como já foi apontado brevemente, o que fez os estudantes se indignarem foi o anúncio do governo de São Paulo por intermédio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP)². Neste anúncio, a secretaria de estado relatava a sua intenção de realizar uma espécie de reorganização escolar, que consistia em transformar escolas que possuem mais de um segmento de ensino em escolas com segmento único, ou seja, escolas passam a trabalhar com apenas um dos ciclos de aprendizagem (Ensino Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio). Isto faria com que estudantes fossem realocados de escolas, salas comesçassem a operar com superlotação e unidades escolares fossem fechadas (VALVERDE, 2016). Como mostra Azevedo (2016), o projeto afetaria em torno de 385 mil pessoas entre professores e estudantes, acarretando no fechamento de quase 100 escolas pelo estado.

² Anúncios feitos pelo governo de São Paulo: <https://www.educacao.sp.gov.br/reorganizacao/>

A comunidade escolar como um todo, e mais fortemente os estudantes, posicionaram-se contrários ao anúncio de reorganização com argumentos. Dentre eles, pode-se citar: o prejuízo referente a qualidade de ensino, gerado pela superlotação das salas de aula; o problema de deslocamento, pois vários estudantes teriam que estudar em uma escola mais distante da sua casa ao depender da organização dos ciclos de ensino; e a descaracterização do estudante que teria que sair da escola na qual ele estudou desde sempre (CAMPOS; MEDEIROS & RIBEIRO, 2016).

Antes de realizar as ocupações, visto que essa era uma tática considerada como um último recurso mobilizatório, os estudantes buscaram outras alternativas para se contrapor a reorganização escolar. Dentre o escopo de táticas utilizadas, evidencia-se a organização de aulas públicas, debates, reuniões, abaixo-assinado e manifestações de rua. Ao não terem abertura com o governo paulista para que pudessem negociar o congelamento da proposta de reorganização, é que os estudantes apelaram para as ocupações em si (CAMPOS; MEDEIROS & RIBEIRO, 2016).

O coletivo O Mal Educado, atuou fortemente como um agente importante na articulação das ocupações. Claro que não foi o protagonista exclusivo do processo, mas teve grande relevância no debate. Inclusive, como agente comunicacional. Foram eles que, como mencionado, criaram a cartilha que serviu de subsídio para boa parte das ocupações. Além de serem os responsáveis por distribuir a referida cartilha nos grandes atos de rua, e através do Facebook, também compartilhavam em sua página algumas orientações com a finalidade de orientar a intencionalidade estudantil.

Segundo Campos, Medeiros e Ribeiro (2016), tais orientações chegavam a formar uma espécie de programa de luta e organização que pontuaram: a organização das ações de forma conjunta para evitar dispersões; tomar cuidado com as entidades estudantis “tradicionais”, pois estas poderiam estar mais alinhadas com os interesses político partidários do que com o interesse da comunidade escolar de fato; a ocupação das escolas entendidas como tática de reivindicação; e a “crença” de que somente a mobilização estudantil poderia barrar a proposta do governo, sendo considerada a força primordial naquele processo.

Tal investida teve sucesso, servindo como inspiração para todo o movimento secundarista espalhado pelo território brasileiro. Isto acabou influenciando a

ocorrência de ocupações escolares em diversos lugares do país, e por diversas razões. Uma das ocupações subsequentes aconteceu no estado do Rio de Janeiro. Percebe-se em Lacerda (2016) que o estopim da ocupação carioca se deu durante uma greve do magistério local. Todavia, segundo a autora, o movimento não se restringia a um mero apoio aos professores. A mobilização dos estudantes denunciava a desigualdade de condições entre diferentes escolas públicas, na comparação entre aquelas que eram mantidas pela iniciativa privada e detrimento das demais. Ou seja, utilizaram a tática de ocupação como uma maneira de protestar por melhoria na qualidade da educação pública.

A exemplo do caso carioca, pode-se citar o caso cearense e gaúcho, os quais também houveram a utilização da tática de ocupação das escolas, tendo como objetivo a busca pela melhoria da educação pública (FONSECA et. al., 2017?; COSTA & SANTOS, 2017). A diferença na mobilização dos estudantes no Rio Grande do Sul, é que o processo se findou após a extrapolação da ocupação escolar para a ocupação do prédio onde funciona a Secretaria Estadual da Fazenda. A ocupação da Secretaria ocorreu depois de um acordo feito em uma negociação entre algumas entidades tradicionais do movimento estudantil e os deputados estaduais. Contudo, estas entidades não representavam a totalidade das ocupações. Havia um grupo de estudantes intitulado de Comitê das Escolas Independentes que não foi ouvido na negociação. Como sua reivindicação não estava contemplada pelo acordo e, principalmente, não se sentindo representados pelas entidades estudantis tradicionais, o grupo resolveu apelar pela a ocupação da Secretaria. A tentativa foi reprimida desde o primeiro momento pela força policial, a qual providenciou a desocupação quase que imediata do prédio. Um resultado negativo foi o processo de judicialização contra o movimento, como forma de intimidação institucional aplicada aos envolvidos. Até mesmo de um jornalista independente que estava realizando a cobertura do que estava ocorrendo (CHAPARINI, 2017; FACHINETTO, CHIAPETTI & CÂMARA, 2017).

Na região Centro-Oeste do Brasil, houveram outros dois casos com motivações diferentes em relação às ocupações relatadas acima. Em ambas as ocupações, o alvo do protesto era a proposta dos governos estaduais de Goiás e do Mato Grosso em realizar uma mudança na gestão das escolas. Basicamente, a proposta se resumia a realização de parcerias público-privadas que passariam a gestão das escolas para as Organizações Sociais (NASCIMENTO & KOWATA,

2016; MACEDO, ESPINDOLA & RODRIGUES, 2016). Mais uma vez, os estudantes utilizaram a tática da ocupação escolar como forma de reivindicar seu ponto de vista.

Desta forma, após uma onda de ocupações, chega-se ao final da segunda metade de 2016. Aqui, percebe-se certa consonância entre as ocupações escolares em diferentes estados, como Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, entre outros. De maneira concordante, os estudantes passaram a ocupar as suas escolas defendendo uma pauta em comum. A pauta pode ser resumida em três tópicos, todos representando um posicionamento contrário às medidas governamentais: ao Projeto de lei do Senado PLS 193/2016, conhecido como Escola Sem Partido, que em teoria propunha pluralidade política, religiosa e ideológica em sala de aula³, mas os discursos na prática eram conservadores, promovendo o silenciamento de professores e demais profissionais da educação⁴; a Medida Provisória sobre a Reforma do Ensino Médio, MP 746/2016, que desagou no intitulado Novo Ensino Médio, que modificaria as regras curriculares e de funcionamento do Ensino Médio nas escolas de todo o país; e contra a PEC 55 (no Senado), antiga PEC 241 (na Câmara) promovida no início do Governo de Michel Temer, que estipulava um novo teto dos gastos públicos afetando diretamente a Saúde e a Educação, diversos serviços públicos e previdência social (GROPPO et al, 2017; FLACH & SCHLESENER, 2017).

Como em 2015, as ocupações de 2016 foram uma alternativa de mobilização encontrada pelos secundaristas contra medidas arbitrárias do Estado. Repetindo, desta maneira, a aplicação de uma estratégia reivindicatória que já havia apresentado resultados positivos. De certa forma, tais medidas do Estado são a representação da máquina que produz e/ou reproduz sentidos hegemônicos de uma sociedade. Da mesma forma as ocupações são subversões nesta máquina, ao criar linhas de fuga com nova representação de sentidos.

Se vê, na sequência, um quadro e dois mapas ilustrando e resumindo os movimentos de ocupações escolares com as informações referentes ao período, a unidade federativa e as pautas reivindicatórias. Lembrando que a tabela e os mapas constam apenas os dados encontrados nos textos utilizados como referência para

³ Texto original que tramitou no Senado disponível em:
<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>

⁴ Matéria do Ipea sobre o projeto:
<https://www.ipea.gov.br/participacao/noticiasmidia/1431-consulta-publica-escola-sem-partido-senado>

visualizar algumas práticas de ocupação escolar entre 2015 e 2016. Assim, correndo o risco de ter excluído alguma outra experiência que ficou fora do escopo estudado.

Quadro 1 - Período, Estado e Pautas das ocupações escolares

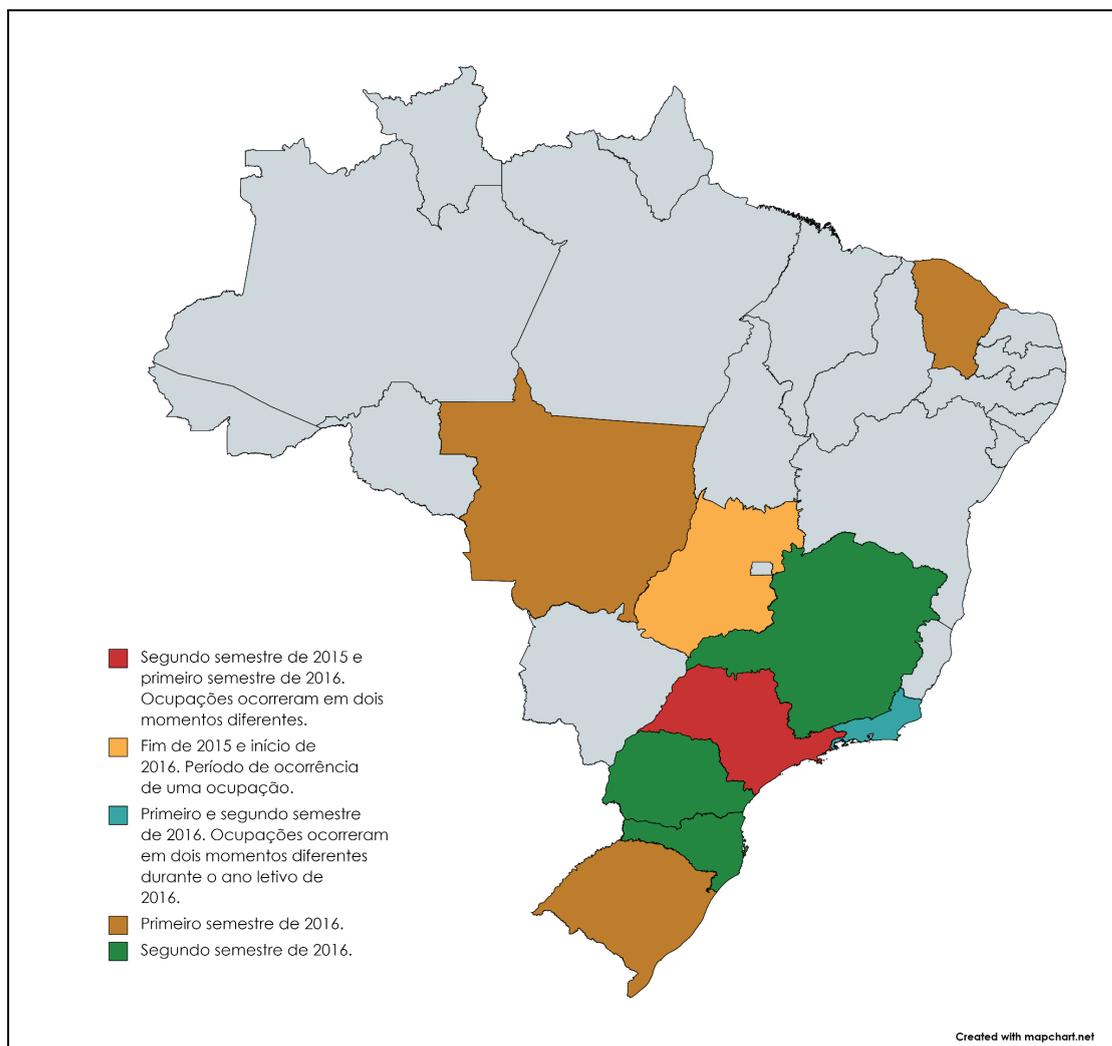
Período	Estado	Pautas
Segundo semestre de 2015	São Paulo	Contra a reorganização escolar.
Fim de 2015 e início de 2016	Goiás	Contra a transferência da gestão da escola pública para a iniciativa privada a partir das Organizações Sociais.
Primeiro semestre de 2016	São Paulo	Reivindicação de melhoria no fornecimento da merenda escolar.
Primeiro semestre de 2016	Rio de Janeiro	Apoio à greve docente; e reivindicação de melhorias na educação pública.
Primeiro semestre de 2016	Ceará	Apoio à greve docente; e reivindicação de melhorias na educação pública.
Primeiro semestre de 2016	Rio Grande do Sul	Reivindicação de melhorias na educação pública.
Primeiro semestre de 2016	Mato Grosso	Contra a transferência da gestão da escola pública para a iniciativa privada a partir das Organizações Sociais.
Segundo semestre de 2016	Rio de Janeiro	Contra o teto dos gastos públicos; contra a reforma do ensino médio; e contra o projeto Escola Sem Partido.
Segundo semestre de 2016	Minas Gerais	Contra o teto dos gastos públicos; contra a reforma do ensino médio; e contra o projeto Escola Sem

		Partido.
Segundo semestre de 2016	Paraná	Contra o teto dos gastos públicos; contra a reforma do ensino médio; e contra o projeto Escola Sem Partido.
Segundo semestre de 2016	Santa Catarina	Contra o teto dos gastos públicos; contra a reforma do ensino médio; e contra o projeto Escola Sem Partido.

Fonte: Compilação do autor a partir das referências listadas no quadro 2.

Neste mapa pode-se observar uma separação das ocupações escolares, nas diferentes unidades federativas, organizados pelos períodos nos quais as movimentações ocorreram:

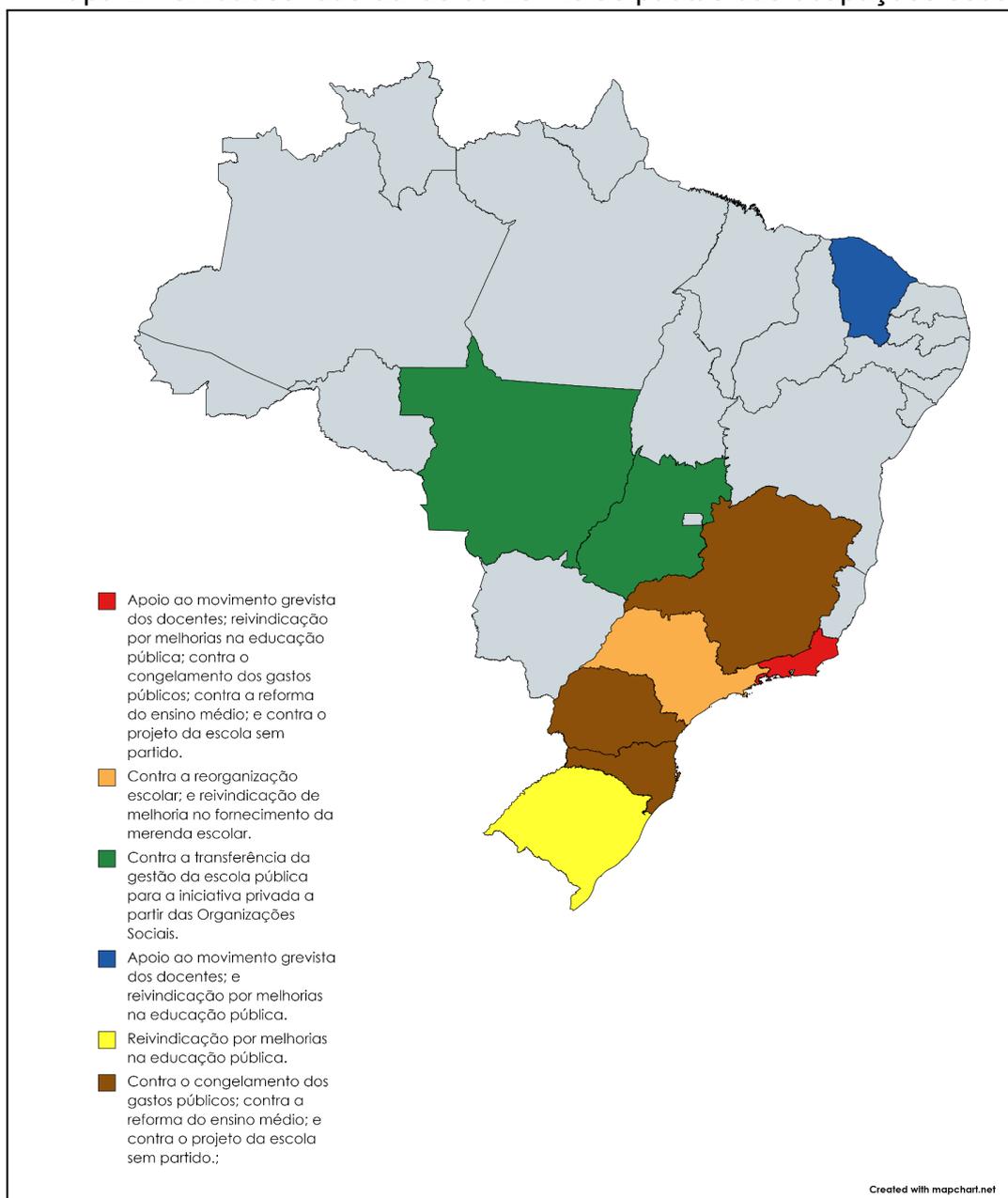
Mapa 1- Unidades federativas conforme os períodos com ocupações escolares



Fonte: Compilação do autor a partir das referências listadas no quadro 2.

Já neste outro mapa, pode-se observar uma separação das ocupações escolares nas diferentes unidades federativas organizados pelas pautas reivindicatórias dos diversos movimentos ocorridos:

Mapa 2 - Unidades federativas conforme as pautas das ocupações escolares



Fonte: Compilação do autor a partir das referências listadas no quadro 2.

A leitura do material referencial sobre as ocupações ocorridas em 2015 e 2016 apresenta elementos importantes para traçar um perfil político identitário que corrobora com a ideia de utilização das redes sociais para desenvolver uma estratégia comunicacional autônoma. A análise desse material foi realizada tendo por base a perspectiva metodológica da análise textual discursiva, a qual possibilita a identificação de unidades e categorias de conceitos que ajudam a pensar, no caso citado, no perfil identitário das ocupações (CRUZ, 2018).

Com base nesse estudo de Cruz (2018), e para fins de entendimento do fenômeno das ocupações, pode-se elaborar uma esquematização com os elementos mobilizados pelos autores em relação aos seus olhares para as mobilizações estudantis. Essas pesquisas culminaram em artigos, livros, dissertações, entre outras modalidades de escrita acadêmica. Sendo que estas totalizam em torno de 30 textos, com aproximadamente 70 pesquisadores entre autores e coautores. Segue um quadro contendo as referências utilizadas no estudo e seus respectivos elementos mobilizados sobre as ocupações.

Quadro 2 - Referências e os elementos mobilizados

Elementos mobilizados no texto	Referências
Ocupação escolar como espaço formativo. Pode-se incluir o perfil identitário forjado neste espaço formativo.	AZEVEDO, 2016; BITENCOURT, 2017; BOUTIN & FLACH, 2017; FERREIRA, 2017a; FERREIRA, 2017c; GROPPO et al., 2017; JANUÁRIO et al., 2016? LACERDA, 2016; MARTINS et al., 2017; NASCIMENTO & KOWATA, 2016; PAES & PIPANO, 2017; PAIM et al. 2017.
Educação libertária e emancipação.	LACERDA, 2016; FERREIRA, 2017b.
Elementos vinculados a identidade política, como: autogestão; ação direta; autonomia; participação política; resistência; horizontalidade; democracia radical e plural; ação coletiva; liberdade; protagonismo; ação política e social; apoio mútuo; e coletividade.	ALVIM & RODRIGUES, 2017; ARONI, 2017; AZEVEDO, 2016; BITENCOURT, 2017; CORTI et al., 2016; COSTA & SANTOS, 2017; FERREIRA, 2017b; FLACH & SCHLESENER, 2017; GROPPO et al., 2017; JANUÁRIO et al., 2016?; LACERDA, 2016; NASCIMENTO & KOWATA, 2016; PAES & PIPANO, 2017;

	ROMANCINI & CASTILHO, 2017a; SORDI & MORAIS, 2016.
Performatividade política e corporalidade como fator de construção da identidade política.	LEITE, 2017; MORESCO, 2017.
Inteligência política e coletiva.	COSTA & SANTOS, 2017.
Ocupação escolar como uma nova tática dentro do repertório reivindicatório do movimento secundarista brasileiro.	ARONI, 2017; AZEVEDO, 2016; JANUÁRIO et al., 2016?; LACERDA, 2016; LEITE, 2017; NASCIMENTO & KOWATA, 2016; SORDI & MORAIS, 2016.
Posicionamento crítico em relação ao currículo e estrutura tradicional da escola, assim como um posicionamento crítico aos espaços de participação política com democracia não direta.	BITENCOURT, 2017; COUTINHO & ANDRADE, 2017; MACEDO, ESPINDOLA & RODRIGUES, 2016; PAES & PIPANO, 2017; SORDI & MORAIS, 2016.
Juventude e cultura juvenil.	FERREIRA, 2017c; GROPPO et al., 2017.
Letramento digital	ROMANCINI & CASTILHO, 2017b.
Redes sociais como ferramenta de informação, mobilização e organização.	CORTI et al., 2016; COSTA & SANTOS, 2017; FONSECA et al., 2017?; JANUÁRIO et al., 2016?; ROMANCINI & CASTILHO, 2017a; ROMANCINI & CASTILHO, 2017b;
Redes sociais como forma de se contrapor ao discurso dos veículos de mídia convencionais.	CHAGAS, 2017; PAIM et al., 2017; RICO, 2016; VAZ & HAUPTMANN, 2017;

Fonte: Compilação do autor a partir de Cruz (2018).

A correlação entre os termos apresentados no quadro anterior, aponta para uma identidade política que dialoga com o socialismo libertário. Este dado pode ser relacionado com a organicidade das ocupações, o que consta de alguma forma na

cartilha produzida pelo coletivo O Mal Educado, impactando por consequência na utilização das mídias sociais como uma estratégia comunicacional autônoma.

Até este ponto da contextualização, abordou-se o movimento das ocupações escolares brasileiras e a influência vinda de outros países como o Chile e a Argentina. Com tal intuito, demonstrando-se as várias experiências ocorridas e suas diversas motivações. Todavia, para traçar o paralelo com as ocupações, também é interessante olhar para o movimento oposto, o movimento de desocupação.

O movimento pela desocupação das escolas em alguns lugares, como no caso do “Desocupa Paraná”, foi liderado pelo Movimento Brasil Livre (MBL) ideologicamente contrários aos ocupantes (BOUTIN & FLACH, 2017). A tentativa da direita com o “Desocupa”, na última onda de ocupação em 2016, era jogar a opinião pública contra as ocupações escolares para blindar as pautas que estavam sendo encaminhadas ao Congresso pelo governo Temer, como a proposta do congelamento dos gastos. Além do Paraná, outros lugares sofreram com a pressão desses grupos de direita com o “desocupa”, como o exemplo de Chapecó/SC, onde pode-se citar a tentativa de desocupação da Escola Irene Stonoga⁵. O interessante deste contraste entre os movimentos, é perceber como isso acaba delimitando e reforçando o posicionamento político desses jovens no momento do conflito com o antagonico.

Para finalizar este capítulo, torna-se necessário relatar a participação do coletivo O Mal Educado nas ocupações escolares do final de 2016. Assim como nas ocupações escolares de 2015, o mencionado coletivo estudantil também gozou de um relevante protagonismo nas lutas reivindicatórias tanto em relação às ocupações do primeiro semestre de 2016, quanto no segundo semestre do mesmo ano. Considerando que, para a presente pesquisa, foram analisados acontecimentos de diferentes momentos das ocupações, vale ressaltar a contínua presença que o Coletivo teve como ferramenta comunicacional e organizacional entre os estudantes, descrevendo a estratégia comunicacional autônoma desses jovens a partir do teor informativo, mobilizatório, denunciativo e opinativo de suas postagens.

Tendo feito o apanhado da conjuntura social e política das mobilizações estudantis, percebe-se que as ocupações de 2015 e 2016 não surgiram do nada. O

⁵ “MP vê ‘excessos’ de diretora que ‘prende’ alunos de escola ocupada em SC” Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/11/02/mp-ve-excessos-de-diretora-que-prendeu-alunos-de-escola-ocupada-em-sc.html>

objetivo deste capítulo foi inserir estes movimentos dentro do contexto histórico dos movimentos sociais juvenis e estudantis da época no Brasil e também, em determinada medida, em outros países no sul da América Latina.

3 METODOLOGIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Antes de proceder ao detalhamento das etapas metodológicas empregadas na presente pesquisa, será destinado um momento à classificação dos conceitos utilizados neste estudo, tais como mídias tradicionais e digitais, plataformas digitais e veículos de comunicação, sejam eles hegemônicos ou contra-hegemônicos.

A mídia tradicional são formas de comunicação estabelecidas há muito tempo, como jornais, revistas, rádio e televisão (ABCCONTENT, 2020). Nenhum destes tipos de mídias é fonte de análise no presente projeto, entretanto, muitos veículos de comunicação analisados têm origem em emissoras ou grupos fundamentados na mídia tradicional, a exemplo do G1, R7, entre outros. Este aspecto é relevante, pois refletem convenções jornalísticas que precedem o uso de plataformas digitais, configurando-se como grandes conglomerados comunicacionais, conforme definido por Andrade e Nunes (2021) como veículos hegemônicos de comunicação.

Neste trabalho, esse conceito será compartilhado para distinguir esses veículos de comunicação daqueles que, ao surgirem diretamente em mídias digitais, representam outros modos, públicos e convenções que não são dominados por grupos jornalísticos majoritários, formando assim, veículos de comunicação contra-hegemônicos (ANDRADE; NUNES, 2021). Estes veículos se definem de formas diferentes. Os Jornalistas Livres, por exemplo, apresentam-se como uma organização de jornalistas sem patrão. Essas são diferenças fundamentais entre os veículos de comunicação, hegemônicos e contra-hegemônicos, analisados nesta pesquisa.

Durante a análise desses veículos, procedeu-se à coleta e análise da mobilização dos estudantes ao utilizarem seu coletivo como meio de comunicação e informação sobre os acontecimentos das ocupações. Por meio da página do coletivo O Mal Educado, os estudantes estabeleceram uma rede de comunicação e apoio não vinculada a nenhum outro veículo de comunicação institucionalizado. Entende-se este fenômeno como uma estratégia comunicacional autônoma operada pelos próprios secundaristas.

Essas mídias digitais são viabilizadas pelas plataformas digitais, como o Google, Facebook, Twitter e o Youtube, criadas e operacionalizadas por grandes empresas de tecnologia (Big Techs). Os sites dos veículos estão vinculados a essas plataformas, sendo que a Página do Coletivo O Mal Educado está inserida na

plataforma do Facebook. Portanto, todos os materiais analisados neste estudo referem-se a análises de mídias digitais, cada qual com uma estrutura distinta.

Em síntese, o propósito é realizar uma análise comparativa dos discursos presentes nas notícias sobre as ocupações divulgadas em mídias digitais, abordando os veículos de comunicação hegemônicos, contra-hegemônicos e a comunicação autônoma secundarista.

3.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Antes de adentrar na descrição metodológica, torna-se relevante demonstrar o percurso do pesquisador até chegar no tema de pesquisa delimitado nesta dissertação. Aqui, apresentado de forma resumida visto que o processo já foi descrito na introdução. Originalmente, a pesquisa iria se debruçar sobre as ocupações escolares de 2015 e de 2016 com o intuito de analisar o perfil político ideológico das ocupações em si. Isto seria realizado, ao lançar um olhar mais específico para a ocupação de uma escola indígena no interior de Chapecó.

Contudo, a dificuldade em encontrar dados suficientes para análise, apresentou-se como um obstáculo para a continuidade da pesquisa. Visto que já havia transcorrido um bom tempo entre a ocupação da escola indígena e a proposição do projeto de pesquisa. Desta forma, diante dos materiais obtidos para analisar o fenômeno das ocupações, percebeu-se a necessidade de analisar a estratégia comunicacional dos jovens manifestantes. A partir deste ponto, a pesquisa começou a se desenhar da forma que vem sendo apresentada até aqui.

Já na presente versão do trabalho, optou-se por utilizar métodos de análise qualitativa online (MILLER; SLATER, 2004). Como os autores apontam, a internet não pode ser vista como um cenário autocontido, sem relação com os acontecimentos que acontecem offline. Neste trabalho, se traçou essa relação de retroalimentação entre o que acontece nas ocupações (offline), como é comunicado através dos diferentes canais e por qual veículo é feito (online) e como repercute nos acontecimentos relacionados às mobilizações secundaristas.

Além do mais, recorrer às plataformas digitais para tal pesquisa também permite uma melhor recuperação de materiais, notícias e postagens, mesmo que tenham sido publicadas há sete anos. A metodologia foi dividida em duas partes: a

primeira etapa envolveu a pesquisa e coleta manual de dados, enquanto a segunda etapa consistiu na leitura e categorização para realizar a análise comparativa qualitativa proposta neste trabalho.

Para delimitar o período analisado, considerando que as ocupações ocorreram nos anos de 2015 e 2016, optou-se por focar em eventos significativos noticiados pela maioria dos veículos de comunicação analisados. Desta forma, tornou-se possível comparar também com a estratégia comunicacional autônoma das ocupações escolares e as suas formas de noticiarem suas realidades.

Inicialmente, realizou-se uma ampla pesquisa em veículos de comunicação online, tanto hegemônicos como contra-hegemônicos, que tenham noticiado as ocupações e as manifestações do movimento secundarista. Sem restringir a busca a palavras-chave específicas, visto que diferentes abordagens podem levar a diferentes denominações. Utilizou-se, então, a aba de notícias disponível na plataforma do Google, selecionando o período em que as ocupações ocorreram. Com isso, chegou-se a veículos hegemônicos como o Portal G1, R7, UOL, O Estadão e Folha de São Paulo. Quanto aos veículos contra-hegemônicos, foram selecionadas notícias do Vermelho, Rede Brasil Atual, Brasil de Fato, Jornalistas Livres e do Portal O Desacato.

Ao pesquisar por páginas públicas no Facebook criadas para o movimento e as ocupações, constatou-se a existência de uma grande quantidade de conteúdo compartilhado diariamente naquele período. Diante dessa situação, optou-se por direcionar o foco para uma única página, a do Coletivo O Mal Educado, que se destacava por publicar conteúdos relacionados a diferentes ocupações em todo o país, além de divulgar materiais relevantes para a mobilização e organização do movimento. Utilizando o filtro de período das postagens, conseguiu-se coletar um total de 101 publicações. Esses dados foram resumidos na tabela apresentada a seguir:

Quadro 3 - Fontes dos dados coletados

Tipo	Número de fontes	Nomes	Quantidade de material
Veículo convencional	5	El País Brasil, UOL, G1, Diplomatique,	10

		Gazeta	
Veículo alternativo	5	Desacato, Rede Brasil Atual, Brasil de Fato, Jornalistas Livres, Vermelho	34
Página em mídia social	1	O Mal Educado	101

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, foram obtidas um total de 145 publicações provenientes de diferentes fontes, o que permite realizar uma análise qualitativa comparativa entre elas, conforme o objetivo deste trabalho. É importante destacar que o material coletado é apenas uma amostra das publicações abordando o tema ao longo dos dois anos de ocupações em diversas plataformas e veículos de comunicação. Essa seleção nos permitiu obter a quantidade de dados necessária para os objetivos da pesquisa e manter a análise dentro de um alcance viável para a realização da dissertação.

3.2 REVISÃO TEÓRICA

Para refletir sobre os dados coletados e realizar análises pertinentes, escolheu-se partir de fontes teóricas de diferentes áreas trazendo um caráter interdisciplinar à abordagem do tema. Os movimentos secundaristas que promoveram as ocupações em 2015 e 2016 em todo o Brasil são parte de uma conjuntura nacional de efervescência política e social, representando uma novidade tanto em termos de organização quanto de divulgação de suas pautas. Para compreender essas particularidades, examinou-se autores da sociologia, comunicação, filosofia e outras áreas correlatas, apresentados ao longo deste sub-capítulo.

Ao se propor a análise das repercussões das ocupações escolares em 2015 e 2016 em veículos de comunicação, aplicou-se a definição de Andrade e Nunes (2021), do que são veículos hegemônicos e contra-hegemônicos. Mas essa diferenciação está baseada nas definições de Antonio Gramsci. Nos materiais analisados para esta pesquisa, tanto o Desacato e os Jornalistas Livres como o

perfil do Coletivo O Mal Educado, enquadram-se como alternativas contra-hegemônicas de comunicação e informação sobre as ocupações, segundo estes autores.

Os dados apontam para as alternativas criadas em relação a um sistema de controle hegemônico (Gramsci, 2000) representado não apenas pela escola, polícia e Estado, mas também pelos veículos de comunicação baseados em mídias tradicionais, que mantêm convenções e acordos para atrair público, contratos e patrocínios. De acordo com Gramsci (2000), a hegemonia cultural é alcançada por meio da dominação ideológica exercida pelas classes dominantes sobre as classes subalternas. Isso ocorre por meio da difusão de ideias, valores e representações que se tornam hegemônicos na sociedade, moldando a consciência coletiva e perpetuando as relações de poder existentes.

Considerando os veículos de comunicação hegemônicos no Brasil, pode-se observar uma concentração de propriedade e controle nas mãos de grupos econômicos consolidados, como já apontado anteriormente. Esses veículos muitas vezes refletem e reproduzem os interesses das elites econômicas e políticas, contribuindo para a manutenção das estruturas de poder estabelecidas, inclusive em relação aos movimentos estudantis secundaristas e ocupações, como é o caso analisado por este trabalho.

Para enriquecer essa discussão, incorporam-se as proposições de Deleuze e Guattari, que sugerem uma reflexão sobre a atuação da máquina neoliberal e as insurgências de resistência que emergem, denominadas rizomas. Dessa forma, se estabelece um diálogo entre conceitos fundamentais da filosofia para contemplar o tema da comunicação: o conceito de hegemonia de Gramsci, reelaborado para os veículos de comunicação por Andrade e Nunes (2021), em conjunto com os conceitos de Máquina e Rizomas, de Deleuze e Guattari, como se apresentará a seguir.

O conceito apresentado em *Mil Platôs* (1995) contribui para a compreensão da revolta secundarista dentro de seu contexto sociopolítico. A máquina, como conceito deleuziano, abrange uma série de agenciamentos e processos interconectados que produzem efeitos específicos. No caso dos veículos de comunicação vindos de mídias tradicionais, pode-se entender esses meios como máquinas de reprodução da hegemonia, onde os fluxos de informação, valores e representações são controlados e moldados pelas classes dominantes.

Essas máquinas de comunicação podem atuar na conformação do imaginário social, na definição de narrativas e discursos hegemônicos, e na disputa de narrativas. Ao ocuparem uma posição central na circulação de informações e no acesso à mídia, eles exercem um papel significativo na construção e manutenção da hegemonia cultural e neste sentido, que pretende-se aproximar pontualmente Gramsci de Deleuze e Guattari.

Deleuze e Guattari (1995) buscam também identificar as linhas de fuga, as possibilidades de resistência e a criação de novos agenciamentos que possam desafiar e subverter essas formas de poder hegemônico. As alternativas de comunicação, como as criadas pelo coletivo O Mal Educado em sua página no facebook, representam uma possibilidade do que os autores identificaram como Rizoma. Buscar-se-á identificar neste trabalho de estratégia comunicacional autônoma, criada pelos próprios secundaristas em vista de visibilizar suas pautas e lutas, além de incentivar espaços comunicacionais mais plurais, democráticos e descentralizados.

A possibilidade de criar e fortalecer rizomas dentro de uma máquina regulatória, como a escola e o Estado, ocorreu devido às particularidades de organização e divulgação disponíveis na época. Por diversos autores, pode-se considerar as ocupações escolares realizadas pelo movimento secundarista como parte integrante da categoria de Novíssimos Movimentos Sociais (ALTHEMAN & MARQUES, 2019; DAVID & MARTINS, 2021), diferenciando-se dos movimentos anteriores pelo uso predominante de plataformas digitais e mídias sociais para convocação, mobilização, organização e divulgação de suas atividades e realidades.

Páginas no Facebook, como o coletivo “O Mal Educado”, conseguiram reunir estudantes e divulgar materiais, pautas e modelos de organização de diferentes escolas em todo o país. Além disso, o acesso a materiais e referências, como no caso da Revolta dos Pinguins, mencionada anteriormente, ampliou as mobilizações do movimento secundarista (ALTHEMAN & MARQUES, 2019).

Segundo Alvim & Rodrigues (2017), essa característica do movimento evidencia a construção de autonomia pelos secundaristas, tanto como movimento quanto em suas ocupações. Como Novíssimo Movimento Social, eles conseguiram mobilizar apoio não apenas dentro de diferentes escolas, mas também da comunidade externa, que colaborou fornecendo mantimentos e participando das atividades realizadas nas ocupações (MORAIS; SORDI & FÁVERO, 2019). Essa

autonomia, tanto na organização quanto na comunicação, tornou-se uma característica importante desse movimento.

Moreira (2015) propôs analisar as ocupações como verdadeiras Zonas Autônomas Temporárias. Até certo ponto, é possível concordar e entender as ocupações nessa perspectiva, considerando as fortes características de construção da autonomia organizacional e comunicativa do movimento. No entanto, percebe-se como a conexão com a máquina, nos termos de Deleuze e Guattari (1995), se manteve e foi reinterpretada dentro das próprias concepções e interesses do movimento.

É importante entender que, neste caso, a máquina representa uma força hegemônica e o movimento secundarista encontra formas de insurgir, mesmo fazendo parte dela. Não há um desligamento total da máquina: os rizomas mantêm e utilizam essa conexão para se fortalecer. Não se trata de grupos sociais completamente novos, renunciando às suas posições e funções dentro da estrutura social imposta. No caso do movimento secundarista, eles ocupam e protestam nos espaços físicos das escolas, além de se apropriarem de conceitos e estruturas pertencentes à escola/Estado, como por exemplo, a grade de ensino que é reformulada com suas próprias prioridades (MORAIS; SORDI & FÁVERO, 2019).

Falando-se de autonomia, torna-se necessário esboçar o que se entende por autonomia aqui. Para tal, apresenta-se o debate sobre autonomia no autor Cornelius Castoriadis. No entanto, para chegar no conceito de autonomia de Castoriadis é preciso compreender minimamente sua discussão referente à subjetividade. Para este, a subjetividade é “a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo” (CASTORIADIS, 2010, p. 35). Complementando esta concepção, considera que o indivíduo não é somente um corpo sendo, na verdade, um ser socialmente definido.

Contudo, também assume que este indivíduo pode vir a ser alguma coisa que contempla a definição que a sociedade atribui a ele. Desta maneira, o ser humano seria virtualmente uma subjetividade. O inconsciente do indivíduo também participa deste processo. Este teria, ao mesmo tempo, características próprias e não próprias ao sujeito, pois no inconsciente encontra-se uma infinidade de possibilidades de sujeitos. Logo nossa realidade seria magmática, entendendo o magma como “uma totalidade não muito bem ordenada, que não podemos decompor em conjuntos, submetida a uma lógica conjuntista-identitária” (CASTORIADIS, 2010, p. 36).

É como se houvesse, na realidade psíquica, a existência de inúmeras instâncias inconscientes, cada qual com suas vontades e mundo próprio. O autor apresenta que esta lógica não se encontra somente no inconsciente, mas também no ser vivo e na sociedade. Rotula esta lógica como tipos de processos intituladas, pelo próprio autor, como instância subjetiva, a qual se apresentaria em seis níveis: o ser vivo como tal; o psíquico; o indivíduo socialmente produzido; o sujeito humano propriamente dito; a própria sociedade; e a sociedade num outro caso.

Assim, pode-se afirmar que a socialização faz do ser humano um ser habitado e determinado por regras e valores que vão contribuir para a manutenção da sociedade vigente. Contudo isto não toma uma postura determinista, pois sempre está sendo gestado o que está por vir. Mesmo possuindo mecanismos que sufocam a imaginação radical do sujeito, ainda assim, pode-se perceber a constituição de indivíduos que fogem do que é definido pela socialização da sua época. Tal sujeito seria dotado de reflexividade e vontade/subjetividade, sendo capaz de questionar as instituições e representações presentes em seu tempo, assim como fazer surgir novas possibilidades que podem vir a se concretizar no tecido social (CASTORIADIS, 2010; LIBERATO, 2006).

Por consequência, esta discussão de Castoriadis desemboca em sua concepção de autonomia. Desta forma, o sujeito dotado de reflexividade é o mesmo sujeito dotado de autonomia. Sendo esta, considerada “a regulação ou legislação por si mesmo, em oposição à heteronomia, a legislação e a regulação pelo outro” (LIBERATO, 2006, p. 33). Contudo Liberato (2006) aponta que, em Castoriadis, a autonomia não é sinônimo de independência. Ou seja, a autonomia encontra-se na relação do discurso do “eu” e do “outro”. Para Castoriadis (1975, p. 129) é importante delimitar bem a sua concepção de autonomia pois, “em qualquer outra concepção esta ‘ação de uma liberdade sobre uma outra liberdade’ permanece uma contradição nos termos, uma perpétua impossibilidade, uma miragem – ou um milagre”.

Tal noção de autonomia está interligada com a noção de responsabilidade. Isto fica explícito quando Castoriadis (2007, p. 215) diz que “como ser autônomo, exijo de mim mesmo que atue como ser que reflete; a responsabilidade é a face externa disso: age de forma deliberada, pois de todo modo os outros te confrontarão como se agisses de forma deliberada. Deves, portanto, produzir os elos de tua deliberação”.

Liberato (2006) demonstra que a autonomia de um indivíduo em particular está relacionada a autonomia da coletividade, onde um implica no outro. Ou seja, indivíduos autônomos podem determinar uma coletividade autônoma sendo o contrário, da mesma maneira, verdadeiro. Coletividade, ou sociedade autônoma, para Castoriadis (1991, p. 37) seria aquela “cujas instituições, uma vez interiorizadas pelos indivíduos, facilitam o mais possível seu acesso à sua autonomia individual e sua participação efetiva em todo poder explícito existente na sociedade”. O próprio conceito de coletividade autônoma, como nos apresenta o autor, reforça o vínculo entre esta e a autonomia individual. Desta forma a autonomia permitiria uma real ação política, permitindo a constituição de uma sociedade em novas bases (LIBERATO, 2006).

Resume-se este debate entre coletividade autônoma e autonomia coletiva quando dizemos que uma sociedade é autônoma não somente quando sabe que faz as suas leis, mas quando está em condições de questioná-las explicitamente. Da mesma forma, diz-se que um indivíduo é autônomo se ele pôde instaurar uma outra relação entre seu inconsciente, seu passado, as condições nas quais vive – e ele mesmo enquanto instância reflexiva e deliberante (CASTORIADIS, 2002, p. 187).

Tal processo de autonomia no uso das mídias sociais, e a criação de seus próprios canais de comunicação, permitiram ao movimento secundarista elaborar suas próprias narrativas e divulgá-las em grande medida (ALTHEMAN & MARQUES, 2019; DAVID & MARTINS, 2021). Dessa forma, apresentaram uma contrapartida à divulgação feita pelos grandes veículos de comunicação hegemônicos do país, que costumam ter predominância na construção de narrativas sobre os acontecimentos.

Quando se fala da construção de narrativa, pode-se citar um estudo sobre uma construção tendenciosa da opinião pública que é apresentado com mais detalhes por Altheman & Marques (2019). As autoras analisaram algumas matérias sobre os protestos dos secundaristas durante o período de ocupações. Por meio de uma análise de discurso, desenvolveram uma descrição detalhada de como a abordagem desses jornais tende a desfavorecer as organizações sociais envolvidas. Altheman & Marques (2019) apontam que isso acontece de diferentes formas, seja partidarizando o movimento secundarista, retratando-os como desordeiros e causadores de prejuízos para a sociedade, ou utilizando imagens que distorcem a leitura honesta dos fatos.

Mesmo hoje, anos após as ocupações, compreende-se as tendências e a hegemonia representada por plataformas e mídias sociais como o Facebook. Mas também pode-se perceber como o uso dessa rede social representou uma importante alternativa de comunicação para o movimento dos secundaristas na ocasião das ocupações. Além de permitir a autonomia de comunicação necessária para a mobilização, o uso da plataforma permitiu o acesso a ferramentas importantes para divulgação e construção narrativa do próprio movimento. Ao analisar a repercussão e o impacto das ocupações no Brasil, foram encontradas nas páginas do movimento no Facebook informações “direto da fonte”, criadas e divulgadas pelos protagonistas das ocupações.

4 DADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os dados referentes à comunicação das ocupações através dos diferentes agentes. Foi dividido estes agentes comunicacionais em três grupos: os veículos de mídia hegemônica; os veículos de mídia não-hegemônica; e os manifestantes utilizando uma estratégia comunicacional autônoma a partir das mídias sociais. Após a apresentação dos dados encontrados nesses três grupos, foi realizada uma análise e discussão dos mesmos. Lembrando que as notícias que serão relatadas nos próximos dois tópicos não possuem um recorte de local, nem data. Ainda assim, a maior parte se refere às ocupações de 2016.

4.1 VEÍCULOS HEGEMÔNICOS DE COMUNICAÇÃO

Inicia-se com uma notícia da ocupação paulista contra a reorganização escolar veiculada pelo El País, intitulada “A vida em uma escola ocupada que resiste a fechar as portas em São Paulo”. A notícia começa com o relato de uma cena cotidiana da ocupação, falando sobre o almoço preparado por um dos estudantes. A partir desta cena, a jornalista traz o fato da escola estar ocupada e o motivo pelo qual isto estava ocorrendo.

Figura 1: A vida em uma escola - El País



Fonte: Jornal El País (2015)

Em seguida, apresenta-se informações sobre a estrutura de oferta de ensino da escola, atendendo desde o ensino fundamental até o EJA, explica um pouco mais sobre como a reorganização poderia afetar a comunidade escolar, e relata a organização horizontal dos estudantes. Todavia, a reportagem chega a um ponto que toma um espaço bem significativo para falar sobre o envolvimento de movimentos não estudantis nas ocupações. Mesmo assim, não parecia estar

abordando isto como algo ruim. Inclusive, deixando claro que o envolvimento das ocupações com grupos como o MTST, ou o MPL, ocorria no caráter consultivo no qual os estudantes pediam dicas de organização do movimento.

Ao final, conclui apresentando a angústia das famílias que não sabiam como fariam para se organizar. Visto que teriam que mandar seus filhos para escolas diferentes, em direções distintas, dificultando a logística de deslocamento da família. Em resumo, não se percebe uma tentativa de criminalização do movimento estudantil.

Já na porta de estourar uma nova onda de ocupações em São Paulo no ano de 2016, agora por conta da reforma do ensino médio, veiculou-se outra notícia pelo El País intitulada “Reforma do ensino médio reacende mobilização um ano após ocupações em São Paulo”. Mais uma vez, o noticiário cumpre o seu papel informativo sem insinuar algum tipo de criminalização do movimento.

Figura 2: Reforma do Ensino Médio - El País



Fonte: Jornal El País (2016)

No caso da ocupação escolar cearense no primeiro semestre de 2016, uma notícia veiculada pela Uol relata a tentativa de acordo entre estudantes e o governo local. A mesma também cumpre o seu papel informativo. Embora não tenha sido uma notícia que pudesse ser totalmente desfavorável aos estudantes, percebe-se uma diferença em relação ao noticiário do El País citado anteriormente. A notícia veiculada pela Uol deu muito mais espaço para a fala do governo do que para os manifestantes. Sendo que o El País tinha dado mais espaço para representantes da comunidade escolar, tanto pais quanto professores e estudantes.

Figura 3: Sem acordo, estudantes decidem... - UOL



Fonte: Portal UOL (2016)

Outra notícia do El País, com um olhar mais voltado para as ocupações ocorridas no Paraná no movimento contrário à reforma do ensino médio, fala sobre a resistência e a decisão dos estudantes permanecerem com as ocupações mesmo depois de pedido de reintegração de posse. Na mesma reportagem é destacado a polaridade incentivada pelo MBL através do Desocupa Paraná. Embora a notícia tenha buscado ouvir os diferentes agentes envolvidos, evidenciando a existência de diferentes narrativas, percebe-se uma leve crítica sobre a atuação do MBL.

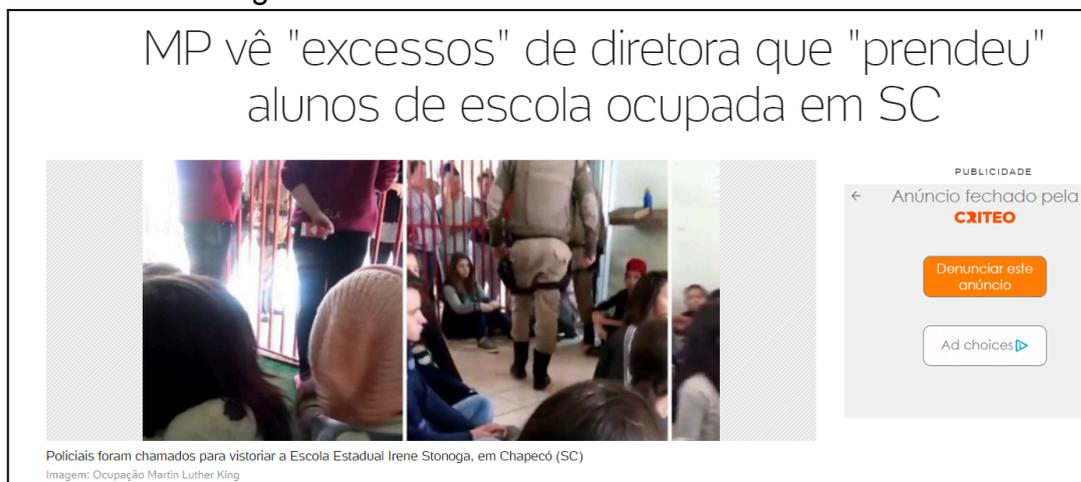
Figura 4: Secundaristas são pressionados - El País



Fonte: El País (2016)

Encontra-se uma notícia no Portal Uol, uma das mais impactantes dentre as selecionadas, relatando a repressão sofrida pelos estudantes e cometida pela diretora de uma escola em Chapecó/SC na ocasião das ocupações do segundo semestre de 2016. As informações veiculadas na notícia contribuíram no tensionamento da disputa de narrativas, sendo mais favorável ao movimento do que contra.

Figura 5: MP vê “excessos” de diretora - UOL



Fonte: Portal UOL (2016)

Por fim, evidencia-se duas notícias distintas encontradas no portal G1. A primeira informa sobre a ocupação do Instituto Federal Catarinense (IFC), no campus de Rio do Sul. Tal notícia apenas apresentou a situação da ocupação, com um caráter meramente informativo. Contudo, a outra notícia veiculada no mesmo portal tratava de um assunto muito sério ocorrido em uma ocupação do Paraná. Certamente, o caso mais emblemático dentre as ocupações do final de 2016.

Figura 6: Ocupações do IFC de Rio do Sul - G1



Fonte: Portal G1 (2016)

Figura 7: Adolescente é encontrado morto - G1



Fonte: Portal G1 (2016)

O caso citado como emblemático se refere ao assassinato de um dos estudantes nas dependências da escola durante o movimento de ocupação. O triste acontecimento é escancarado na manchete que diz: “Adolescente é encontrado morto dentro de colégio estadual ocupado” e segue com a frase “Segundo a Sesp, rapaz foi morto por um colega após uso de droga. Crime aconteceu na tarde desta segunda-feira (24), em Curitiba”. Embora possa ser interpretado com teor meramente informativo, a notícia acaba favorecendo uma narrativa contrária à continuidade das ocupações escolares. Isto ocorre pois, mesmo compartilhando as notas tanto do governo quanto do movimento, as informações apresentadas pesam mais como argumentos contrários ao movimento.

Apesar das características um pouco distintas entre as informações relatadas, pode-se afirmar a presença de algo em comum. É evidente que os veículos de mídia hegemônicos, em teoria, servem como uma ferramenta para informar algo à população. Sendo assim, é notório a não abertura de espaço para os manifestantes comunicarem efetivamente suas pautas. E também, ao depender do rumo da escrita da reportagem, é perceptível uma tendência às vezes favorável e às vezes contrária às ocupações.

4.2 VEÍCULOS NÃO-HEGEMÔNICOS DE COMUNICAÇÃO

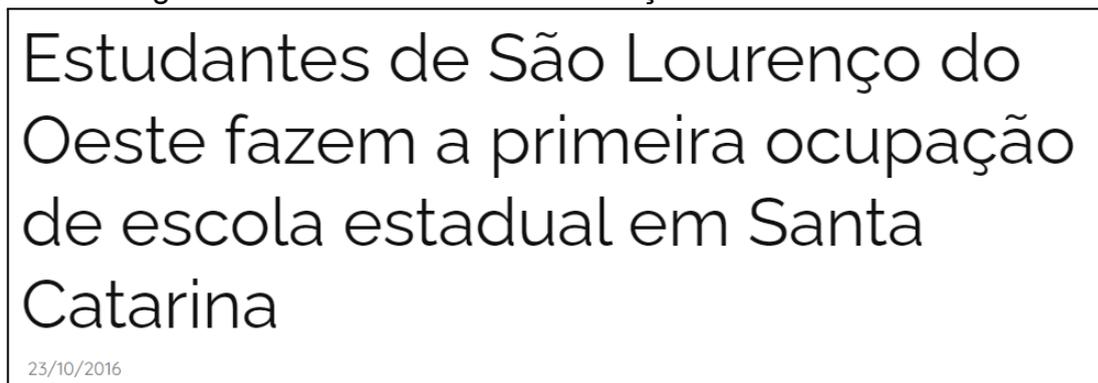
Da mesma forma que foi apresentado algumas abordagens dos veículos de mídia hegemônicos no tópico anterior, aqui serão relatadas algumas abordagens referentes aos veículos de mídia não-hegemônicos de comunicação. Elege-se especificamente, a fins de recorte metodológico de pesquisa, a análise de algumas

informações veiculadas pelo portal Desacato, Vermelho, Brasil de Fato, Rede Brasil Atual e Jornalistas Livres.

De forma geral, as notícias repassadas por estes veículos também carregam um teor bem informativo. Contudo, percebe-se também algumas diferenças em comparação aos veículos hegemônicos. Na sequência, apresentam-se tais diferenças a partir das notícias selecionadas. Começando pelo portal Desacato, o qual contém a maior parte das notícias triadas.

Inicialmente pode-se citar dois exemplos, um com a manchete “Estudantes de São Lourenço do Oeste fazem a primeira ocupação de escola estadual em Santa Catarina” e o outro com a manchete “Colégio de aplicação da UFSC é ocupado por estudantes”. Em ambos os casos, o portal informa resumidamente o fato ocorrido. Contudo, a forma de abordagem indica um alinhamento mais próximo com os estudantes em relação ao tipo de abordagem dos veículos hegemônicos.

Figura 8: Estudantes de São Lourenço do Oeste - Desacato



Estudantes de São Lourenço do Oeste fazem a primeira ocupação de escola estadual em Santa Catarina

23/10/2016

Fonte: Portal Desacato (2016)

Outras notícias como a encontrada com o título “Onda de ocupações demonstra fracasso do Governo Alckmin em dialogar, diz OAB”, e “Juiz determina decisão favorável aos estudantes da EEB Irene Stonoga de Chapecó/SC”, apontam de forma mais clara uma tendência favorável aos manifestantes. Isto ao destacarem vitórias pontuais do movimento durante o processo, ou a fragilidade das instituições alvos dos protestantes.

Figura 9: Juiz determina decisão favorável - Desacato

Juiz determina decisão favorável aos estudantes da E.E.B Irene Stonoga de Chapecó/SC

11/11/2016

Fonte: Portal Desacato (2016)

É ainda mais evidente esta postura de alinhamento do portal com as ocupações em outros dois tipos de reportagens. Em um dos exemplos, encontra-se reportagens discutindo o contexto factual que possibilitou erupção das ocupações secundaristas. Mas também, encontra-se postagens nas quais o portal Desacato apenas abriu o seu espaço para reproduzir na íntegra o posicionamento dos estudantes, como no caso das publicações de várias cartas abertas dos manifestantes para a população geral.

Figura 10: Ocupar e resistir - Desacato

Ocupar e resistir: entre o político e o pedagógico nas escolas ocupadas

02/11/2016

Fonte: Portal Desacato (2016)

Figura 11: Carta dos estudantes - Desacato

Carta dos estudantes que ocuparam a primeira escola de SC

28/10/2016

 Curtir 0



Cara população catarinense,

Os alunos da Escola de Educação Básica Soror Angélica (São Lourenço do Oeste) vem, por meio desta carta, agradecer a cada um que, de alguma forma, ajudou no movimento de ocupação do prédio escolar. Agradecemos as doações, a torcida e o apoio que cada um expressou para com o movimento.

Fonte: Portal Desacato (2016)

Dentre as notícias veiculadas pelos Jornalistas Livres, destacam-se três. Uma delas relacionada às ocupações paulistas da primeira metade de 2016, referente à merenda escolar. As outras duas ocorridas no contexto do final de 2016. No primeiro caso, na notícia “Secundaristas são arrastados pela Tropa de Choque de dentro de escola ocupada”, o portal destaca com muita veemência a forma brutal pela qual a polícia teria agido contra os manifestantes. Não cumprindo apenas um papel informativo, como também um papel denunciativo. Ainda destaca a ação dos estudantes em doar cobertores e alimentos aos moradores de rua, visto que a ocupação tinha sido desfeita. O que passa uma boa imagem da ocupação.

Figura 12: Secundaristas são arrastados - Jornalistas Livres

Secundaristas são arrastados pela Tropa de Choque de dentro de escola ocupada

por Jornalistas Livres • 06/05/2016

  6  6 COMPART.



Fonte: Jornalistas Livres (2016)

Ainda falando dos Jornalistas Livres, tem-se as notícias: “Alunos ocupam novamente a E.E. Diadema” e “Tá só começando”. Em ambas pode-se perceber um papel quase panfletário, enaltecendo a importância do movimento, para além do papel informativo que o portal cumpre. Na primeira, a partir de entrevista com os estudantes, reforça as conquistas que o movimento conseguiu em 2015. Na segunda, destaca a importância do movimento na luta contra pautas governamentais.

Na Rede Brasil Atual, encontrou-se uma notícia que não é necessariamente sobre alguma ocupação escolar em si. Contudo, fala sobre as perseguições no contexto posterior das ocupações paulistas do final de 2015. Esta notícia com carácter informativo e denunciativo, relata a perseguição policial colocada em curso contra vários estudantes que haviam participado das ocupações secundaristas. Tendo, por base em apuração realizada pelos jornalistas, a ocorrência de espancamento e tortura psicológica.

Figura 13: Secundaristas são perseguidos - Jornalistas Livres

Secundaristas são perseguidos e espancados por PMs em SP

Ao contrário do anúncio oficial, governo Alckmin não retrocede reorganização escolar e utiliza PMs para intimidar estudantes

Por Redação RBA Publicado 01/11/2016 - 10h04



Fonte: Jornalistas Livres (2016)

No portal Vermelho, percebe-se o alinhamento favorável às ocupações já no enunciado “Contra o extermínio da educação, estudantes já ocupam 875 escolas”. A notícia é bem breve, contendo um carácter mais panfletário do que informativo. Na sequência, apenas lista algumas escolas que já estavam ocupadas.

Figura 14: Contra o extermínio da educação - Portal Vermelho

MOVIMENTOS

NACIONAL

Contra o extermínio da educação, estudantes já ocupam 875 escolas

A mobilização contra o sucateamento da educação promovido pelo governo ilegítimo Temer, que encontra sua maior representação na PEC 241 e na Reforma do Ensino médio, vem gerando uma onda nacional de resistência em defesa da escola pública. Segundo informações da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), já são 875 escolas ocupadas em todo o país.

Fonte: Portal Vermelho (2016)

Foram destacadas, no jornal Brasil de Fato, duas notícias sobre as ocupações do final de 2016. Uma específica sobre as ocupações secundaristas da região metropolitana de Belo Horizonte. Outra sobre as ocupações como um todo. Ao cumprir com o seu papel de informar sobre o ocorrido, as notícias são construídas de forma a indicar seu alinhamento com o movimento de ocupações.

Figura 15: Com mais de mil escolas ocupadas - Brasil de Fato

Com mais de mil escolas ocupadas, movimento de secundaristas não para de crescer

O epicentro da mobilização é o Paraná, que concentra a maioria das ocupações, em mais de uma centena de municípios

Fonte: Brasil de Fato (2016)

Por fim, reforça-se a diferença presente entre os veículos de comunicação hegemônicos e não-hegemônicos. Onde, no caso diagnosticado nas reportagens do portal Desacato, Jornalistas Livres, Vermelho, Rede Brasil Atual e Brasil de Fato, encontra-se uma linha de apoio aos estudantes como uma forma de jornalismo militante. Veículos estes, que diferentemente dos hegemônicos, servem como linha de fuga e insurreição em relação aos sentidos predominantes. Contudo, ainda há em si uma limitação enquanto estratégia comunicacional que será exposta nas próximas páginas.

4.3 HEGEMÔNICOS E NÃO-HEGEMÔNICOS: VÁRIOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, DIVERSOS OLHARES

Neste tópico, depois de ter visto alguns exemplos de como os veículos hegemônicos e não-hegemônicos retrataram as ocupações, será colocado os referidos veículos em perspectiva a partir da informação repassada sobre um mesmo fato ocorrido. Para tal, será apresentada a informação sobre o caso ocorrido em uma escola ocupada no Paraná em 2016. Nesta escola localizada em Curitiba, por nome Escola Estadual Santa Felicidade, ocorreu um triste fato. Um estudante, integrante da manifestação, foi assassinado por um colega dentro da ocupação.

Alguns veículos de comunicação realizaram seu trabalho informacional sobre a ocorrência. Dentre eles, se destacam na sequência as notícias veiculadas pelo El País Brasil, pelo Brasil de Fato, pela Rede Brasil Atual, pelo portal UOL, pela Folha de São Paulo e pelo portal G1.

Inicia-se com o fato noticiado pelo portal G1. A notícia dá enfoque a apuração da investigação a partir da manchete “Laudo da polícia aponta que garoto morto em ocupação não usou ecstasy”. O texto inicia demonstrando que o exame realizado no corpo da vítima não apontou nenhum uso de droga, e contrapôs este resultado com a fala do secretário de segurança pública que havia afirmado que o fato envolvia o uso de drogas por parte de ambos os estudantes.

Figura 16: Laudo da polícia aponta - G1

Laudo da polícia aponta que garoto morto em ocupação não usou ecstasy

Adolescente de 16 anos também não usou cocaína nem ingeriu álcool. Estudante foi morto a facadas por colega em escola ocupada em Curitiba.

Fonte: Portal G1 (2016)

A notícia relatou a nota da referida secretaria se explicando sobre a fala do secretário fundada com base em depoimentos, a postagem feita pela mãe da vítima em uma espécie de desabafo sobre a honra de seu filho, a fala de uma colega da vítima falando sobre o temperamento dócil do rapaz. Buscando trazer um breve contexto sobre o garoto assassinado.

Ao final, a notícia relembra o caso. Nesta parte faz um resumo do que ocorreu. Onde pode-se destacar, entre outras coisas, a participação dos dois rapazes na ocupação. Segundo o que a notícia apurou na fala do delegado, a vítima estava participando da ocupação desde o seu início. Já o acusado, estava na ocupação a dois dias. O texto lembra, ainda, que segundo nota do movimento Ocupa Paraná os dois estudantes não seriam integrantes da ocupação.

Neste caso, a notícia cumpre com o seu papel informativo não parecendo destacar algum elemento em específico para construir uma narrativa favorável ou contrária à ocupação.

Seguimos com a manchete “Adolescente é morto por colega em escola ocupada em Curitiba, diz polícia”, veiculada pela Folha de São Paulo. Aqui pode-se ler o que a maioria dos veículos comunicacionais relataram no primeiro momento. Cumprindo com a sua função informacional, esta reportagem da Folha de São Paulo apresentou uma pequena descrição do crime a partir da fala do secretário de segurança pública que apontava o uso de drogas por parte de ambos estudantes como motivação do ocorrido.

Figura 17: Adolescente é morto por colega - Folha de São Paulo

educação

Adolescente é morto por colega em escola ocupada em Curitiba, diz polícia

Fonte: Folha de São Paulo (2016)

A notícia segue destacando a fala do governador Beto Richa, o qual mencionava para uma responsabilização dos envolvidos no movimento de ocupação como um todo. Aproveitando-se do crime para endossar uma narrativa desfavorável às ocupações em seu estado. Ao mesmo tempo, a notícia cita a indignação de alguns professores e advogados que culpabilizam o próprio Estado paranaense pelo discurso de ódio contra as ocupações, materializando-se na tragédia.

Mesmo assim, percebe-se um maior espaço para a fala contrária às ocupações. Isto pode ser interpretado pois após apresentar o lado dos apoiadores das ocupações, a notícia volta a enfatizar a narrativa contrária a partir da fala do secretário de segurança pública e da atuação do Movimento Brasil Livre nos atos favoráveis à desocupação das escolas.

Assim como em outras notícias sobre este crime, relatam de forma breve a nota do movimento onde consta que os dois estudantes não faziam parte do movimento. Ainda assim, o peso que aparentemente se dá para um lado da história faz com que se reforce mais a narrativa do Estado paranaense do que a narrativa dos ocupantes.

Na notícia veiculada no portal UOL, com a manchete “Polícia do Paraná diz que estudante de ocupação de Curitiba foi assassinado”, faz-se uma breve descrição do ocorrido, mas sem citar o uso de drogas. A notícia coloca a motivação do crime como sendo algo de cunho pessoal, e desvinculado da ocupação em si.

Figura 18: Polícia do Paraná diz que estudante - UOL

Polícia do Paraná diz que estudante de ocupação em Curitiba foi assassinado

Janaina Garcia
Do UOL, em Curitiba
24/10/2016 18h31

PUBLICIDADE

A Polícia Civil do Paraná confirmou no começo da noite desta segunda-feira (24) que a morte de um adolescente de 16 anos no Colégio Safel, no bairro de Santa Felicidade, foi um homicídio, e que agentes da DHPP (Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa) já estão investigando o caso. O delegado Fábio Amaro confirmou que é um caso de homicídio e que um adolescente de 17 anos está apreendido provisoriamente. "Aparentemente, o crime foi por motivos pessoais. Não teve nada a ver com a ocupação"

Fonte: Portal UOL (2016)

A mesma notícia, apresentada em apenas cinco curtos parágrafos, deu muita ênfase à narrativa de tranquilidade e segurança das ocupações até aquele momento. Inclusive com o relato de surpresa de uma moradora vizinha da escola. Destacando, também, a fala reproduzida por apoiadores do movimento, de que aquilo era resultado do discurso de ódio propagado pelos opositores.

Outro ponto relevante é a desvinculação, feita pela notícia, entre o agressor e a escola, afirmando a partir da fala de uma advogada que o rapaz acusado não teria relação nenhuma com aquela escola. A forma como o crime foi relatado, em comparação com as duas notícias descritas acima, aponta para uma visão muito mais favorável ao movimento de ocupação.

Na sequência pode-se observar o mesmo ocorrido pela descrição do El País Brasil, na matéria intitulada "Após morte em escola ocupada de Curitiba, governador pressiona pelo fim do protesto". Esta notícia basicamente repercute a nota do governador, anteriormente citada, o que contribui com a narrativa do mesmo, visto que não teve a exposição de uma narrativa contrária. A notícia também retratou a motivação do crime envolvendo o uso de drogas, mas apontando que o resultado do exame toxicológico ainda não havia sido divulgado.

Figura 19: Após morte em escola ocupada - El País

Após morte em escola ocupada de Curitiba, governador pressiona pelo fim do protesto

Estudante Lucas Eduardo Mota foi esfaqueado por um colega. Há cerca de 800 escolas ocupadas no Paraná

Fonte: El País Brasil (2016)

Outra perspectiva foi descrita pela Rede Brasil Atual, no que diz respeito ao mesmo acontecimento. Na notícia intitulada “Jovem é encontrado morto em escola ocupada em Curitiba”, é realizada uma breve descrição do que se sabia até aquele momento. Como outras fontes de notícia, também mencionou a fala do governador. Contudo, destaca que a polícia não estava permitindo o contato dos advogados do movimento com os estudantes.

Figura 20: Jovem é encontrado morto em escola - Rede Brasil Atual



Fonte: Rede Brasil Atual (2016)

Em seguida, aponta o seu “refletor” para outro caso de violência ocorrido em outra ocupação de Curitiba. O caso relatado na mesma notícia versava sobre a depredação de um grupo de pais e professores contrários ao movimento, no intuito de desmobilizar os estudantes que ocupavam a escola Guido Arzo. É perceptível a tentativa de relacionar as falas do governador Beto Richa com os atos de violência contra as ocupações. O que demonstra a narrativa que estava sendo encampada por este veículo de comunicação.

Ainda pode-se destacar a atuação da cobertura jornalística feita pelo Brasil de Fato sobre este mesmo ocorrido. Nesta, já de cara na manchete pode-se ler “Morte de adolescente no Paraná reforça discurso de ódio contra movimento secundarista”. Antes de falar do crime em si, a reportagem fala sobre o uso do mesmo para endossar a narrativa contrária ao movimento de ocupação das escolas. Destacando a articulação de grupos de direita, como o Movimento Brasil Livre, nos atos referentes a desocupação das instituições de ensino. O que catapultou-se com a morte ocorrida na escola Santa Felicidade.

Figura 21: Morte de adolescente no Paraná - Brasil de Fato

<p>INÍCIO > GERAL</p> <hr/> <p>TRAGÉDIA</p> <p>Morte de adolescente no Paraná reforça discurso de ódio contra movimento secundarista</p> <p>Lucas Mota, de 16 anos, foi encontrado morto na tarde desta segunda-feira (24), no Colégio Estadual de Santa Felicidade</p>

Fonte: Brasil de Fato (2016)

Só a partir deste contexto inicial que a notícia passa a falar do fato ocorrido em si. Descreve minimamente, a partir do que se sabia até aquela altura, o que tinha acontecido e aponta o fato da dificuldade que os advogados do movimento encontraram para acompanhar os estudantes que estavam sendo interrogados.

Ao final, a notícia reforça a ideia de que as ocupações estavam ocorrendo tranquilamente. Desta forma, denunciando a ofensiva de grupos como o Movimento Brasil Livre na propagação de discurso de ódio contra as ocupações. Inclusive, dando a entender uma possível consequência entre o discurso do governador e a crescente ofensiva do movimento de desocupação.

Obviamente que para interpretar as diferentes notícias sobre um mesmo fenômeno, precisaria levar em consideração vários fatores. Dentre eles pode-se citar a linha editorial, a perspectiva individual do jornalista, os possíveis interesses políticos e/ou comerciais de um veículo de comunicação, entre outros. Aqui, será focado apenas para a forma como a notícia foi escrita. Isto lembrando que os diferentes posicionamentos não devem ser olhados de forma maniqueísta. Mas sim, compreendidos como frutos de uma disputa na relação de poder que pode ser político, econômico ou outro. Ou seja, a ideia não é dizer quem é bom ou não entre veículos hegemônicos e não-hegemônicos. A ideia é perceber discursivamente como eles se posicionam na construção de narrativas.

Desta forma, pode-se citar primeiramente o mais óbvio. Todos os seis veículos aqui descritos cumprem a sua função no que diz respeito ao seu carácter informativo. Entretanto, ao fazer isso, cada um faz de uma maneira que pode ser interpretada de diversas formas. No caso, o portal G1 e o El País Brasil informaram o ocorrido de um jeito que não fica claro a predisposição para um lado do conflito entre as ocupações no Paraná e seus opositores.

Ao mesmo tempo, a notícia aqui relatada da Folha de São Paulo nos tenciona a pensar de uma forma contrária ao movimento. Não afirmando que isso seja uma intencionalidade de quem escreveu e publicou a notícia. Mas as ênfases colocadas na narrativa apresentada pelo governador Beto Richa, podem induzir o leitor a se posicionar contra o movimento das ocupações. Colocando o movimento como responsável pela tragédia ocorrida.

A notícia veiculada no portal UOL é breve, mas apresenta uma visão positiva para o movimento. Visão esta, que é muito mais aparente nos veículos Rede Brasil Atual e Brasil de Fato. Nestes dois últimos, além do caráter informativo, pode-se observar a presença de um caráter denunciativo. Principalmente quando estas duas notícias relatam a violência desferida contra as ocupações escolares de Curitiba por parte de movimentos como o MBL.

Ao realizar esta observação sobre como diferentes veículos comunicacionais, sejam hegemônicos (G1, UOL, Folha de São Paulo, El País Brasil) ou não-hegemônicos (Rede Brasil Atual, Brasil de Fato), trataram um mesmo caso ocorrido em uma ocupação específica, pode-se destacar a importância deste trabalho. Tendo em vista que aquilo que é noticiado no online não está desconectado da materialidade do que ocorre no offline. Por isso se compreende a complexidade por trás das formas de como as ocupações são tratadas nos diferentes veículos. Seja por conta de interesses econômicos, da subjetividade dos jornalistas ou de outros agentes envolvidos, entre outros.

Desta maneira, torna-se necessário compreender a importância da utilização de uma estratégia comunicacional autônoma por parte dos estudantes ocupantes. De tal jeito, servindo de exemplo para os movimentos populares. Para que os mesmos possam ser agentes autônomos para comunicar um fato ocorrido pela sua própria ótica, sem depender de terceiros. Esta sim seria uma nova linha rizomática de insurgência. No próximo tópico, será apresentado como esta estratégia comunicacional autônoma se apresenta a partir da realidade do coletivo O Mal Educado nas ocupações paulistas do final de 2016.

4.4 UMA COMUNICAÇÃO “MAL EDUCADA”: UM OLHAR SOBRE AS POSTAGENS REALIZADAS PELO COLETIVO O MAL EDUCADO DURANTE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE 2016

A partir de agora, examinar-se-á a estratégia de comunicação autônoma adotada pelos estudantes ao utilizarem as mídias sociais, como o Facebook, para se organizar enquanto movimento. A página no Facebook do coletivo “O Mal Educado”, que foi a base da análise neste trabalho, desempenhou um papel central na comunicação entre estudantes de várias ocupações pelo país. Conforme mencionado no capítulo referente a contextualização, foi através desse coletivo que a tradução e divulgação do manual intitulada “Como ocupar um colégio?” foi realizada, e sua divulgação foi potencializada pelas ferramentas disponíveis na plataforma do Facebook.

Embora o nome deste subcapítulo possa sugerir uma “comunicação ‘mal educada’”, vai além de um trocadilho com o contexto educacional, mas sim uma alusão à ideia de utilizar as mídias sociais para estabelecer uma comunicação autônoma, independente dos agentes da mídia hegemônica e não-hegemônica. Nesse sentido, apresentar-se-á agora os dados coletados entre outubro e dezembro de 2016, que contribuem para a compreensão do impacto da comunicação por meio de uma mídia social na organização, divulgação e mobilização dos secundaristas.

A seguir, apresenta-se alguns dos dados coletados da página do coletivo durante os últimos meses de 2016. Para as publicações, já que não seguem uma forma de texto padrão, foram elencadas categorias de análise: caráter informativo, caráter denunciativo, caráter mobilizador e caráter opinativo. Com isso, percebeu-se que postagens com caráter informativo representam 57,4% do montante de textos coletados da página do Facebook (58 textos do total de 101). Já os textos com caráter denunciativo, representam 26,7% do total de dados (27 de 101 dos textos). Os textos com caráter mobilizador e opinativo, representam 12,8% e 2,9% do montante de textos coletados, respectivamente.

Expostas as proporções, a partir daqui serão apresentados os dados. Considerando o grande volume de informações obtidas desta fonte, optou-se por selecionar alguns dos textos correspondentes de cada categoria de análise para que pudessem colaborar com a elucidação da discussão sem distender o capítulo.

Como mencionado há pouco, a característica mais presente nas publicações da página do “O Mal Educado” é o caráter informativo, visto que as mídias sociais se prestam a compartilhar informações de forma mais sucinta e direta, possibilitando publicações mais frequentes ao longo dos eventos e dias.

Além disso, imagens divulgando os atos em diferentes cidades do país eram frequentemente compartilhadas pelo coletivo. Isso leva a compreender que a página tinha um caráter participativo, permitindo que diferentes escolas anunciassem suas atividades e que estudantes secundaristas de todo o país tivessem conhecimento da existência e importância do Coletivo, identificando-se até mesmo como participantes.

Figura 22: Publicação sobre manifestação de estudantes



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 23: Publicação informativa sobre ato em São Paulo



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

As publicações divulgando os atos se repetem tanto em mobilizações locais de escala menor quanto em mobilizações de abrangência nacional, em que o ato é agendado para ocorrer simultaneamente em diversas cidades, em um dia e horário específicos.

Além disso, há outras publicações informativas que visam orientar sobre questões e pautas do movimento secundarista. Além da divulgação do “Manual de Como Ocupar uma Escola”, foram elaborados e compartilhados outros conteúdos por meio da mídia social. Isso facilitou o acesso às informações e a coordenação das atividades, mesmo em nível nacional. Também permitiu que apoiadores do movimento, como pais e simpatizantes, pudessem ter uma fonte de informações sobre o andamento das mobilizações. Essas publicações informativas representam o tipo de conteúdo mais compartilhado na página do Coletivo, sendo 58 publicações dos 101 textos coletados.

Figura 24: Publicação informativa sobre o apoio de pais às ocupações



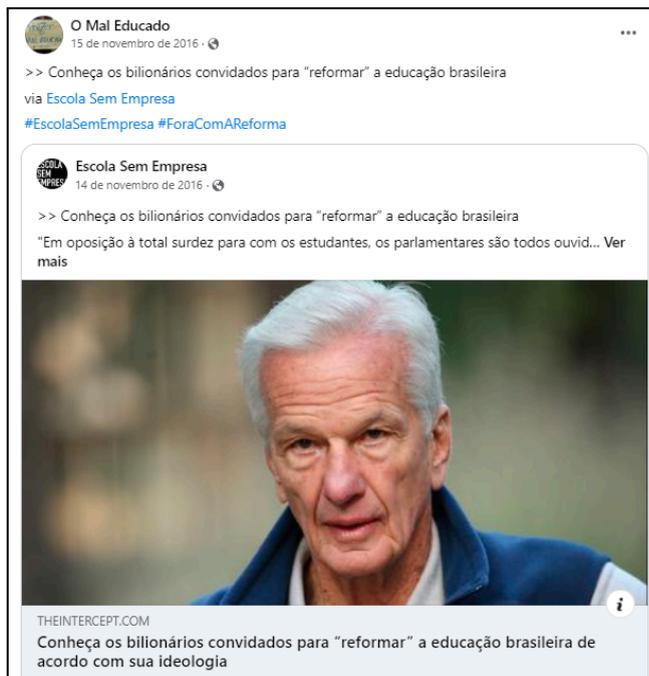
Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 25: Publicação sobre Rádio Comunitária na Universidade Federal de Goiás



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 26: Exemplo de publicação de caráter informativo e denunciativo



Fonte: Página no Facebook do Coletivo O Mal Educado

Parte das publicações de caráter informativo também assume um teor denunciativo, como demonstrado na figura anterior. A mídia social se torna uma ferramenta para expor casos de violência e ações contra os estudantes em ocupação, frequentemente perpetradas por agentes estatais, como a polícia e o Ministério Público.

Figura 27: Post de denúncia sobre invasão da Polícia Militar



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

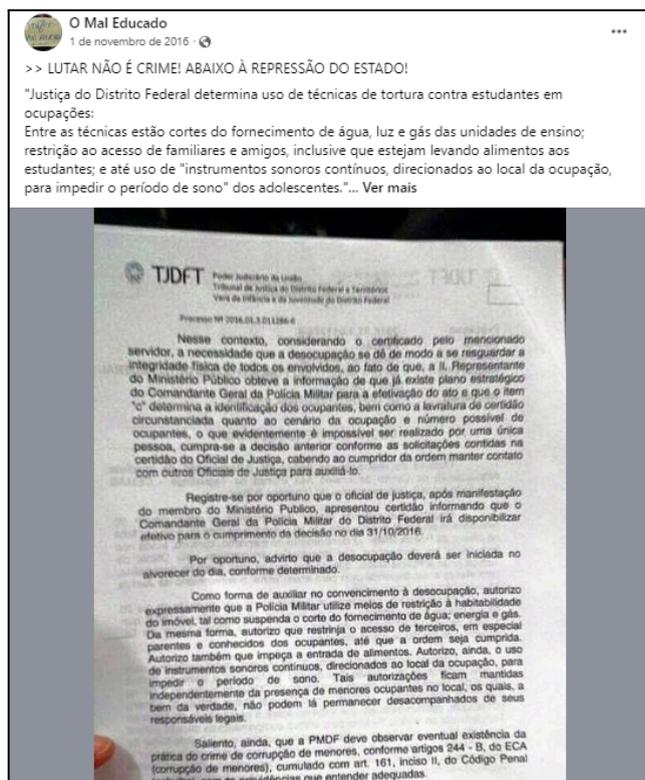
Essas postagens também desempenham um papel importante ao denunciar ações agressivas cometidas pelos agentes estatais, como a polícia e o Ministério Público, contra os estudantes que estavam ocupando as escolas. Através das mídias sociais, a conscientização sobre tais incidentes é atualizada constantemente, acompanhando as novas demandas e denúncias feitas pelos próprios estudantes. O compartilhamento dessas histórias serve como um meio de pressionar as autoridades responsáveis e a sociedade em geral a tomar medidas efetivas contra a violência policial, garantindo a proteção dos direitos dos estudantes em ocupação.

Figura 28: Publicação denunciativa sobre agressões da PM contra estudantes



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 29: Publicação de denúncia sobre repressão do Estado



Fonte: Página no Facebook do Coletivo O Mal Educado

Figura 30: Publicação denunciativa sobre atuação da PM



Fonte: Página no Facebook do Coletivo O Mal Educado

Através da página, a pauta se atualiza de acordo com novas demandas e denúncias feitas pelos estudantes. Um exemplo disso são as denúncias contra a UNIESP e o movimento “A UNIESP vai ter que pagar”, que surgiu em conjunto com estudantes universitários que sofreram com a inadimplência da instituição. Essas pautas convergem em sua defesa pelos direitos estudantis, por meio da página no Facebook que possui um amplo alcance, e buscam apoio da comunidade.

Figura 31: Publicação denunciativa sobre o golpe da UNIESP

O Mal Educado
9 de novembro de 2016 · 🌐

CONTRA O GOLPE DA UNIESP!
Depois de serem enganados, trabalharemos de graça, ficaremos endividados e não receberemos os diplomas em dia, os alunos e ex-alunos da Uniesp começam a se organizar pra responder ao golpe dos donos da faculdade. Siga a luta: [A Uniesp Vai Ter Que Pagar!](#)

Programa "A UNIESP PAGA"

"O grande 'bicho papão' do FIES é o pagamento do financiamento, que fica entre 13,5 anos a 16,5 anos. Mas isso não é problema para quem opta por uma das Faculdades Associadas Independentes do Grupo Educacional UNIESP: a partir de 2012, através deste programa exclusivo da Fundação UNIESP, quem passa a arcar com o pagamento ao Governo Federal, ou seja, com o financiamento, é a própria UNIESP.

E tanto faz se o estudante chega agora a uma das unidades, se é um ex-aluno ou mesmo alguém que vem de outra IES: assim que o cadastro for aprovado no FIES, a instituição se compromete, mediante Termo de Garantia Formal e Contrato, a pagar a futura amortização junto aos bancos. A única responsabilidade do estudante será em relação à amortização dos juros, limitados a no máximo R\$50,00 a cada três meses, pagos ao Banco do Brasil ou a Caixa Econômica Federal.

Em outras palavras: a gente vai estudar numa faculdade paga, mas não vai pagar. Não é sensacional?!"

Fiador? Esquece. Você não vai precisar.

"Esse FIES é muito bacana, mas para consegui-lo é necessário que o aluno apresente um fiador. E isso, muitas vezes, é meio complicado. Só que alunos que estudarem conosco e optarem pelo FIES não precisam se preocupar com isso, pois a fiadora é a própria UNIESP. Nós optamos por fazer parte do Fundo Garantidor, que foi criado pelo Governo Federal justamente para facilitar a vida da gente também neste sentido".

Inscrição sem complicação

"Um toque importante: o FIES tem fluxo contínuo. Significa que o estudante poderá solicitar o financiamento em qualquer período do curso, e não só quando estiver começando. Por sinal, as Faculdades Associadas Independentes do Grupo Educacional UNIESP disponibilizam, em todas as suas unidades, uma equipe de apoio ao aluno, que irá orientá-lo do começo ao fim do processo. Desta forma, você terá sempre um profissional qualificado que estará pronto a lhe ajudar em tudo o que for preciso".

Atenção às suas responsabilidades

"Ciente de que não basta apenas formar profissionais, o Grupo Educacional UNIESP visa também formar cidadãos conscientes de suas obrigações perante si próprios e também a sociedade. Por isso, para que você tenha direito a estes e a outros benefícios (veja quais na última página), será preciso que você cumpra com as seguintes exigências:

- Ter bom desempenho no rendimento escolar, na frequência às aulas e nas demais atividades acadêmicas
- Ter no mínimo média 3 (três) de desempenho individual do ENADE
- Realizar 6 (seis) horas semanais de trabalhos voluntários comprovados por meio de documentos emitidos pela entidade escolhida pelo aluno."

E aí, entendeu tudo? Se tiver alguma dúvida, ligue para o nosso Call Center. Mas se já

Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

As publicações de caráter denunciativo foram o segundo tipo mais compartilhado de texto, mas é perceptível que o tom de denúncia permeia com frequência todos os outros textos de diferentes categorias analisadas nos dados desta pesquisa. Essa abordagem denunciativa promove a mobilização e atualização da pauta, não apenas entre os estudantes secundaristas, mas também em relação a outras demandas sociais do seu contexto.

A página no Facebook se torna um ponto central para receber e divulgar demandas, denúncias e mobilizações. Essa característica está alinhada com o novo modelo propiciado pelas mídias sociais, em que denúncias são feitas de forma direta, em tempo real e caráter de urgência. Ao trazer à tona essas situações e envolver um público mais amplo, as denúncias contribuem para a solidariedade e a criação de uma rede de apoio em torno das lutas estudantis e sociais. Ao atrair a atenção, é possível pressionar as autoridades responsáveis, ampliando a visibilidade das questões enfrentadas pelos estudantes e fortalecendo sua voz coletiva.

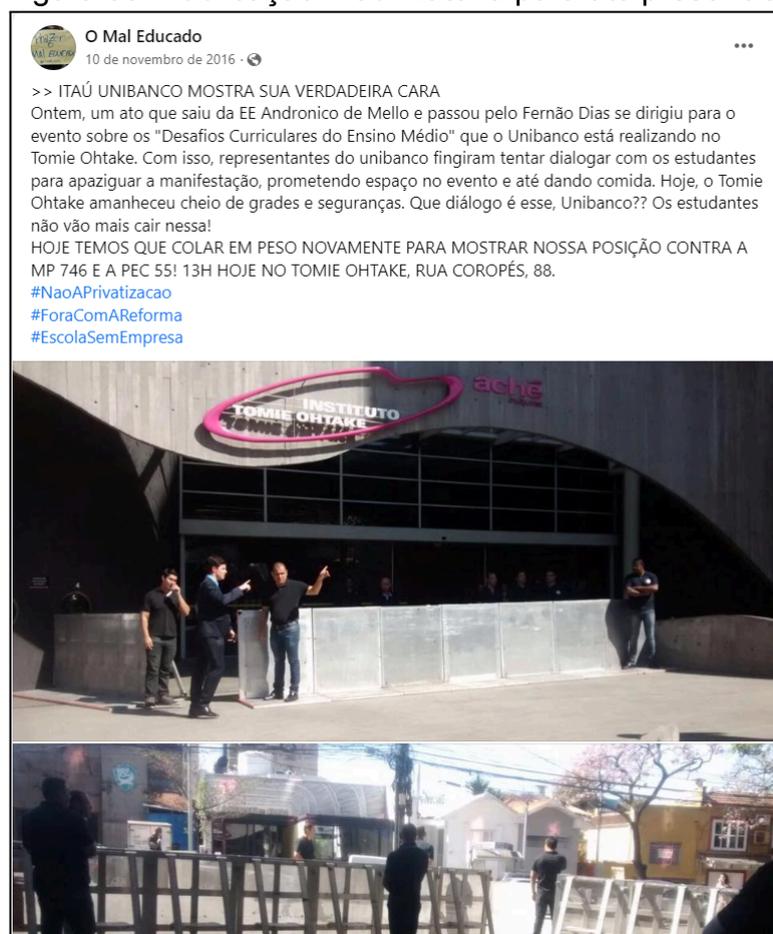
Figura 32: Publicação de caráter denunciativo e mobilizatório



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Conforme mencionado anteriormente, as denúncias também exercem um papel mobilizador, não apenas em relação às pautas, mas também em busca de ajuda e presença de apoiadores em diversas circunstâncias. Isso inclui a convocação para atos e assembleias, bem como mobilizações em resposta às ações de repressão contra os estudantes.

Figura 33: Publicação mobilizatória para ato presencial



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Como instrumento de mobilização, a página em uma mídia social permite aos secundaristas a autonomia necessária para organizar atos, assembleias e divulgar convites abertos à comunidade. É evidente que diferentes recursos da plataforma foram relevantes para o coletivo, como a criação de “Eventos”, que facilita a visualização e o gerenciamento de dados, além de permitir a adição de convidados e o registro de confirmações para atos e outros eventos divulgados pela página. O conhecimento dessas ferramentas certamente contribuiu para ampliar a divulgação e a convocação de mobilizações, bem como para a organização de um movimento de grande magnitude. A utilização eficiente dessas ferramentas digitais reflete a capacidade dos secundaristas de se adaptar às novas formas de comunicação e de explorar seu potencial para impulsionar a mobilização estudantil.

Na sequência será exposto alguns exemplos de publicações com viés mobilizador compartilhadas na página do coletivo no Facebook. Para análise da

presente pesquisa, não foram acessadas as abas dos eventos criados e divulgados na *Timeline* principal.

Figura 34: Uso da ferramenta *Evento* para divulgação de atividades

 O Mal Educado
9 de novembro de 2016 · 🌐

DEBATE SOBRE A LUTA NA EDUCAÇÃO E AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NA UNIFESP GUARULHOS
O Debate pretende traçar uma conexão desde a luta contra a Reorganização escolar, que levou centenas de secundaristas a ocuparem suas escolas no estado de São Paulo, e os processos de luta pela Educação, até os recentes ataques do governo federal a educação, saúde, e serviços públicos, A PEC 55 e a Reforma Empresarial do Ensino Médio, cuja explosão de ocupações contra essas medidas surgiu no estad... [Ver mais](#)



QUI, 10 DE NOV DE 2016
Mesa de Debate sobre a Luta da Educação e Livro: Escolas de Luta
Guarulhos, São Paulo
114 pessoas interessadas

[☆ Tenho interesse](#)

Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 35: Utilização da ferramenta *Eventos* para mobilização para Assembleia Geral

 O Mal Educado
11 de novembro de 2016 · 🌐

ASSEMBLEIA GERAL: SECUNDARISTAS EM LUTA!
Amanhã às 14h na Casa do Povo!
[#ForaComAREforma](#) [#EscolaSemEmpresa](#)



SÁB, 12 DE NOV DE 2016
Assembléia Geral: secundaristas em luta de SP.
São Paulo
536 pessoas interessadas

[☆ Tenho interesse](#)

Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Ao analisar os textos com caráter mobilizador, identifica-se os diferentes tipos de apoio buscados pelos estudantes. Para manter sua autonomia frente às instituições regulatórias, mobilizaram a comunidade de simpatizantes das ocupações a fim de arrecadar doações de alimentos, produtos de higiene e outros mantimentos essenciais para a permanência dos estudantes nas ocupações. A divulgação através da página online permitiu fortalecer a rede de apoio mobilizada e construída para além de familiares e conhecidos de estudantes, fazendo com que interessados de toda comunidade pudessem engajar com a luta secundarista.

Figura 36: Publicação com caráter mobilizatório para doações



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Ademais, também havia divulgação e registro de atividades do cotidiano de mobilização. Ao abordar a luta secundarista, é crucial considerar o envolvimento e apoio dos professores. Nas imagens a seguir, pode-se ver exemplos de convocação para a organização da categoria trabalhadora:

Figura 37: Publicação de mobilização entre professores

 O Mal Educado
9 de novembro de 2016 · 🌐

PROFESSORES ORGANIZADOS CONTRA O DESMONTE DA EDUCAÇÃO.
Reunião entre professores hoje às 19h pra discutir a reforma do ensino médio, pec do corte de gastos e a privatização do ensino.
Compartilhem e compareçam.

PROFESSORA E PROFESSOR, VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS RISCOS DO PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO, DO PROJETO DE LEI QUE TRATA DAS TERCEIRIZAÇÕES E DA INFILTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO PARA A NOSSA PROFISSÃO?

ESTAMOS VIVENCIANDO SÉRIAS AMEAÇAS CONTRA NOSSA ATUAÇÃO PROFISSIONAL, E É PRECISO QUE NOS ORGANIZEMOS ENQUANTO CATEGORIA PARA DEFENDER NOSSOS DIREITOS.

VAMOS DISCUTIR ESSAS E OUTRAS QUESTÕES?

DIA 9/11, QUARTA-FEIRA, ÀS 19H, NA PRAÇA MAL. CORDEIRO DE FARIAS, S/N. (PRAÇA PERTO DA ESQUINA DA PAULISTA COM A CONSOLAÇÃO)



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 38: Publicação de mobilização para reunião de professores

 O Mal Educado
29 de novembro de 2016 · 🌐

QUARTA: REUNIÃO DE PROFESSORES PARA DISCUTIR CONTROLE E PRECARIZAÇÃO
Compartilhando um convite a todos os professores das redes pública e privada:
"O processo de PRECARIZAÇÃO é um problema sentido por todos os trabalhadores hoje, mas que afeta o mundo da educação de maneiras particulares. A precarização do trabalho dos professores está avançando com a terceirização da gestão das escolas públicas para entidades privadas, as famigeradas OSs (Organizações Sociais). CONTRA A PR... Ver mais

**ATENÇÃO, PROFESSORA, PROFESSOR:
NOSSO TRABALHO ESTÁ CADA VEZ MAIS CONTROLADO E PRECARIZADO**

**VAMOS DISCUTIR ESTAS E OUTRAS QUESTÕES
DIA 30/11 ÀS 19H NO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO (METRÔ VERGUEIRO)**



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

E também, destacam-se a divulgação de rodas de conversa e assembleias (como ilustrado na Figura 34, Figura 35 e Figura 39), que evidenciam o caráter

participativo, autônomo e coletivo das pautas e questões relevantes para o movimento secundarista.

Figura 39: Publicação de caráter mobilizatório para atividade regional



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

E, para finalizar este capítulo, abordam-se os textos de caráter opinativo. Como mencionado anteriormente, esse tipo de texto teve a menor divulgação na página, totalizando apenas três publicações dentre as 101 coletadas. No próximo tópico, será aprofundada a discussão sobre esses dados, buscando compreender por que certos tipos de textos são menos presentes em determinados veículos de comunicação e plataformas.

É importante ressaltar que, dos textos opinativos coletados, um deles é uma nota assinada por organizações e coletivos apoiadores, enquanto os outros dois são artigos de opinião publicados no jornal Passa Palavra, um veículo de comunicação não-hegemônico online. Esses textos consistem em análises da pauta, da abrangência e dos temas centrais de interesse da luta secundarista.

Figura 40: Publicação de caráter opinativo

Contra a repressão e a criminalização da luta dos estudantes!

O Mal Educado · Última edição em 5 de maio de 2021 · 0 minuto(s) de leitura

Contra a repressão e a criminalização da luta dos estudantes!

MEXEU COM UM, MEXEU COM TODOS

Contra a repressão e a criminalização da luta dos estudantes!

Não é de hoje que quem ousa contrariar as ordens dos governos e lutar por um outro mundo é violentamente reprimido. É o que vemos acontecer cotidianamente com os movimentos sociais, é o que vimos nas ruas em junho de 2013, durante a Copa e tantas outras vezes; exemplos não faltam. Durante a onda de ocupações de escolas por todo o país no final de 2015 e início de 2016, a atuação do Estado em relação aos estudantes secundaristas não foi diferente. Mais uma vez, o poder público mostrou que sua única resposta frente às lutas populares é a do abuso do poder policial, da tortura e repressão, e do sistema de justiça, pelo cerceamento e criminalização.

Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 41: Publicação divulgando texto opinativo de jornal

O Mal Educado
24 de novembro de 2016 ·

Reflexão importante sobre a reforma empresarial do ensino médio no [Passa Palavra](#).
[#ForaComAREforma](#) [#EscolaSemEmpresa](#)

Passa Palavra
23 de novembro de 2016 ·

SEM FUTURO: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA ESCOLA
Por Leo e Sílvia

"A combinação da reforma com a PEC da redução dos gastos públicos impõe um elemento novo a esse... [Ver mais](#)



PASSAPALAVRA.INFO

Sem futuro: reestruturação produtiva na escola | Passa Palavra
A reforma do ensino médio, mais do que o programa Escola sem Partido, surge para anula...

Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Figura 42: *Repost* de uma publicação divulgando texto opinativo de jornal



Fonte: Coletivo O Mal Educado (2016)

Esses dados ressaltam a importância da página no Facebook como um meio essencial de informação, denúncia e mobilização, como também apontam para a ampla variedade de atividades, como protestos, discussões, formações e tomadas de decisão, que ocorreram *offline*. Ao utilizar as mídias sociais como estratégias autônomas de comunicação, os estudantes tiveram a liberdade de retratar as ações desse movimento histórico e construir suas próprias narrativas.

Isto demonstra que o rizoma criado pelas ocupações, e a utilização das mídias sociais como estratégia comunicacional autônoma, passa a criar novos sentidos. Inclusive em relação às instituições, parte da máquina, que apoiam a mobilização pela sua proximidade política, a exemplo de partidos, movimentos e os veículos não-hegemônicos relatados aqui. Apresentaremos no próximo capítulo, a discussão e análise dos dados aqui expostos.

5 ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL AUTÔNOMA: ALTERNATIVAS NECESSÁRIAS DE RESISTÊNCIA

Os dados e as análises apresentadas no capítulo anterior destacam a contraposição significativa que a organização dos estudantes através do Facebook representou durante as ocupações estudantis. O uso das mídias sociais permitiu que as narrativas dos estudantes fossem elaboradas e divulgadas em primeira pessoa, o que é crucial para entender, conforme Day (2004), como os movimentos sociais usam as mídias sociais como meio de mobilização, divulgação e criação de suas próprias narrativas, como abordado no capítulo 3. Este conceito é fundamental para compreender como as ocupações conseguiram alcançar uma mobilização que teve representatividade em várias unidades federativas (ainda que não houvesse uma articulação nacional proposital), importar materiais de outros países e manter as mobilizações por longos períodos de tempo. A análise dos dados a seguir destacará os pormenores e os impactos desse tipo de organização.

O caráter autônomo do movimento, evidenciado principalmente pelas mídias sociais que facilitaram a comunicação direta entre os próprios estudantes e a divulgação de seus discursos, sugere que, em vez de depender de estruturas hierárquicas de organização, os movimentos sociais podem criar novas formas de organização fundamentadas na horizontalidade e na auto-organização. Esse processo permite que os movimentos sociais possam resistir à influência do poder dominante e preservem sua autonomia.

Ao criar um novo rizoma os manifestantes, e sua estratégia comunicacional autônoma, criam uma espécie de coletividade igualmente autônoma e que se retroalimenta. Desta forma, tanto os sujeitos vão se tornando cada vez mais autônomos como a sociabilidade entre eles também. Reforçando, ainda mais, a importância da sua estratégia comunicacional. E, também, evidenciando a responsabilidade do movimento no repasse das informações e com a criação de novos sentidos em relação à ocupação em si. Imersos em um processo dialético com os demais veículos, sejam eles hegemônicos ou não.

De acordo com Alvim e Rodrigues (2017), isso se traduz na pré-figuração de formas coletivas de liberdade e responsabilidade orientadas pela busca da horizontalidade nos processos decisórios, pela ausência de líderes tradicionais (com exceção das lideranças informais de natureza organizacional) e, desse modo, pela

experimentação de uma cultura autonomista (CORRÊA, 2016) ou de uma espécie de temporalidade autônoma (NEGRI; HARDT, 2015).

Essa autonomia organizacional, viabilizada pelas mídias sociais, foi crucial para o sucesso e a longevidade das ocupações estudantis, ao mesmo tempo em que desafiou os métodos tradicionais de organização de movimentos sociais e abriu espaço para uma nova forma de resistência baseada na horizontalidade e na auto-organização. Esses elementos desempenharam um papel essencial na formação de uma narrativa favorável às ocupações, como será discutido no próximo subtópico de análise dos dados.

5.1 A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE AS OCUPAÇÕES

Embora aqui seja descrito algo que dialogue com a ideia de opinião pública, é necessário apontar as dificuldades de mensuração disto. Por este motivo, aqui não se tem a pretensão de falar de uma construção da opinião pública de fato. Contudo, será utilizado este termo para dialogar com a ideia de construção de narrativas favoráveis ou desfavoráveis ao movimento. E que no caso das referências utilizadas, vão chamar de formação da opinião pública.

Este adendo inicial é realizado pois, além da dificuldade de mensuração, percebe-se uma tendência de leitura maniqueísta da realidade a partir de tal abordagem relacionada à opinião pública. O que não é a intenção deste texto, pois compreende-se a complexidade das interações dos diferentes sujeitos se relacionando no tecido social. Feito este aviso, segue-se.

A narrativa apresentada pelos veículos hegemônicos pode ter um impacto significativo na mobilização e no apoio popular aos movimentos sociais. Como Altherman e Marques (2019) apontam, veículos como a Folha de São Paulo e o O Estado de S. Paulo, pertencentes a grandes conglomerados de mídia, deram pouca cobertura às ocupações estudantis. Em contraste, os jornais

Com menos tradição no Brasil, como o El País Brasil, deram um pouco mais de abertura ao movimento, trazendo coberturas mais abrangentes e aprofundadas sobre os protestos. Já os Jornalistas Livres, veículo de comunicação alternativo e fortemente vinculado a questões sociais, cobriu o movimento dos secundaristas praticamente em tempo real. (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:11).

Durante as ocupações estudantis, ocorreu um fenômeno de grande impacto: uma revolução na formação da opinião pública. Ou, uma abertura para o entrave de diferentes narrativas. Isso foi impulsionado pela estratégia de comunicação autônoma dos estudantes, principalmente através da utilização do Facebook. Esta transformação não se limitou a uma simples mudança na maneira de compartilhar informações; representou uma mudança profunda na hegemonia da mídia tradicional e no papel da comunicação na mobilização social.

As ocupações estudantis não eclodiram em um vácuo comunicativo. Os veículos hegemônicos, muitas vezes, retratavam os estudantes de forma unidimensional e polarizada, reduzindo suas reivindicações a meros atos de tumulto e desordem. A força rizomática da estratégia comunicacional autônoma, forjada pelos estudantes por meio da utilização do Facebook, constituía uma resposta direta a essa marginalização midiática. Ao escolherem as mídias sociais como o epicentro para disseminar suas mensagens, os estudantes efetivamente se ergueram como os contadores das próprias histórias, quebrando, assim, a narrativa unilateral e, frequentemente, tendenciosa dos veículos hegemônicos de comunicação.

Isso levou a uma mudança na formação da opinião pública, como Altherman e Marques (2019) enfatizam,

O enquadramento não é capaz de conter completamente o que transmite e, por isso, se rompe toda vez que tenta dar uma organização definitiva a seu conteúdo. Pior: o enquadramento que torna os vulneráveis visíveis nos discursos midiáticos contribui negativamente para intensificar sua precariedade e apagamento (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:11).

A opinião pública não estava mais restrita aos veículos hegemônicos. Ela passou a ser moldada pela interação direta entre os estudantes e o público, mediada pelas mídias sociais. O que tenciona uma disputa de narrativa mais aparente.

O advento da internet trouxe uma mudança fundamental nas formas de comunicação e consumo de informações. Como Zanetti e Luvizotto (2014) destacam, a internet deixou de ser um meio unilateral, marcado pelos meios de comunicação de massa, e tornou-se participativa e democrática através do uso de tecnologias da web 2.0.

Além disso, o processo de disputa de narrativas durante as ocupações se caracterizou por sua natureza descentralizada. O respaldo e a compreensão não eram mais monopólio da mídia e das elites, mas sim construídos coletivamente por

meio de interações diretas e compartilhamento de informações nas mídias sociais. A autonomia comunicacional permitiu a expressão de diversas perspectivas e vozes. Enriquecendo o panorama da opinião pública em relação às ocupações, a partir da forma que os estudantes comunicavam sua vivência de luta.

As ocupações demonstraram que a formação da opinião pública não é apenas um ato passivo de absorção de informações, mas sim um processo ativo de interação e engajamento. Ou seja, demonstrando a disputa existente na forma de como o fato é contado. Nesse sentido, a utilização do Facebook por parte dos estudantes desempenhou um papel crucial. Transmitindo não apenas fatos, mas também emoções, motivações e aspirações dos estudantes. A capacidade de interagir diretamente com aqueles que apoiavam as ocupações, ao mesmo tempo que desafiava a narrativa predominante, conferiu mais legitimidade e influência ao movimento.

Em resumo, a redefinição da formação da opinião pública, e a disputa na forma de como descrever os fatos, promovida pelas ocupações estudantis através da estratégia de comunicação autônoma, desafia os paradigmas convencionais da comunicação e da mobilização social. Ao capacitar os estudantes como comunicadores centrais de suas próprias causas, criando linhas de fuga rizomáticas, a utilização do Facebook se tornou uma ferramenta para democratização da narrativa e construção de redes de apoio.

5.2 O FACEBOOK COMO UM INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Dentro do contexto das ocupações estudantis, a utilização do Facebook se destacou como uma ferramenta versátil de resistência, desafiando as ideias convencionais sobre o uso das mídias sociais para impulsionar movimentos sociais. Ele não foi apenas um meio de comunicação, na verdade, em termos rizomáticos, tornou-se um espaço para reinterpretação, mobilização e, o mais importante, uma arena para redefinir a narrativa das ocupações.

A estratégia de comunicação autônoma adotada pelos estudantes representou uma abordagem inovadora em relação às ferramentas frequentemente associadas ao poder e controle institucional. Os estudantes se apropriaram do

Facebook, adaptando suas funcionalidades para atender às necessidades específicas de resistência. Por exemplo, o uso de hashtags (#) não era apenas uma questão de categorização de conteúdo; elas fortaleceram as mensagens e slogans das ocupações, unificando-as sob temas compartilhados e aumentando sua visibilidade.

Em setembro de 2015, começou um movimento nas mídias sociais promovido pelos estudantes secundaristas, que questionavam o programa do governo de reorganização escolar proposto por Alckmin. Conforme observado por Campos, Medeiros e Ribeiro (2016), “O movimento teve suas primeiras discussões na rede, ainda no final de setembro, por meio de hashtags como #AEscolaÉNossa, #ÉNóisQueManda e #LutarPeloNossoDireito” (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:6).

O Facebook não era apenas uma plataforma virtual para planejar, mobilizar e coordenar ações diretas, mas também uma ferramenta que fortaleceu a coesão do movimento. As ocupações não eram eventos isolados; eram partes integrantes de um movimento mais amplo. Através do Facebook, os estudantes compartilharam informações sobre ocupações em escolas diferentes, divulgaram resoluções de assembleias e coordenaram ações conjuntas. Além disso, a plataforma foi fundamental para documentar e denunciar confrontos com as autoridades policiais, expondo atos de violência e repressão e desafiando narrativas oficiais.

Desse modo, as experiências ligadas ao movimento estão intimamente relacionadas aos processos comunicativos que o permeiam: eles aparecem tanto na interação dos próprios sujeitos políticos, caracterizando suas experiências e fazeres cotidianos, quanto na sua própria produção midiática, que precisa enfrentar a cobertura dos veículos de comunicação tradicionais utilizando as redes sociais e as mídias alternativas.” (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:7) Mídias sociais: “curto-circuito na circulação hierarquizada dos saberes e enunciados, tornando a enunciação disponível a todos.” (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:10)

Um aspecto igualmente importante foi a transformação da plataforma em um espaço para compartilhar materiais educacionais e informativos. Os estudantes não se limitaram a compartilhar informações sobre as ocupações; eles também se envolveram na criação de conteúdo que explicava as raízes de suas demandas e os problemas estruturais do sistema educacional. Isso demonstra que o Facebook não foi utilizado apenas como uma ferramenta de mobilização, mas também como um meio de conscientização e educação para aqueles envolvidos no movimento.

O uso criativo do Facebook como uma ferramenta de resistência ilustra como a estratégia de comunicação autônoma permitiu que os estudantes remodelassem as plataformas digitais de acordo com suas necessidades. A capacidade de aproveitar as funcionalidades da plataforma de forma inovadora e adaptativa foi fundamental para o sucesso geral das ocupações. Ao redefinir o Facebook como um espaço para a resistência, os estudantes conseguiram estabelecer uma presença impactante, ultrapassando os limites físicos das escolas e alcançando uma audiência ampla e diversificada.

Em resumo, a forma como os estudantes utilizaram o Facebook transcendeu seu papel como uma simples mídia social, tornando-se uma ferramenta fundamental nas mãos dos manifestantes durante as ocupações. Sua reinterpretação e uso criativo, em conjunto com a estratégia de comunicação autônoma, impulsionaram uma mobilização eficaz e profundamente influente. A capacidade de coordenar, documentar, disseminar e educar por meio da plataforma desempenhou um papel crucial na sustentabilidade e visibilidade das ocupações, destacando a natureza revolucionária que as mídias sociais podem assumir no contexto dos movimentos sociais contemporâneos. Este período também marcou o início das mobilizações online, que ganharam força nos anos seguintes.

5.3 PAPEL INFORMATIVO E EDUCACIONAL DO COLETIVO

“Os estudantes se apropriaram não somente do espaço físico das escolas, mas de seus currículos e propiciaram outras formas de aprendizagem. Agiram individual e coletivamente para lidarem com os componentes culturais, éticos e políticos, de modo que, pela prática, ampliaram as possibilidades de construção de solidariedade social, organização da produção intelectual e de novas visões sobre como deveria ser o ordenamento do contexto educacional” (MORAIS, SORDI & FÁVERO, 2019, p. 145).

Uma das manifestações mais proeminentes da estratégia comunicacional adotada ocorreu por meio do coletivo O Mal Educado, cujo impacto transcendente não se limitou a meramente veicular informações de maneira unidimensional. Como um verdadeiro rizoma, o coletivo se revelou singular ao proporcionar espaço a uma diversidade de vozes e perspectivas, fomentando uma pluralidade que desafiou a tendência de monocromia muitas vezes imputada à cobertura midiática hegemônica. Ao “ampliar as vozes de estudantes oriundos de distintas origens étnicas, sociais e

culturais”, o coletivo alargou a compreensão pública a respeito dos alicerces subjacentes das ocupações (Morais, Sordi & Fávero, 2019, p. 145).

Entretanto, sua atuação ultrapassou o âmbito da simples divulgação de informações. O coletivo, de maneira intrépida, abraçou uma abordagem que transbordou as fronteiras da mera exposição dos eventos das ocupações. Engajou-se naquilo que pode ser compreendido como educação popular, compartilhando não apenas os desdobramentos das ocupações, mas também análises sobre as questões educacionais, políticas e sociais tangenciadas pelo movimento. Conforme Alvim e Rodrigues (2017), “os estudantes se veem empolgados diante do desafio de se auto-organizar, criando, por exemplo, programações de atividades, marcando e realizando reuniões entre si ou com a administração da escola e gerindo coletivamente páginas na internet.” (ALVIM & RODRIGUES, 2017:88). Tal prática não apenas cumpriu o propósito de informar o público em geral, mas, de maneira mais significativa, dotou os próprios estudantes com conhecimentos críticos, habilitando-os a fundamentar suas ações e argumentos de forma mais robusta e embasada (CARVALHO & CAMARGO, 2015, p. 117).

Um dos feitos mais impactantes do coletivo manifestou-se em sua habilidade singular de transformar a audiência de meros consumidores passivos de informações em participantes ativos no diálogo social. Sua abordagem colaborativa e interativa incentivou a audiência a imergir nas questões educacionais, cultivando contato com os estudantes envolvidos nas ocupações. O engajamento transpassou os limites de um simples exercício de conscientização e metamorfoseou-se em um convite à cidadania ativa e à participação em um movimento que ultrapassou a fronteira das escolas ocupadas, reverberando através de outras esferas da sociedade.

“Trata-se de confrontar medidas administrativas e, simultaneamente, criar outras formas de estar e lutar nas escolas por meio do diálogo com movimentos sociais, rodas de conversa, arraiais de ocupação, cineclubes, formação de coletivos, produção de curtas-metragens, ocupações de recreios, composição de músicas, organização de rádios escolares e, ainda, grupos de dança, teatro e poesia” (Alvim & Rodrigues, 2017, pp. 76/77).

Ademais, o coletivo não se limitou ao papel de mero depositário de informações sobre as ocupações estudantis. Sua influência se expandiu até o estabelecimento de pontes que pudessem interligar diferentes movimentos sociais.

O espaço proporcionado pelo coletivo propiciou que grupos imersos em diversas lutas compartilhassem suas experiências, estratégias e recursos. Tal sinergia não apenas ecoou a voz do movimento estudantil, mas também demonstrou a intrínseca interconexão entre as diversas batalhas travadas pela sociedade.

Enquanto as resistências secundaristas produzem cada vez mais experiências plurais e ensaiam um comum nas lutas, as relações de poder e as noções de propriedade que perpassam as instituições educacionais, em suas formas estatais ou privadas, parecem incapazes de captar a nova realidade, a saber: as lutas secundaristas formulam novos princípios de ampla relevância política e educacional (ALVIM & RODRIGUES, 2017:90).

Além disso, em contraposição à propensão da mídia convencional em sensacionalizar narrativas para atrair a atenção do público, o coletivo adotou uma abordagem diferenciada. Voltou seu foco para a apresentação de histórias detalhadas e contextualizadas, que penetraram além da superfície dos eventos. Ao se esquivar da lógica sensacionalista, o coletivo incitou uma compreensão mais ponderada e crítica das ocupações, desafiando a simplificação frequentemente promovida pelos veículos hegemônicos.

A contribuição do coletivo para a construção de identidade e senso de pertencimento entre os participantes das ocupações é outro aspecto importante. Através da provisão de um espaço no qual suas vozes eram não apenas toleradas, mas efetivamente valorizadas, o coletivo ergueu os alicerces de uma sensação de pertencer a algo maior. Esse sentimento atuou como um agente catalisador, incitando os estudantes a perseverar e a persistir nas ocupações, fortificando, por conseguinte, o movimento em sua totalidade.

5.4 A ATUAÇÃO DOS VEÍCULOS NÃO-HEGEMÔNICOS NAS OCUPAÇÕES

Os veículos não-hegemônicos desempenharam um papel fundamental ao retratar as ocupações estudantis, contribuindo de maneira significativa para a divulgação, interpretação e contextualização desses movimentos de resistência. Sua abordagem editorial e o envolvimento ativo com as ocupações adicionaram camadas de profundidade e compreensão aos eventos em curso, ao mesmo tempo em que desafiaram a narrativa de boa parte da mídia hegemônica.

Uma das principais contribuições destes veículos foi sua capacidade de oferecer uma perspectiva alternativa e não convencional sobre as ocupações. Enquanto muitos veículos de comunicação hegemônicos tendem a retratar esses eventos de maneira superficial ou sensacionalista, os veículos não-hegemônicos se destacaram ao apresentar análises aprofundadas e contextualizadas. Isso permitiu que os leitores vissem além das manchetes e entendessem as motivações subjacentes, os desafios enfrentados pelos estudantes e as implicações mais amplas das ocupações no cenário educacional e social do Brasil.

Além disso, estes veículos serviram como um contraponto à possível polarização midiática que pode ocorrer durante movimentos sociais. Ao oferecer espaço para diferentes vozes e perspectivas, incluindo estudantes universitários, professores e jornalistas. Não apenas ampliaram o diálogo, mas também incentivaram uma compreensão mais abrangente das ocupações. Esses diferentes autores trouxeram perspectivas únicas, embora ainda alheias ao cotidiano das ocupações, contribuindo para um mosaico de interpretações que enriqueceu a compreensão do movimento.

E também, tais veículos desempenharam um papel na construção da memória coletiva das ocupações. Ao documentar de maneira cuidadosa os eventos, decisões, desafios e conquistas das ocupações estudantis, contribuíram para a preservação de um registro histórico rico e detalhado. Isso é crucial para garantir que as lições aprendidas durante esses movimentos não se percam no esquecimento, mas possam continuar a inspirar futuras gerações de ativistas e estudantes.

Atuavam como uma voz independente, desvinculada de interesses comerciais, o que lhe conferiu uma credibilidade valiosa. Isso os tornou uma fonte confiável de informações para aqueles que buscavam compreender as ocupações de uma maneira mais autêntica e profunda. Sua abordagem crítica e comprometida com a justiça social reforçou suas posições como veículos de comunicação que se alinham com os ideais dos estudantes engajados nas ocupações.

Logo, estes veículos desempenharam um papel fundamental ao retratar as ocupações estudantis, proporcionando uma plataforma para análises aprofundadas, vozes diversas e uma perspectiva independente. Sua contribuição para a contextualização, compreensão e documentação dos eventos foi inestimável para a

preservação da memória coletiva e para a amplificação das vozes daqueles envolvidos neste importante movimento de resistência no Brasil.

5.5 A ATUAÇÃO MIDIÁTICA DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO HEGEMÔNICOS

Os veículos hegemônicos desempenharam um papel importante na disseminação das informações relacionadas às ocupações estudantis. Veículos como El País, Uol e G1 cumpriram uma função informativa ao cobrir alguns dos acontecimentos das ocupações, mesmo de forma mais geral e distanciada.

No início das ocupações o Estado e a imprensa adotaram, o que parecia ser, uma postura neutra e tutelar: “Governo orienta diretores a manterem diálogo nas escolas ocupadas”, com recomendações como a de “acompanhamento das superintendências e das diretorias buscando mediar a solução para os processos de ocupação” (ROMARIO, 2016b). (MORAIS; SORDI & FÁVERO, 2019:152).

Posteriormente contribuiu para a pressão pela desmobilização, retratando a rede de apoio e solidariedade às ocupações como um grupo político e destacando ações contrárias aos manifestantes. Vide o caso de algumas notícias analisadas anteriormente sobre o homicídio ocorrido em uma escola de Curitiba.

Considerando isso, uma observação crítica importante, é o escasso espaço concedido às vozes dos manifestantes. Embora as notícias tenham abordado as ocupações de forma informativa, muitas vezes deixaram de lado as perspectivas e argumentos dos próprios estudantes envolvidos. Essa lacuna na representação direta dos manifestantes pode resultar em uma visão parcial dos eventos, limitando a compreensão das motivações e objetivos por trás das ocupações.

Outro ponto relevante diz respeito à tendência à polarização na cobertura midiática. Em alguns casos, como o exemplo do El País, houve uma abordagem mais equilibrada, buscando ouvir diferentes partes envolvidas. No entanto, em outras situações, como no caso do assassinato de um estudante durante uma ocupação no Paraná, a cobertura pode ter contribuído para uma narrativa contrária às ocupações. Isso demonstra como a escolha de palavras, foco e estrutura das reportagens pode influenciar a percepção do público sobre os eventos, como apontam Altherman e Marques (2019),

Nesse caso, o poder da mídia atua justamente na produção de enquadramentos que tendem ora a mostrar uma ausência de ação (ou ação controlada, contida pela força policial), ora uma ação classificada como

“vandalismo”, “baderna”, “depredação do bem comum (ALTHEMAN & MARQUES, 2019:13).

Além disso, é importante destacar que as diferenças na cobertura midiática entre veículos podem refletir suas orientações editoriais e públicos-alvo. Alguns veículos de comunicação podem adotar uma abordagem mais crítica em relação às ocupações, enquanto outros podem ser mais favoráveis. Essas diferentes perspectivas podem moldar a maneira como as ocupações são retratadas e percebidas pelo público em geral. Mais uma vez, reforçando a ideia de que tudo que é relatado no online possui conexão com o ocorrido offline. Como uma espécie de retroalimentação, envolvendo jogo de interesses e as subjetividades de cada sujeito. O que nos distancia de uma visão maniqueísta, e simplista, ao interpretar as interações e formas como as ocupações são veiculadas.

5.6 REDES SOLIDÁRIAS AUTÔNOMAS E DE AFETO

Deleuze e Guattari, ao abordarem as mobilizações sociais, destacam a criação de novas formas de subjetividade e organização social como um elemento eficaz desses movimentos. Eles argumentam que as mobilizações sociais têm o poder de gerar novas formas de organização social e política, desafiando estruturas estabelecidas. Isso se alinha com a ideia de que as ocupações estudantis não apenas buscam a transformação de políticas educacionais, mas também promovem uma reconfiguração das relações sociais e subjetividades dos estudantes envolvidos.

Félix Guattari enfatiza a importância das redes de afeto e solidariedade como elementos fundamentais para a criação de novas formas de subjetividade e organização social. Essas redes não apenas fortalecem os laços entre os manifestantes, mas também promovem uma nova maneira de se relacionar com o mundo e com as estruturas estabelecidas. Isso reflete a ideia de que as ocupações não se limitam a reivindicações educacionais, mas também têm um impacto profundo na forma como os estudantes se percebem e se relacionam com a sociedade.

Nas palavras de Moraes, Sordi e Fávero (2019), a mobilização estudantil amplia a compreensão das relações sociais, expandindo a visão dos jovens sobre o contexto e as estruturas sociais vigentes. Isso destaca a capacidade das ocupações

de não apenas desafiar políticas educacionais, mas também de promover uma transformação na percepção dos estudantes sobre a sociedade em que vivem.

As ocupações propiciaram, assim, um processo formativo político-educativo –individual e coletivo –de dimensões éticas, políticas e culturais. A articulação entre pautas nacionais, relacionadas ao sistema de educação formal, e pautas locais, relativas à estrutura física e as relações hierarquizadas, fez com que os estudantes se apropriassem da cultura escolar vigente para propor mudanças nas estruturas de ensino e de poder no interior do sistema educacional vigente (MORAIS; SORDI & FÁVERO, 2019:155).

A política da estética, como mencionado por Altheman e Marques (2019), desempenha um papel fundamental nas lutas coletivas. Ela se refere aos modos diferenciados de circulação da palavra, exposição do visível e produção de afetos e desejos que impulsionam essas lutas. Isso ressalta a importância não apenas das demandas concretas das ocupações, mas também da forma como essas demandas são comunicadas e como afetam a percepção do público.

Guattari e Deleuze argumentam que a resistência contra o poder - a máquina - não é uma simples reação a ele, mas algo que existe antes mesmo do poder. Isso implica que as ocupações estudantis não são apenas uma resposta a políticas educacionais, mas uma expressão da liberdade e da capacidade de resistir às estruturas de poder. Na imagem de rizomas, criam caminhos alternativos de coexistência à máquina dominante, neste caso representada pelo Estado e outras instituições reguladoras. Como apontam Alves e Rodrigues (2017), essa visão é compartilhada por outros autores, como Michael Hardt e Antonio Negri, que enfatizam que as resistências buscam fortalecer a liberdade, não apenas reagir ao poder,

Michael Hardt e Antonio Negri (2016) concordam que não se deve pensar as relações de poder como primordiais e as resistências como simples reações a elas. Se o poder se exerce sobre sujeitos livres é importante ressaltar que não só a liberdade é anterior a ele como, mais importante, as resistências operam esforços “para fomentar, expandir e fortalecer essa liberdade (HARDT; NEGRI, 2016, p. 99).” (ALVIM & RODRIGUES, 2017:78).

E por vezes, as ocupações escolares representam um espaço híbrido, chamados por Alvim e Rodrigues (2017) de *intermezzo*, como por exemplo, os cineclubes promovidos pelos ocupantes junto aos profissionais escolares apoiadores. Esse espaço não pertence completamente à escola, mas também não está completamente fora dela. Ele é usado estrategicamente pelos estudantes para

“afetizar” as relações e promover uma autonomia relativa em relação à estrutura disciplinar da escola. Isso reflete a capacidade das ocupações de reconfigurar os espaços institucionais de maneira criativa e autônoma.

No entanto, a atuação da mídia tradicional desempenhou um papel importante no processo de desmobilização dos movimentos, como evidenciado no movimento de desocupa,

A pressão pela desmobilização incorreu na tentativa de caracterização da rede de apoio e solidariedade às ocupações como “um grupo político” que estaria conduzindo as ações dos estudantes. Essa linguagem, em um contexto de polarização política nacional, acionou a atuação de pais e de grupos organizados contrários às ocupações. Passaram então a ser frequentes as agressões aos estudantes por parte de pais de alunos, funcionários públicos e grupos contrários às ocupações. As ações destes foram designadas pelos estudantes, e até mesmo pelos que agiam de forma contrária aos que protestavam, por suas ações sistemáticas de repressão, como movimento “Desocupa”. Suas ações caracterizaram-se pela pressão e agressão psicológica e pela tentativa de depredação das escolas (MORAIS; SORDI & FÁVERO, 2019:153).

Isso levou a um tensionamento da opinião pública, especialmente com o anúncio do possível cancelamento do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) pelo Ministério da Educação (MEC).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocupações estudantis no Brasil representaram um marco na história da mobilização social e da comunicação autônoma. Os estudantes, por meio do uso estratégico das mídias sociais, conseguiram criar narrativas em primeira pessoa, seguindo a definição dos “novíssimos movimentos sociais” de Day (2004), que se baseiam em mídias sociais para mobilização, divulgação e elaboração de suas próprias narrativas. Essa estratégia permitiu a mobilização em escala nacional, a obtenção de apoio internacional e a sustentação das ocupações ao longo do tempo.

O caráter autônomo do movimento foi evidenciado pelas mídias sociais, que permitiram a comunicação direta entre os estudantes e a divulgação de seus discursos. Em vez de depender de estruturas hierárquicas de organização, os estudantes criaram novas formas de organização baseadas na horizontalidade e na auto-organização. Isso possibilitou que o movimento resistisse à cooptação pelo poder dominante e mantivesse sua autonomia, conforme destacado por Corrêa (2016) e Negri e Hardt (2015).

A construção da sua própria narrativa desempenhou um papel crucial nas ocupações. A estratégia comunicacional autônoma permitiu que os estudantes contassem a sua versão dos fatos diretamente, rompendo com a narrativa unilateral dos veículos hegemônicos de comunicação. As mídias sociais tornaram-se o meio central para disseminar suas mensagens, estabelecendo conexões pessoais com seus apoiadores e humanizando o movimento. Isso desafiou estereótipos preexistentes e incentivou a empatia e a solidariedade em torno das ocupações.

Além disso, a construção da narrativa não era mais exclusividade dos veículos hegemônicos, mas era moldada por interações diretas nas mídias sociais. Isso descentralizou o processo, permitindo a expressão de diversas perspectivas e vozes, enriquecendo o debate público sobre as ocupações.

Esta perspectiva, e sua importância, é perceptível quando realizamos a comparação na abordagem entre diferentes veículos comunicacionais. Sejam eles hegemônicos ou não-hegemônicos. Ao discorrerem sobre o mesmo fato ocorrido, conseguimos perceber nuances em suas formas de noticiar e que carregam, de alguma forma, o seu posicionamento dentro de uma rede de relação de poderes.

Neste sentido, a utilização das mídias sociais como o Facebook foi algo crucial no processo descrito nesta dissertação. Quando movimentos e/ou coletivos,

como no caso do O Mal Educado, utilizam-se de ferramentas para propagar a sua própria versão dos fatos, temos uma virada que coloca o movimento de forma autônoma no embate discursivo sobre as ocupações.

A utilização do Facebook desempenhou um papel fundamental como instrumento de resistência e transformação. Ele não era apenas um meio de comunicação, mas uma arena para reinterpretar, mobilizar e redefinir a narrativa sobre as ocupações. Os estudantes reconfiguraram as funcionalidades da plataforma de maneira inovadora, coordenando ações, documentando eventos e disseminando informações educacionais e informativas.

O coletivo O Mal Educado também desempenhou um papel essencial ao ampliar as vozes dos estudantes e fomentar uma pluralidade de perspectivas. Além de divulgar informações, o coletivo se envolveu na educação popular, capacitando os estudantes com conhecimentos críticos e engajando ativamente o público no diálogo social. A interação e a colaboração entre diferentes movimentos sociais foram incentivadas, criando conexões e solidariedade em toda a sociedade.

Esta síntese descrita acima pode ser compreendida a partir do referencial teórico mobilizado nesta pesquisa. Ao se depararem com os sentidos produzidos pela máquina, representados pelo Estado, pelas instituições escolares, pelas representações estudantis institucionalizadas, e pelos próprios veículos e mídias comunicacionais, os estudantes marcaram um contraponto ao ressignificarem o uso do Facebook. O qual também faz parte da máquina.

Tal ressignificação surge como uma linha de fuga, uma nova parte do rizoma, que cria novos sentidos. Aqui, no caso, criando novos sentidos ao comunicar a ocupação de forma autônoma. Assim, colocando-se com um posicionamento não-hegemônico, para além dos veículos comunicacionais não-hegemônicos em si. E contrapondo os sentidos dominantes da máquina, reproduzidos na maior parte das vezes (como vimos no texto, não era em todos os casos) pelos veículos comunicacionais hegemônicos.

Como este processo é totalmente afetado pela subjetividade de todos os envolvidos, percebe-se a máquina reproduzindo os seus sentidos. Contudo, isto não ocorre de forma determinista. Sendo assim, os estudantes, com a utilização de uma estratégia comunicacional autônoma, acabam reproduzindo uma sociabilidade vinda de uma subjetividade individual e coletiva que resiste e se insurge em relação aos sentidos hegemônicos. Servindo, a própria estratégia comunicacional, e a

sociabilidade entre os manifestantes, como um substrato que nutre este perfil autônomo tanto destacado na pesquisa.

Como visto em Castoriadis, o processo de criação da autonomia não depende só do sujeito independente dos demais. A autonomia é, também, gerada na relação com o outro. Desta forma, os veículos comunicacionais não-hegemônicos contribuíram significativamente ao oferecer uma perspectiva alternativa sobre as ocupações, desafiando a narrativa hegemônica da mídia tradicional. Suas abordagens editoriais independentes e comprometidas com a justiça social conferiram credibilidade, enquanto documentavam e contextualizavam os eventos das ocupações, contribuindo para a preservação da memória coletiva.

Ainda na ideia de relação com o outro na criação da própria autonomia, temos o contraste dos veículos hegemônicos. A atuação dos veículos hegemônicos muitas vezes marginalizou e sensacionalizou as ocupações, construindo uma narrativa desfavorável às ocupações. Já as redes solidárias autônomas e de afeto desempenharam um papel fundamental na criação de novas formas de subjetividade e subversão, permitindo que as resistências operassem esforços para expandir a liberdade e criar novas formas de organização social e política.

Para chegar neste entendimento, além do referencial teórico, utilizou-se uma contextualização histórica das ocupações. Mas aqui, não com a pretensão de mostrar um fio condutor de continuísmo entre elas. Nem acredita-se nesta possibilidade. A intenção desta pesquisa, ao realizar a contextualização histórica, é de encontrar pontos de inspiração. Ou seja, o que ocorreu no período anterior mais ou menos recente as ocupações e que serviram como insights.

Neste caso, destacou-se a utilização da ocupação como uma ferramenta válida e eficaz de mobilização. Recurso este utilizado pelos estudantes chilenos durante a chamada Revolta dos Pinguins. Destacou-se, também, a autonomia, a horizontalidade organizacional, encontrada na estratégia comunicacional autônoma, e exemplo da horizontalidade e do uso das mídias sociais pelo Movimento Passe Livre nas manifestações de rua de 2013. Mesmo sabendo da existência de outros elementos importantes neste contexto histórico, como o movimento dos Occupy, decidiu-se por apresentar somente estes dois fenômenos.

Da mesma maneira que fatos anteriores repercutiram nas ocupações, as ocupações e a estratégia comunicacional autônoma também podem repercutir em acontecimentos posteriores. Exemplos são: o debate atual em torno do Novo Ensino

Médio; o embate sobre a regulação das mídias sociais; as duas eleições presidenciais mais recentes, a de Bolsonaro e a de Lula na sequência; as várias tentativas de golpe de Estado, com seu ápice no oito de janeiro de dois mil e vinte e três; entre outros.

Visto este cenário, a presente pesquisa pode contribuir com esse olhar voltado à importância da estratégia comunicacional autônoma. Hoje em dia, o acesso ao aparelho celular com câmera está mais democratizado. Não obstante, também, o acesso ao uso da internet. Isto pode possibilitar, mesmo considerando as limitações disso, o uso autonomista de uma estratégia comunicacional que, bem coordenada, pode ser uma ferramenta valiosa no jogo político.

Isto pois, as informações podem ser rapidamente processadas e repassadas. De tal jeito, que um ato reivindicatório possa ter uma visibilidade *in time*. Ou seja, com um comando podemos transmitir mobilizações, nos blindar de violência estatal, repercutir ideais, entre outros. Podendo, de forma memética, criar as linhas de fuga dentro da máquina. Gerando novos sentidos e se insurgindo em relação ao *status quo*.

Em resumo, as ocupações estudantis no Brasil representaram um movimento de resistência marcado por uma estratégia comunicacional autônoma, redes solidárias e uma reconfiguração na construção de narrativas. Elas demonstraram como as mídias sociais podem ser utilizadas de maneira eficaz para mobilizar, informar e transformar, desafiando paradigmas convencionais da comunicação e da mobilização social. O que certamente serve de exemplo para os movimentos sociais no período contemporâneo. Além disso, destacaram a importância da educação popular, da pluralidade de vozes e do papel dos veículos de comunicação não-hegemônicos na construção de uma narrativa mais abrangente. Enfim, as ocupações estudantis não apenas impactaram o cenário educacional, mas também deixaram um legado duradouro na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABCONTENT. **Mídia digital x Mídia Tradicional**: entenda as diferenças. entenda as diferenças. 2020. Disponível em: <https://blog.abcontent.com.br/marketing/midia-digital-x-midia-tradicional-entenda-as-diferencas/#:~:text=As%20m%C3%ADdias%20digitais%20s%C3%A3o%20aquelas, populariza%C3%A7%C3%A3o%20do%20computador%20e%20celular> Acesso em: 15 nov. 2023.
- ALTHEMAN, Francine; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Corpos e redes: imagens e cenas dissensuais nos repertórios de ação do movimento secundarista. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 31398, 17 dez. 2019. EDIPUCRS. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2.31398>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- ALVIM, Davis Moreira; RODRIGUES, Alexsandro. Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: a fênix, o leão e a criança. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, p. 75-95, jan./mar. 2017.
- ANDRADE, Ian Rebouças de; NUNES, Márcia Vidal. Mídia Ninja e a comunicação contra-hegemônica. **Revista Alter Jor**, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 1-17, dez. 2021. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/174818> . Acesso em: 15 nov. 2023.
- ARONI, Rafael. As ocupações escolares e os secundaristas: desafios, limites e ensinamentos das ações coletivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília. **Anais...** Brasília: 2017. Disponível em: <<http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-11262.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- AZEVEDO, Rafael Sá Rego de. **A ação direta de ocupação das escolas**: as lutas estudantis da América Latina no início do século XXI. Publicado em: 06/11/2016. Disponível em: <<http://porumageografiaanarquista.blogspot.com.br/2016/11/a-acao-diretade-ocupacao-das-escolas.html>>. Acesso em: 09 ago. 2018.
- BITENCOURT, Lara Machado. **O imaginário escolar pós ocupações secundaristas**: o Caso da Emilio Massot – POA/RS. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158358/001021286.pdf?sequencia=1>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BOUTIN, Aldimara Catarina Delabona Brito; FLACH, Simone de Fátima. O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 429-446, mai./ago. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/45756/24713>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de Luta**. São Paulo: Veneta, 2016. p. 352.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

CASTORIADIS, Cornelius. **A criação histórica**: o projeto da autonomia. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**: a ascensão da insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. Para si e subjetividade. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 35-46.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet&Sociedade**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020. Disponível em:

<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleicao-CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf> Acesso em: 15 nov. 2023

CHAGAS, Luã José Vaz. Mediação e diversidade de vozes: a ação das fontes na cobertura do movimento de ocupação nas escolas paranaenses. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 2, p. 161-177, dez. 2017.

CHAPARINI, Matheus. 24H de reportagem: a última ocupação? In: CATTANI, Antonio David (Org.). **Escolas Ocupadas**. Porto Alegre: Cirkula, 2017. p. 160.

CORTI, Ana Paula de Oliveira; CORROCHANO, Maria Carla; SILVA, José Alves da. "Ocupar e resistir": a insurreição dos estudantes paulistas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1159-1176, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v37n137/1678-4626-es-37-137-01159.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, Luciano Bedin da; SANTOS, Manuella Mattos dos. Espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto Alegre: o apoio mútuo como base da inteligência coletiva. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 49-72, jan./mar. 2017.

COUTINHO, Luciana Gageiro; ANDRADE, Claudia Braga de. O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação? **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, p. 48-63, jan./mar. 2017.

CRUZ, Daniel Scheren da. **Leitura das ocupações escolares a partir de vários olhares**. 2018. 26 f. Monografia (Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura). Instituto Federal de Santa Catarina, Xanxerê, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1604/Daniel_Scheren_da_Cruz_TCCPLS_2018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 mai. 2023.

DAVID, Francieli Marcon; MARTINS, Silvane Aparecida. As ocupações secundaristas em Francisco Beltrão-PR – 2016. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, e36442, 2021. DOI: 10.26512/lc.v27.2021.36442. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36442>>. Acesso em: 11 Jul. 2023.

FACHINETTO, Rochele Fellini; CHIAPETTI, Camila; CÂMARA, Gabriel Guerra. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **Escolas Ocupadas**. Porto Alegre: Cirkula, 2017. p. 160.

FERREIRA, Carolina Arruda. Formação a contrapelo: as ocupações estudantis e o exercício da autonomia. In: REUNIÃO NACIONAL ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais Eletrônicos...** São Luís, 2017a. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anpe_d_2017_GT14_1117.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

FERREIRA, Sofia Rodrigues. Jovens secundaristas e o exercício democrático nas ocupações escolares de 2016 em Porto Alegre. In: REUNIÃO NACIONAL ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais Eletrônicos...** São Luís, 2017b. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anpe_d_2017_GT03_1264.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

FERREIRA, Sofia Rodrigues. **Juventudes secundaristas, educação, cultura e política**: o fenômeno das ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2017c. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P_RS_2e3f7237c8d9a65b65be8485f319f301>. Acesso em: 27 mai. 2018.

FLACH, Simone Fátima; SCHLESENER, Anita Helena. Análise de conjunturas sobre a ocupação de escolas no Paraná a partir do pensamento de Antonio Gramsci. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 165-186, jan./mar. 2017.

FONSECA, Israel Mendes da et al. Juventude e ativismo: estratégias de ciberativismo em contexto das ocupações de 2016. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES, [2017?], [S. l.]. **Anais Eletrônicos...** [S. l.], [2017?]. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/joinbr/trabalhos/TRABALHO_EV081_MD1_SA7_0_ID16_15092017180602.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

FRANÇA, Isadora Gonçalves. Revolta dos Governados de 2013 no Brasil: narrativas em disputa. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 28-86, dez. 2022.

GROPPO, Luís Antonio et al. Ocupações no sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 141-164, jan./mar. 2017.

JANUÁRIO, Adriano et al. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro**, [S. l.], [2016?]. Disponível em: <<http://www.revistafevereiro.com/pdf/9/12.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

JOURDAN, Camila. **2013: Memórias e Resistências**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2018.

LACERDA, Andressa Elisa. **Autonomia nas escolas: da formação política às ocupações, em busca de uma educação libertária**. 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468197750_ARQUIVO_AUTONOMIANASESCOLASDAFORMACAOPOLITICAASOCUPACOES.EMBUSCADEUMAEDUCACAOLIBERTARIA.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2018.

LEITE, Miriam Soares. No “colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, p. 23-47, jan./mar. 2017.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões Contemporâneas de Rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. 2006. 269 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

MACEDO, Regina Moura de; ESPINDOLA, Neila; RODRIGUES, Allan. “Não é só pelo diploma”: as ocupações das escolas e os processos curriculares. **Revista e-Curriculum**, v. 14, n. 4, p. 1358-1376, out./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/30018/21867>>. Acesso em: 19 out. 2018.

MEDEIROS, Josué. Breve história das jornadas de junho: uma análise sobre os novos movimentos sociais e a nova classe trabalhadora no Brasil. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 27, n. 51, p. 87-117, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/28888/16044>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia On e Offline: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 10, p. 41-65, jun. 2004. Semestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 15 nov. 2023

MORAES, Wallace. **2013, Revolta dos Governados ou, para quem esteve presente, Revolta do Vinagre**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

MORAIS, Sérgio Paulo; SORDI, Denise Nunes de; FÁVERO, Douglas Gonsalves. Ocupação e contra ocupação de escolas públicas: o caráter político-educativo da

mobilização coletiva. **Revista Trabalho Necessário**, v.17, n. 33, mai./ago., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/29372>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

MOREIRA, Matheus. Secundaristas: anarquismo temporário contra governabilidade partidarista. **Revista Fórum**. 2015. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/news/2015/12/7/secundaristas-anarquismo-temporario-c-ontra-governabilidade-partidarista-128.html>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

MORESCO, Marcielly Cristina. O corpo “fala” politicamente: as performatividades das/nas ocupações secundaristas do Paraná. In: REUNIÃO NACIONAL ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais Eletrônicos...** São Luís, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anpe_d_2017_GT23_940.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

NASCIMENTO, Sthefani Amâncio do; KOWATA, Elisabete Tomomi. Relato das ocupações das escolas estaduais de Goiânia: numa perspectiva acadêmica. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO DO CCSEH, 2016, Anápolis. **Anais...** Anápolis, 2016. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7585/5074>>. Acesso em: 19 out. 2018.

PAES, Bruno Teixeira; PIPANO, Isaac. Escolas de luta: cenas de política e educação. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 3-25, 2017.

PAIM, Bruna Bergamo; CÁCERES, Sabrina; BRIGNOL, Liliane Dutra. Ocupações em Santa Maria: uma roda de conversa sobre mídia com os ocupantes secundaristas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 18., 2017, Caxias do Sul. **Anais Eletrônicos...** Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0641-1.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

RIBEIRO, Rejane Arruda; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Outubro, 2016, Brasil - As ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização. **Psicologia Política**, v. 19, n. 45, pp. 286-300, mai-ago. 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7422836>> Acesso em: 11 Jul. 2023.

RICO, Omar Alejandro Sánchez. **Comunicação midiática e consumo de afetos**: narrativas sobre protestos e ocupações contra a Reorganização Escolar em São Paulo. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo). Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de

Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, 2017.
Disponível em: <<http://tede2.espm.br/handle/tede/240>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. “Como ocupar uma escola? Pesquisa na internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. **Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 93-110, Mai./Ago. 2017a. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2697>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. Novos letramentos e ativismo: aprendizagens formal e informal nas ocupações de escolas em São Paulo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 14, n. 26, 2017b. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/922>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

SANTANA, Guilherme Xavier de. Democracia Direta, Ação Direta e Autogestão: o caso do movimento de ocupações estudantis na América Latina. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 1, p. 131-148, mar. 2021. Trimestral. Disponível em: <https://web.p.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=0&sid=430a483e-d3fd-4cb5-8107-f97baf775fdd%40redis&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=a-ph&AN=150012781> . Acesso em: 07 jul. 2023.

SORDI, Denise N. de; MORAIS, Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. **Religación**, Quito, v. 1, n. 2, Jun. 2016. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Ecuador/rgn/20160801051928/de_sordi_morais.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 35-62, Set./Dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/21757984.2014v13n28p35/8900>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

TATAGIBA, E.; GALVÃO, E. “Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)”. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 25, nº 1, p. 63-96, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/op/a/C5zs3mVLLL3YXVyVpw4jnkG/>>. Acesso em: 07 jul. 2023

TORRES, Aline. **MP vê ‘excessos’ de diretora que ‘prende’ alunos de escola ocupada em SC**. 2016. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/11/02/mp-ve-excessos-de-diretora-que-prende-alunos-de-escola-ocupada-em-sc.htm#:~:text=As%20a%C3%A7%C3%B5es%20da%20diretora%20da,Piazza%2C%20que%20investiga%20o%20caso.>>>. Acesso em: 11 jul. 2023

VALVERDE, Suliane Dias. **Reorganização escolar no governo Alckmin: administração gerencial na gestão educacional do estado de São Paulo**. 2016. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração de Empresas, Faculdade de Ciências

Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/978292> . Acesso em: 11 jul. 2023.

VAZ, Luiza; HAUPTMANN, Claudemir. Ocupações escolares: o discurso do poder jornalístico. **Revista Advérbio**, [S. l.], v. 12, n. 25, Jul./Dez. 2017. Disponível em: <http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs3/index.php/ojs3/article/view/178>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

VOMMARO, Pablo. **Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina: tendencias, conflictos y desafíos**. Argentina: Grupo Editor Universitario, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20160905042410/Juventud-y-Políticas.pdf> > Acesso em: 07 jul. 2023.

ZIBAS, Dagmar M. L.. "A Revolta dos Pingüins" e o novo pacto educacional chileno. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 13, n. 38, p. 199-220, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782008000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/557XBPvZyjWvfPrZt8dy8Xj/> . Acesso em: 07 jul. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 - Relato da Ocupação da Escola Fen'nó, ocorrida no final de 2016

A OCUPAÇÃO ESCOLAR NA ESCOLA INDÍGENA FENNÓ

No ano de 2016, várias escolas foram ocupadas em estados brasileiros como São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As motivações que levaram os estudantes secundaristas a ocuparem suas escolas foram diversas, como relatado anteriormente. Contudo podemos destacar a proposta de emenda constitucional – PEC – 241/16, a qual previa o congelamento dos gastos públicos, e a apelidada Lei da Mordaça (867/2015), a qual previa a não permissão de debates referentes à política, à religião ou ao gênero nas escolas. Além do posicionamento contrário a estas propostas, os secundaristas colocaram-se marcadamente contrários à medida provisória – MP – 746/2016. Esta prevê a reformulação do ensino médio em pontos como a flexibilização do currículo escolar.

Um dos principais focos de ocupação escolar secundarista no estado de Santa Catarina foi na cidade de Chapecó. Neste município as ocupações iniciaram com estudantes, em parte ligados a União Municipal dos Estudantes Secundaristas – UMES -, do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Em seguida, várias outras escolas da rede pública estadual também fizeram seu processo de ocupação.

Dentre elas cito as escolas Tancredo de Almeida Neves, Irene Stonoga, Marechal Bormann e Fen'nó. Sendo esta última uma escola localizada em área indígena. Desta forma vamos nos debruçar, neste momento, sobre a experiência da escola Fen'nó durante o movimento de ocupação.

Nesta seção do trabalho será realizada uma pesquisa de cunho etno autobiográfico com o objetivo de, a partir de cenas etnográficas, relatar como ocorreu a ocupação na escola Fen'nó. Em complemento ao mesmo, podemos fazer uma descrição da comunidade e de sua história, assim como da liderança que originou o nome da escola. Isso seria importante para entender o contexto que forma essa população. Também será importante fazer uma contextualização da escola em si e da estrutura da educação indígena.

RELATO SOBRE A OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NA ESCOLA INDÍGENA FEN'NÓ

A ocupação, que aqui será devidamente relatada, foi realizada nas dependências da escola indígena Fen'nó. Esta situa-se no interior do município de

Chapecó/SC, mais especificamente na Terra Indígena Toldo Chimbangue a qual fica a caminho da cidade de Paial/SC. A escola conta com diversas salas de aula, comportando as turmas desde os anos iniciais do ensino básico até a conclusão do ensino médio, um laboratório de informática com poucos computadores, uma pequena biblioteca, banheiros, cozinha, despensa, sala de professores, sala de educação especial, coordenação pedagógica e direção. Embora seja uma escola indígena o modelo do prédio não diferencia muito de outras escolas de ensino regular, a não ser pelas constantes decorações com marcas Kaingang e Guarani.

É neste espaço que ocorreu a ocupação realizada pelos estudantes indígenas. Embora seja um repertório de mobilização que está sendo utilizado já há algum tempo, sendo mais recentemente adotado pelos secundaristas brasileiros, na Fen'nó foi a primeira vez que a escola teve uma ocupação estudantil. A movimentação durou cerca de duas semanas, com seu término coincidindo com o dia no qual ocorreu uma grande manifestação por várias cidades espalhadas pelo território brasileiro. Tanto as manifestações, quanto as ocupações, tinham entre seus objetivos o posicionamento contrário perante a proposta de reforma do ensino médio, além de serem contrários à proposta de reforma trabalhista, do congelamento dos gastos públicos e da lei da mordaza.

Antes de contar como foi a ocupação nesta escola eu vou relatar os meus primeiros contatos e impressões com a comunidade indígena na qual ela se insere. Meu primeiro contato com a comunidade do Toldo Chimbangue, e outras terras indígenas da região de Chapecó, foi através de um projeto de extensão na época que eu era estudante de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul no campus de Chapecó. Ao ser selecionado para a bolsa em 2012, naquele momento de segundo semestre da graduação, ainda não havia nenhum conhecimento ou contato anterior com alguma população indígena.

O projeto era intitulado como Cinema na Aldeia, e consistia na exibição de documentários produzidos por outros povos indígenas e sobre a própria temática indígena. A equipe, que além da minha pessoa tinha a presença de outro estudante bolsista e da professora coordenadora, realizava, em um primeiro momento, os levantamentos teóricos/bibliográficos e as discussões dos mesmos. Em seguida, levávamos os documentários para as escolas indígenas para a devida exibição e debate. O intuito era provocar estudantes e professores da comunidade em relação a necessidade de reforçar a autonomia dos povos indígenas. Assim, poderíamos

discutir a importância da organização desta população para evitar a perda de seus direitos.

A minha primeira impressão, muito devido a mediação que a professora coordenadora realizou de forma eficiente com o suporte teórico, foi muito boa. Aqueles povos indígenas, na sua maioria Kaingang, repassaram-me uma ideia de organização e luta da qual me identifiquei. Tanto que em um período posterior, participando das atividades referentes a semana cultural indígena organizada anualmente, acabei por me batizar em ambas as etnias Kaingang e Guarani onde recebi os respectivos nomes de Kusé e Xunū. A partir desta época passo a me identificar com a causa indígena.

Tanto que após um hiato, onde não consegui manter contato, volto até o Toldo Chimbangue em 2016, desta vez como professor, para ministrar aulas de Sociologia na escola Fen'nó. Lembro que o primeiro contato ao regressar teve um certo estranhamento de ambas as partes. De um lado a estranheza de um não indígena ministrando aulas ali. Do outro lado eu tendo que compreender a lógica da educação indígena que assimila conhecimentos ancestrais com científicos, diferente da forma que eu vinha trabalhando nos três anos anteriores de educação regular.

A experiência foi muito satisfatória, pois me permitiu enxergar os conceitos de outras formas. Realizando conexões que até então não havia pensado. Inclusive, por conta da falta de professores para atuar em certas disciplinas, tive que atuar como professor de Ciências no ensino fundamental e professor de Biologia no ensino médio, para além das aulas de Sociologia. No caso do ensino médio, tinha a liberdade de trabalhar conteúdos de Sociologia e Biologia a partir de reflexões que os aproximavam. Sempre com a intermediação dos conhecimentos ancestrais indígenas.

A própria dinâmica da escola era diferenciada, onde professores faziam aulas em conjunto para mostrar as relações entre os saberes. Em muitos momentos, trabalhava-se com oficinas e saídas de campo para que os estudantes pudessem vivenciar e aprender os saberes de seu povo. Destaco aqui um exemplo que eu participei na mediação acompanhado de um professor indígena. Nesta atividade, levamos os estudantes em uma área arborizada da comunidade para fazer a extração de matéria-prima com o objetivo de realizar a confecção de lanças, arcos e flechas.

Durante nossa caminhada entre as árvores, enquanto uns iam abrindo caminho, o professor indígena ia explicando qual tipo de madeira era melhor para fazer lanças e qual era melhor para fazer arcos. De forma geral, os estudantes não pareciam prestar muita atenção. Mesmo assim, alguns demonstravam um pouco mais de destreza do que os outros. Principalmente os mais velhos. Depois de realizada a coleta da madeira, partimos com elas de volta à escola para iniciar a oficina.

A oficina se dividiu em dois dias. Primeiro para a confecção de lanças e depois para a confecção de arcos e flechas. Algo importante que observei foi a participação dos estudantes na atividade. Na verdade, aparentemente, a maioria deles não pareciam estar muito interessados na oficina, assim como alguns na coleta do material. Até quis chamar a atenção deles pois achava uma falta de respeito com o professor que estava os ensinando. Contudo, acabei não fazendo isto pois reparei que o professor estava tranquilo como se não estivesse incomodado com aquilo.

Mais tarde, ao final da aula, busquei conversar com ele sobre o comportamento dos estudantes na oficina. Eis que ele disse que era assim mesmo, e que ele estava ali ensinando com o exemplo. Caso alguém quisesse, aprenderia observando ou tirando dúvida. Do contrário, ao não estarem prontos eles não aprenderiam mesmo. Com esta visão, passei a observar a execução da atividade de outra forma no dia seguinte.

E, de fato, percebi que de tempos em tempos os estudantes se aproximavam para fazer os seus materiais e tentavam imitar o professor. Às vezes pediam ajuda para fazer alguma coisa que não conseguia executar, principalmente na parte do acabamento. Inclusive, alguns rapazes mais velhos vieram no contraturno de suas aulas para poder ajudar o professor na orientação dos demais.

Percebi que os estudantes estavam realizando a atividade e estavam aprendendo, de fato, como confeccionar esses materiais como a lança. Cada um no seu próprio tempo. No decorrer dos três anos que trabalhei ali, de 2016 a 2018, tive a oportunidade de observar este processo de ensino e aprendizagem em outros momentos, em outras atividades extracurriculares. Todavia, antes de relatar essas experiências aqui, vou relatar um pouco sobre a dinâmica da ocupação.

Neste estabelecimento educacional, anteriormente citado, a ocupação teve início pela iniciativa de algumas alunas do sétimo ano do ensino fundamental. As

mesmas se organizaram de uma forma que não levantaram suspeitas sobre o que estavam planejando. Tanto que muitos nem esperavam que a escola Fen'nó pudesse ser ocupada. As estudantes, organizaram-se na casa de uma delas durante o fim de semana que antecedeu a ocupação. Segundo elas, aproveitou-se para pensar na ocupação e confeccionar os primeiros cartazes.

As estudantes se aproveitaram da dinâmica de funcionamento da escola para fazer a ocupação. Geralmente, uma funcionária responsável pela limpeza chegava para abrir a escola antes da direção ou dos professores. As meninas se organizaram e chegaram antes da direção e professores. Quando os professores, a direção, e demais estudantes chegaram na escola no turno matutino se depararam com a entrada bloqueada por cartazes reivindicatórios.

Naquela manhã, ao bater o sinal para o início da primeira aula, ninguém se dirigiu para as salas. Nem os estudantes, nem os professores. Dentre os professores, a maioria se posicionou reconhecendo como válida a iniciativa das alunas. Alguns não se manifestaram, mas também não foram para a sala de aula. Talvez pela pressão dos demais. Não dá para saber.

Contudo, como alguns destes eram pais e mães de estudantes da escola, acabaram apoiando e contribuindo com aquilo que os estudantes precisavam. Naquela altura da manhã as lideranças da comunidade já estavam sabendo do ocorrido, e o cacique se fez presente na escola para se inteirar melhor do que estava acontecendo.

Nas duas primeiras aulas o clima era de indecisão sobre a ocupação. Os professores conversavam entre si. Os estudantes faziam o mesmo, e de forma informal. Na terceira aula os estudantes resolveram realizar uma assembleia para expor a situação e pensarem sobre se iam de fato fazer a ocupação e como realizariam todo o processo. As meninas do sétimo ano puxaram o processo, e os estudantes do ensino médio participaram do debate tentando contribuir com o andamento da assembleia. Um dos pontos que alguns estudantes reforçaram era o da participação de todos para que a ocupação tivesse êxito. Apontavam para a importância de todos estarem comprometidos com a ocupação pois precisavam de gente dormindo na escola, inclusive aos fins de semana. Também reforçaram o comprometimento com as tarefas que cada um deveria desenvolver.

Os estudantes pediram que os professores também pudessem falar algo. Eu e mais dois professores indígenas parabenizamos a iniciativa dos estudantes e, em

seguida, reforçamos a fala dos próprios estudantes. Reafirmando a importância da organização. Afinal, estaríamos ali para auxiliar caso fosse preciso. Mas a ocupação era estudantil, não uma paralisação dos docentes. A autonomia sobre a condução do processo era totalmente deles.

Também convidaram o cacique para fazer uma fala. Este reforçou a fala de estudantes e docentes. Disse estar orgulhoso pela iniciativa dos jovens, lembrando que o povo Kaingang sempre foi um povo guerreiro. Que sempre conquistaram as coisas na luta. Disse que era muito importante a luta dos estudantes e que teriam total apoio da comunidade como um todo, mas que todos os estudantes deveriam estar devidamente comprometidos com o processo.

Ao final da assembleia, a proposta de reivindicação das educandas do sétimo ano foi acatada pela quase unanimidade dos estudantes da escola. Duas coisas são importantes relatar aqui sobre algumas decisões tomadas na assembleia. Primeiro, a organização das tarefas, divididos por comitês. Elaboraram comitês para a limpeza, para a segurança, para a comunicação, para a alimentação, e para a organização das atividades e oficinas. De fato, uma parte considerável dos estudantes estavam empenhados com a organização da agenda de atividades, com a organização dos espaços, e com a distribuição das tarefas.

A própria ideia de relacionar tarefas específicas com os gêneros foi rompida. Rapazes faziam tarefas consideradas culturalmente femininas, e vice-versa. Assim, desde o primeiro dia, foram criados grupos mistos para cada função. Inclusive, alguns pais relataram, surpresos, o comprometimento de seus filhos e filhas com as tarefas que cada um assumia na escola. Escutei de uma mãe, que estava contribuindo com a ocupação, que jamais imaginava o seu filho limpando um banheiro pois em casa o mesmo não contribuía com nada. Desta forma, a ocupação na escola Fen'nó demonstrou-se como um bom exemplo de espaço autogestionado de uma coletividade autônoma.

O segundo ponto que gostaria de destacar aqui, sobre as decisões que os estudantes tomaram na assembleia, é referente a concepção de liderança. Neste quesito, consideraram melhor não terem um líder ou grupo de liderança específico. Qualquer decisão deveria ser debatida pela assembleia. Sendo assim, ninguém poderia responder pelo movimento sem que os demais permitissem.

Um exemplo disto ocorreu na presença de uma emissora local de televisão. Quando a jornalista chegou para fazer a reportagem, a escola foi fechada para evitar

a entrada dos mesmos. Neste momento, os estudantes que estavam ali, reuniram-se para decidir o que fariam. Todos tinham receio de falar com a mídia pois já haviam distorcido as palavras de uma estudante de outra ocupação de Chapecó, tentando jogar a opinião pública contra os ocupantes. Para evitar este problema, decidiram que ninguém falaria com a imprensa. Tiveram que passar no ar as imagens da escola fechada com as faixas reivindicatórias, dizendo que era mais uma das escolas ocupadas no município de Chapecó.

Para além deste exemplo de horizontalidade, muitos outros ocorreram. Contudo, teve uma situação com um estudante que queria se colocar como liderança. Foi um momento complicado pois poderia rachar com a organização do movimento. Mas, mais uma vez os alunos nos surpreenderam pois conseguiram isolar os anseios autoritários do rapaz sem afastá-lo da ocupação. O mesmo continuou participando, embora com menos frequência, das atividades e oficinas da ocupação.

Os comitês organizados estavam funcionando bem, cada qual com sua função. Os comitês da limpeza e da alimentação tinham um cronograma diário para seguir. Além de cuidarem da gestão dos seus respectivos materiais como produtos de limpeza e gêneros alimentícios. No primeiro sinal de diminuição do estoque já comunicavam os demais. Aí a equipe de comunicação buscava fazer os contatos para obter mais doações, visto que não poderia ser utilizado material da escola. As doações eram conseguidas, geralmente, com os sindicatos sediados na cidade. A comunicação cuidava, também, das redes sociais da ocupação, basicamente a página no Facebook.

A segurança cuidava da circulação de pessoas estranhas, pois pessoas de fora vinham visitar a ocupação, e faziam rondas na parte noturna em horários pré estabelecidos. Por último, a equipe referente às atividades e oficinas organizavam as ideias que chegavam e tentavam montar um cronograma de atividades para cada dia. Em alguns momentos pediam auxílio para nós professores que dávamos contatos para eles convidarem pessoas para realizarem oficinas. Por outras vezes, permitiam que nós mesmos entrássemos em contato com pessoas que poderiam ajudar com alguma oficina.

Outro acontecimento importante para ser relatado, foi a ida de alguns estudantes para a audiência pública sobre a reforma do ensino médio. A audiência ocorreu em Florianópolis, e por conta disso alguns sindicatos contribuíram para

colocar um ônibus à disposição dos estudantes ocupantes que quisessem ir para a audiência. Foram escolhidos quatro estudantes para representar a escola Fen'nó na audiência pública em Florianópolis. Por serem menores de idade, tinha-se a exigência de que um professor os acompanhasse. Acabei sendo designado para esta tarefa. Para mim foi uma excelente oportunidade para observar o contato entre experiências diferentes de ocupação.

Ao chegarmos em Florianópolis, fomos visitar a ocupação no Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC - situado na capital do estado. Já que a audiência seria na parte da tarde. Ao entrarmos no prédio do IFSC, foi evidente os elementos que marcavam o posicionamento político/ideológico daquela ocupação. Havia bandeiras rubro negras com as cores divididas em diagonal, a simbologia anarquista da letra "A" dentro de um círculo, e várias faixas enaltecendo princípios como a ação direta, o apoio mútuo, a horizontalidade, entre outros. Elementos que apontam um perfil libertário daquela ocupação.

Os estudantes de Florianópolis, aproveitando a presença do pessoal do oeste do estado, propuseram uma roda de conversa para partilhar as experiências entre os representantes de escolas ali presentes. A conversa foi muito produtiva mas, destaco aqui a fala dos estudantes de Florianópolis pois foi impactante para os estudantes da escola Fen'nó. A fala deles reforçavam toda a simbologia presente nos cartazes, com apontamentos sobre a importância da horizontalidade para manter a organicidade da ocupação. Toda aquela estética libertária, somada à fala dos estudantes de lá, repercutiu nos quatro estudantes indígenas.

A audiência pública em si não nos oferece muitos elementos para este trabalho. Depois da fala das autoridades sobre a reforma do ensino médio, foi aberto o microfone aos estudantes. Entretanto, depois de poucas falas, a audiência foi cancelada alegando desrespeito dos estudantes para com as autoridades presentes.

Sendo assim, volto a reforçar que a experiência mais impactante para os estudantes indígenas foi o contato com a ocupação do IFSC. Da audiência pública restou a indignação de viajarem o estado inteiro para ouvir uma autoridade e depois não serem ouvidos, saindo de lá sem nenhum tipo de resposta.

Outro ponto relevante foram os debates realizados, cita-se aqui alguns exemplos como: questão de gênero; socialismo libertário; movimento e promoção dos direitos indígenas; realidade da juventude carcerária catarinense; dentre outros. A maior parte dos debates foram propostos pelos próprios estudantes, enquanto os

demais eram propostos por professores indígenas e não indígenas. Tais discussões contribuíram para o enriquecimento intelectual dos estudantes, visto que ocorreram debates sobre temas que em sala de aula eles não aprenderiam. Alguns dos estudantes falavam exatamente isso, a oportunidade de aprender coisas diferentes e de uma maneira diferente.

Registra-se aqui três destes momentos. Primeiro, após a visita na ocupação do IFSC de Florianópolis, os estudantes ficaram com vontade de saber mais sobre o anarquismo. Desta forma, pediram-me se eu podia fazer uma oficina sobre o socialismo libertário. Aceitei a proposta e realizei uma roda de conversa com eles, onde foi desmistificado as ideias existentes no senso comum sobre a anarquia definindo-a a partir de sua história e autores/militantes próprios. Nesta atividade, vários estudantes perceberam a semelhança da proposta anarquista com o modelo de organização que eles tinham adotado para a ocupação. Principalmente aqueles que tinham ido na audiência pública.

Já o debate sobre gênero e feminismo provocou certo desconforto em algumas meninas habituadas a um discurso do patriarcado. Mas, ao mesmo tempo, foi oportuno para que algumas delas se percebessem enquanto sujeitas ativas na própria dinâmica da ocupação. Particularmente não pude acompanhar esta atividade. Mas em conversa posterior com alguns estudantes e professores, percebi que foi uma fala que espantou as mulheres adultas (no caso, algumas mães de estudantes) e, ao mesmo tempo, encheu de possibilidades as meninas mais novas. Isto, ficou perceptível na fala de algumas delas em minhas aulas nos dois anos seguintes.

O terceiro momento, que aqui se destaca, é referente ao debate do movimento indígena e a promoção de seus direitos. Uma estudante do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS - se ofereceu para esta tarefa, sendo devidamente acatado pelos estudantes. A universitária trouxe este debate a partir de um documentário sobre a temática. A roda de conversa fluiu bem mais pois, sem ser combinado, havia a presença de um ancião da comunidade que tinha participado das mobilizações indígenas que o documentário relatava. O audiovisual tratava, de maneira específica, da luta indígena na elaboração da Constituição Federal de 1988. A presença do ancião foi tão rica, que alguns estudantes foram procurar o mesmo para conversarem um pouco mais depois da oficina.

Enfim, estes e outros debates contribuíram não só com uma ampliação do leque de conhecimento dos estudantes. Mas também com a possibilidade de perceber que o processo de ensino/aprendizagem pode ocorrer de uma maneira diferente, mais eficiente e libertadora. Até porque, as atividades consideradas lúdicas também tinham um teor de aprendizagem. Até nos finais de semana.

Sobre isto, cito a oficina de capoeira ofertada por outro estudante de Ciências Sociais da UFFS. Este trouxe consigo seus companheiros e companheiras de grupo de capoeira para poderem contribuir com a oficina. O grupo ensinou alguns movimentos, falou e demonstrou alguns instrumentos, e colocou o pessoal na roda para praticar um pouco. Mas o que mais se destacou foi a fala tanto do estudante universitário quanto do mestre de capoeira daquele grupo. Fizeram um breve relato da história da capoeira e sua marginalização, assim como da marginalização do povo negro. Também relacionaram a perseguição ao povo negro com a perseguição ao povo indígena. Mostrando a necessidade de união entre estes povos para poderem superar a estrutura social de marginalização dos mesmos.

Relatado as atividades, oficinas e organicidade da ocupação da escola Fennó, trago neste momento o dia que a ocupação se findou. Na segunda semana, os estudantes estavam com muita dificuldade de permanecer ocupando a escola. Mesmo com todo o suporte de boa parte da comunidade indígena, respaldados pelas lideranças locais. Todavia, como haveria uma manifestação convocada a nível nacional para aquela sexta-feira, os estudantes fizeram uma assembleia e definiram que aguentariam até o dia da mobilização.

Chegado o dia não somente os estudantes mas seus pais e as lideranças da comunidade, fizeram-se presentes de forma massiva. Eles davam o tom em alguns momentos da manifestação, chamando a atenção com suas danças, suas lanças, pinturas e gritos de guerra. E com esta participação na mobilização de rua, os estudantes da escola Fen'nó enceraram a ocupação. Naquela noite todos eles retornaram para suas casas, deixando a escola desocupada, restando apenas alguns colchões que foram buscados na segunda-feira seguinte.

A partir de agora, continuo meu relato com os períodos posteriores à ocupação. Isto é possível pois me mantive professor da escola Fen'nó por mais dois anos, entre 2017 e 2018. Acredito ser importante relatar os momentos relacionados com atividades extracurriculares como o projeto Saberes Indígenas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e a semana cultural indígena promovida pela

própria escola. Também é importante destacar algumas das manifestações que envolveram a comunidade indígena.

O projeto Saberes Indígenas é uma iniciativa de um grupo de pesquisadores da UFSC, com o objetivo de garantir a preservação das culturas indígenas do estado de Santa Catarina. Trabalham com os professores das diversas terras indígenas do estado, incluindo os Kaingang, os Guarani e os Xokleng. No projeto, são desenvolvidos vários momentos de escuta com os anciões. Posteriormente os professores da escola indígena trabalham com os alunos a partir de oficinas, buscando colocar em prática os ensinamentos dos anciões. No final de cada ciclo do projeto, é confeccionado algum tipo de material para deixar registrado o conhecimento produzido nas oficinas a partir dos relatos dos anciões.

Uma das atividades do foi voltada a culinária Kaingang. Nesta, como relatado acima, os anciões falaram sobre as plantas e outros alimentos que eram consumidos pelos antepassados. Em seguida, os estudantes e professores, as vezes acompanhados por algum ancião, iam para as partes coletivas da comunidade coletar as plantas que hoje conhecemos por Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANCs – e posterior preparo.

Era interessante ver a integração de gerações diferentes, e a reprodução do conhecimento dos “antigos” a partir de atividades práticas. No momento de socialização, diversas gerações se reuniam ao redor do fogo para aprender como eram feitos os alimentos e depois poder participar da partilha e degustação. Nesta atividade foi realizado, também, o desenvolvimento de remédios naturais como o xarope feito de sete ervas, entre outros.

Atividades diferenciadas e que possibilitam outras formas de aprendizagem aos alunos, também eram desenvolvidas na preparação da semana cultural indígena. Lembrando que este evento é promovido anualmente pela escola, onde a mesma se abre para que diversas escolas da região tragam seus alunos para conhecer a cultura Kaingang e Guarani. Durante a semana, é apresentado a cosmologia, a medicina, a culinária, a arte, a música, a dança, as práticas esportivas, entre outros elementos e atividades referentes a cultura desses povos.

Destas atividades, eu mesmo pude colaborar como professor da escola. Por isso, destaco aqui um trabalho realizado por mim em conjunto com outros dois professores. Em um primeiro momento, fizemos uma aula conjunta juntando as três turmas do ensino médio. A aula teve o intuito de mostrar a relação de

conhecimentos científicos com os saberes do povo Kaingang, em relação aos remédios naturais.

Em um segundo momento, levamos eles para uma saída de campo na própria comunidade. Passamos a manhã inteira nesta atividade, onde os estudantes deviam interagir com as pessoas da comunidade perguntando sobre as ervas medicinais que conheciam e a importância das mesmas para a cultura de seu povo. Outras questões como forma de preparo, relação de respeito com a planta e os horários devidos de coleta, também foram levantados pelos estudantes.

Ao realizarem todo este levantamento perante a comunidade, os estudantes começaram a produzir materiais sobre as informações. Nós, professores, fazíamos apenas a intermediação daquilo que os estudantes estavam realizando. O restante era com eles, elaboração do material que seria exposto, a coleta e identificação de ervas medicinais que seriam expostas para os visitantes, entre outras coisas.

Outro exemplo de atividade, que também pude contribuir, com mais dois professores, foi relacionada à territorialidade e resistência indígena. Aqui, inicialmente, juntamos as três turmas de ensino médio para uma roda de conversa sobre os preconceitos sofridos pelos povos indígenas. Desta conversa, um dos pontos trazidos era a questão da terra.

Sendo assim, pedimos para que os estudantes se juntassem por afinidade. Independente se fosse ou não da mesma série. A partir daí pedimos para que cada grupo desenvolvesse alguma coisa relacionado ao tema. Alguns realizaram pesquisa sobre a história das demarcações de terra, sobre o mapa de demarcações no estado de Santa Catarina e a porcentagem destas demarcações. Outros foram entrevistar seus avôs, antigas lideranças da comunidade, para poder produzir um material sobre a participação dos anciões na luta pela demarcação de terra.

O interessante da semana cultural indígena, falando internamente, é a interação dos estudantes com a comunidade para poder assimilar os saberes tradicionais com os científicos. E isto sempre foi feito dando autonomia para o estudante ir buscar as informações e traduzi-las em algum tipo de produção para poder mostrar aos visitantes.

Além das atividades diferenciadas, referentes aos Saberes Indígenas e a semana cultural, pude presenciar diversos momentos onde a comunidade se mobilizou para tentar garantir uma série de direitos por vezes ameaçados. Teve protesto por conta das estradas da comunidade, por conta da saúde indígena, ou

sobre a revisão do marco temporal referente às demarcações de terras indígenas. Assim como no caso da ocupação da escola Fen'nó, a comunidade se envolveu bastante nestes outros atos.

Sobre o fechamento da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI, e a devida municipalização da saúde indígena, recordo-me que houve diversos atos por onde tinha terra indígena. No nosso caso, as lideranças indígenas em diálogo com os professores indígenas resolveram fechar a escola naquele dia de protestos. Por consequência, boa parte dos estudantes foram juntos para a manifestação. Ali os presentes fechavam, de tempos em tempos por conta de um acordo com a polícia, a rodovia que interliga as cidades de Chapecó, Paial e Seara. Apesar de um número grande de participantes, visto que pessoas de outras duas terras indígenas da redondeza estavam ali presentes, o grupo conseguiu gerir muito bem o momento do almoço, onde cada um contribuiu da forma que dava. O interessante foi perceber o apoio mútuo e a autogestão entre eles.

Outro momento de manifestação que relato aqui, foi referente ao mau estado das estradas na comunidade. Isto causou revolta pois os ônibus escolares não conseguiam passar em alguns lugares. Por este motivo, tinham alunos que passaram duas semanas sem poder ir à aula. Os professores indígenas acionaram as lideranças da comunidade para resolver o problema. Não tendo acordo, as atividades na escola foram paralisadas e a comunidade foi em peso trancar a rodovia que corta a terra indígena. Como é o meio de locomoção principal para quem quer ir ou sair do município de Paial, no mesmo dia o secretário de obras se fez presente para poder negociar. No dia seguinte as máquinas estavam arrumando as estradas da comunidade, e aos poucos os estudantes que estavam sem ir para a aula foram retornando. Este exemplo mostra a força da ação direta deste povo, e como isso pode ser ensinado aos mais novos através da prática, da experiência.

Um último ponto que posso relatar, foi no ano de 2019. Agora não mais como professor, mas como um agente externo que realiza uma visita. Compareci na escola neste momento pois fiquei sabendo que haveria uma reunião das lideranças indígenas da região sul do Brasil. A reunião tinha como objetivo discutir ações para poder frear o corte do SESAI. Trago este ponto para refletir o seguinte: mesmo com muitas divergências entre eles, é possível identificar o comprometimento de boa parte das comunidades quando algo é decidido e afeta negativamente todos como povos indígenas.

Estes exemplos de atividades diferenciadas na escola indígena, e os exemplos das várias manifestações realizadas pelos povos indígenas, mostra-nos não necessariamente um reflexo do que foi a ocupação escolar nesta comunidade em específico. Mas creio que o contrário. Acredito que a ocupação, no caso da escola Fen'nó, seja sim um reflexo do histórico de lutas do povo Kaingang. Onde os mais jovens aprendem com o exemplo dos mais velhos e depois, como na ocupação, mostram a capacidade de serem também protagonistas de sua luta.